Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social

Fábio Aguiar Lisboa

Após o 7 a 1: A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira

Rio de Janeiro
2016

Fábio Aguiar Lisboa

Após o 7 a 1: A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/Uerj). Área de concentração: Cultura de massa, Cidade e Representação.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A282 Lisboa, Fábio Aguiar.
Após o 7 a 1: A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira / Fábio Aguiar Lisboa. – 2016.
134 f.

Orientador: Ronaldo George Helal.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação Social –Teses. 2. Imprensa – Brasil – Teses. 3. Comunicação de massa e esportes – Teses. 4. Futebol – Teses. I. Helal, Ronaldo George. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es CDU 080(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Fábio Aguiar Lisboa

Após o 7 a 1: A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/Uerj). Área de concentração: Cultura de massa, Cidade e Representação.

Aprovada em 24 de Junho de 2016.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Ronaldo George Helal (Orientador)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

_____

Prof.ª Dra. Letícia Cantarela Matheus

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

_____

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Para minha pequena e linda Marina, fonte de alegria e amor sem igual.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa Renata, pela parceria, cuidado e carinho. Te amo!

À mamãe Elza, pelo incentivo e amor.

Ao saudoso papai Fábio, por me ensinar o valor do trabalho e do esforço.

Ao irmão André, pela amizade que igual não há.

À Gláucia, Beatriz, Carol e Isabel, pelos encontros alegres e risonhos.

A Paulo, por seu exemplo e conversas.

Aos amigos e familiares, pela torcida.

A meu orientador Ronaldo Helal, pela generosidade, confiança e palavras de incentivo. Fundamental para realizar esta travessia.

Aos professores, colegas e funcionários do PPGCOM/UERJ pelos ensinamentos, momentos de troca e todo auxílio.

A Deus, pelo amor sem igual que dá sentido à minha existência. Tudo é para Ti!

Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas, graças a Deus, não sou o que era antes.

Marthin Luther King Jr.

Não existe no futebol ou em qualquer atividade uma rígida divisão entre o antigo e o novo. Os tempos se misturam. A memória é o elo entre o passado e o presente.

Tostão

RESUMO

LISBOA, Fábio Aguiar. *Após o 7 a 1: A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira*. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Este trabalho se volta para as narrativas elaboradas por jornalistas e colunistas esportivos brasileiros no decorrer de um grande evento do universo do esporte, a Copa do Mundo da Fifa de 2014. No momento da realização desta competição havia uma grande expectativa sobre a performance do time do Brasil, que após um hiato de 64 anos teria a novamente a oportunidade de conquistar um título do Mundial de futebol em seu território, feito ainda não alcançado. É importante salientar que existe entre parte da imprensa brasileira a percepção de que a identidade brasileira se manifesta a partir de um estilo de jogo conhecido como futebol arte, o que aumenta ainda mais a expectativa pela conquista de um título pela seleção brasileira na competição disputada no Brasil. Diante deste contexto, este estudo sobre as narrativas da imprensa brasileira sobre a Copa de 2014 parte de uma hipótese principal, a de que em um determinado momento do evento os relatos elaborados pelos jornalistas brasileiros atingem um ponto em que mudam o rumo que estavam tomando até então. Este ponto de mudança acontece após a derrota do Brasil para a Alemanha por 7 a 1 em jogo válido pelas semifinais do certame. A partir deste momento as narrativas da imprensa brasileira sobre a Copa de 2014 são levadas a um desfecho surpreendente quando se considera os relatos que os jornalistas brasileiros elaboravam no início da competição. Além disso, nesta tarefa de observação das narrativas sobre a Copa de 2014 uma categoria acaba recebendo destaque especial, a Memória. Isto acontece por causa da segunda hipótese deste trabalho, a de que, no futuro, quando se fizer referência ao Mundial realizado no Brasil, a imprensa brasileira vai acionar preferencialmente uma das inúmeras versões usadas para tentar explicar a derrota de 7 a 1 para a Alemanha.

Palavras-chave: Imprensa. Esporte. Memória. Narrativas. Seleção Brasileira.

ABSTRACT

LISBOA, Fábio Aguiar. *After 7-1: The influence of the defeat to Germany in the narratives of the Brazilian press*. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This work deals with the narratives developed by Brazilian sports journalists during the FIFA World Cup 2014. At the moment of this competition there was a great expectation on the performance of Brazilian national soccer team, because after a hiatus of 64 years it would have again a chance to win a World Cup title in its territory, deed not reached yet. It is important to note that some journalists have the perception that the Brazilian identity manifests itself from a style of play known as football art, which increases the expectation that the Brazilian National Soccer Team win the title. From this context, this study of the narratives of the Brazilian press about the 2014 World Cup start with a main hypothesis, that at a certain time of the narratives produced by Brazilian journalists they reach a point where they change the direction they were taking until then. This point of change happens after the defeat of Brazil to Germany by 7-1 in a game by the event's semifinals. From this moment the narratives of the Brazilian press about the 2014 World Cup are led to a surprising outcome when considering the narratives that Brazilian journalists made at the beginning of the competition. Moreover, in this task of observing the narratives of the 2014 World Cup a category get special attention, Memory. This happens because the second hypothesis of this work, that in the future, when reference is made to the 2014 World Cup, the Brazilian press will trigger preferably one of the many versions used to try to explain the defeat by 7-1 to Germany.

Keywords: Press. Sport. Memory. Narratives. Brazilian National Soccer Team.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
1 **REFERENCIAIS TEÓRICOS** 14
1.1 **Narrativa, uma construção com efeito de verdade** 14
1.2 **Uma introdução ao conceito de Memória** 17
1.3 **Memória coletiva** 21
1.4 **Jornalistas como enquadradores de memória** 25
1.5 **Seleção brasileira como um lugar de memória** 26
1.6 **Mídia e memória** 28
2 **AS COPAS DO MUNDO NO BRASIL** 31
2.1 **Preparativos para o Mundial de 1950** 31
2.2 **Futebol e identidade brasileira** 35
2.3 **Brasil em campo em 1950** 40
2.4 **Brasil e Uruguai, um jogo para lembrar** 42
2.5 **Uma nova chance de conquistar o título em casa** 45
2.6 **Brasil em campo no Mundial de 2014** 53
3 **NARRATIVAS SOBRE A COPA DE 2014** 56
3.1 **O Globo** 57
3.2 **Folha de São Paulo** 58
3.3 **Desconfiança da organização e fé na seleção** 59
3.4 **Neymar, um candidato a herói** 64
3.5 **Felipão, de técnico campeão a *persona non grata*** 73
3.6 **Uma seleção à beira de um ataque de nervos** 80
3.7 **Uma torcida brasileira, “com muito orgulho, com muito amor”** 86
3.8 **Brasil em campo, da Croácia à Alemanha** 90
3.9 **Expectativa para o jogo com a Alemanha** 94
4 **NARRATIVAS EM TORNO DO 7 A 1** 99
4.1 **Um novo Maracanazo?** 100
4.2 **Buscando explicações para a derrota** 102
4.3 **Modelo Alemanha** 106
4.4 **Orgulho da organização da Copa e crise na seleção** 109
4.5 **Uma lembrança duradoura** 112

4.6 **Um ano após o Mineiratzen**.....114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....121
REFERÊNCIAS 125

INTRODUÇÃO

Entre as capacidades que singularizam o ser humano está a de registrar. Registrar bens que possui, histórias que circulam na comunidade da qual faz parte, emoções que experimenta e situações que vivencia.

Se até o advento da escrita a possibilidade de registro apresentava grandes limitações, na contemporaneidade, com a multiplicação de inovações tecnológicas, a capacidade de registro de informações alcança um patamar alto.

No contexto atual há uma grande variedade de assuntos que são objeto de registro, e muitas são as formas de realização destes registros.

Entre os assuntos que são alvos de registro na contemporaneidade estão os de interesse comum, como ações governamentais e políticas, manifestações artísticas e grandes eventos, dentre os quais são destacados aqui os de natureza esportiva, como edições dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos e campeonatos mundiais das mais diversas modalidades, como a Copa do Mundo de futebol.

Uma das formas de realização de registros destas competições é por meio da imprensa, que relata ao grande público o desenvolvimento do evento em questão e elabora diferentes relatos, sejam eles sobre atletas, equipes, países ou outros personagens.

O objetivo dessa dissertação é se voltar para as narrativas elaboradas por jornalistas e colunistas esportivos no decorrer de um grande evento do universo do esporte, a Copa do Mundo da Fifa de 2014[1].

Ao se observar as narrativas sobre a Copa de 2014 na imprensa brasileira pode-se identificar uma espécie de organização delas. Inicialmente é possível afirmar que existe um grande arco narrativo que aborda a competição como um todo, relatando a expectativa em torno da sua realização (com seus desdobramentos sociais, políticos e econômicos), compartilhando seu desenvolvimento esportivo e suas consequências. Além disso, em paralelo a esta grande narrativa, a imprensa também constrói pequenos relatos. Relatos mais curtos vinculados à narrativa principal, que a compõem, e que se concentram em

[1] Para evitar a repetição excessiva da expressão Copa do Mundo da Fifa de 2014, no decorrer do texto vão ser usadas as seguintes palavras e expressões para se referir a este evento: Mundial, Copa do Mundo, Copa, competição, evento e certame.

personagens ou circunstâncias pontuais, como um determinado atleta, o desempenho de uma equipe, ou um fato, ou personagem, curioso.

Este estudo sobre as narrativas da imprensa brasileira sobre a Copa de 2014 parte de uma hipótese principal, a de que em um determinado momento do evento todos estes relatos atingem um ponto de mudança do rumo que estavam tomando até então. Este ponto de mudança acontece após a derrota do Brasil para a Alemanha por 7 a 1 em jogo válido pelas semifinais do certame. A partir deste momento, segundo nossa hipótese, as narrativas sobre o time do Brasil assumem um novo caminho, o que leva as narrativas da imprensa brasileira sobre a Copa de 2014 a um desfecho surpreendente quando se considera os relatos que a imprensa fazia no início da competição.

Nesta tarefa de observação das narrativas sobre a Copa de 2014 um conceito acaba recebendo destaque especial no presente estudo, o de Memória[2]. Isto acontece por causa da segunda hipótese deste trabalho, a de que, no futuro, quando se fizer referência ao Mundial realizado no Brasil, a imprensa brasileira vai acionar preferencialmente uma das inúmeras versões usadas para tentar explicar a derrota de 7 a 1 para a Alemanha.

No presente estudo também receberão destaque especial as narrativas que tratam de episódios que aconteceram no passado e as lembranças que são citadas no momento de elaboração das matérias jornalísticas sobre o Mundial de 2014, de forma que se possa observar de que forma memórias de Copas anteriores são acionadas nesta ocasião.

Pensando nisto, o trabalho é iniciado com a apresentação dos referenciais teóricos que nortearão a análise feita aqui. O primeiro deles é o conceito de Narrativa[3], que, inicialmente, se limita a estudos do campo da Literatura, mas que com o decorrer do tempo passa a ser usada em inúmeras pesquisas no campo da Comunicação. No presente trabalho este conceito é de fundamental importância, pois ele se fundamenta na observação das narrativas elaboradas pela imprensa brasileira no decorrer da Copa de 2014.

---

[2] Para fazer uma distinção entre o conceito de Memória, com todas as considerações teóricas que carrega consigo, e a ação de se lembrar de fatos do passado, vamos usar a forma em caixa alta para nos referirmos ao conceito de Memória, e a forma em caixa baixa para nos referirmos ao ato de lembrar.

[3] Assim como foi feito com ao conceito de Memória, vamos nos valer do artificio de usar a forma em caixa alta Narrativa ao nos referirmos ao conceito com todas as considerações teóricas que carrega consigo e a forma em caixa baixa narrativa quando estivermos nos referindo a um relato.

O segundo referencial adotado nesta pesquisa é a dos estudos sobre narrativas da imprensa que afirmam que acontece a construção de uma pretensa identidade brasileira no universo do futebol através de um estilo de jogo conhecido como futebol arte[4]. Para isto, serão consideradas as contribuições teóricas de pesquisadores como Ronaldo Helal, Roberto DaMatta, Bernardo Buarque de Hollanda, Simoni Guedes e Carlos Eduardo Sarmento.

O terceiro, mas não menos importante, marco teórico adotado é o do estudo da Memória. Para a fundamentação deste aspecto do trabalho serão usadas contribuições teóricas de pesquisadores do campo da Memória como Michael Pollak, Paul Ricoeur, Jacques Le Goff, Maurice Hallbacks, Pierre Nora e Andreas Huyssen.

Já o segundo capítulo se volta, incialmente, para a contextualização do Mundial de 1950, descrevendo a mobilização em torno da organização da competição e a expectativa de que a conquista dela pudesse servir como uma sinalização de que o Brasil alcançava um novo patamar como nação. Além disso, é descrita a campanha da seleção brasileira dentro de campo na competição de 1950. Em um segundo momento é feito um trabalho semelhante em torno da Copa de 2014. Primeiro a atenção se voltará para os antecedentes do Mundial de 2014, e depois o destaque será a atuação dos jogadores brasileiros dentro de campo.

Com todos estes elementos postos, no terceiro capítulo começa efetivamente o trabalho de observação das narrativas da imprensa brasileira sobre a seleção brasileira na Copa de 2014. Nesta parte do trabalho a proposta é se concentrar nas narrativas elaboradas até a derrota do Brasil para a Alemanha. Para facilitar a observação e análise destes relatos, eles são organizados a partir de eixos temáticos. Além disso, para a realização desta tarefa se adotará um caminho metodológico, o da análise das narrativas, considerando a importância das mesmas para a construção da memória coletiva do evento.

O quarto capítulo é voltado para as narrativas da imprensa brasileira elaboradas após a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha. O objetivo aqui é,

---

[4] Uma consideração interessante de Santoro (2005) é a de que, apesar de o futebol arte ter o status de estilo brasileiro, “quem acompanha minimamente qualquer campeonato regional, e mesmo o campeonato brasileiro, sabe que existem diversas equipes e treinadores que adotam o estilo cauteloso e defensivo de jogar futebol”. Porém, o pesquisador afirma que, “quando o assunto é a seleção brasileira, parece surgir uma aura mágica, possivelmente motivada pelo patriotismo e pela nossa autoimagem, que constroem características tão ao gosto do que nós teríamos prazer em ouvir a respeito de nós mesmos” (SANTORO, 2005, p. 94).

primeiro, tentar evidenciar que houve uma mudança na trajetória das narrativas da imprensa brasileira após esta derrota. O segundo objetivo é o de avaliar de que forma a imprensa brasileira qualifica este episódio, desta maneira o localizando dentro da história da seleção brasileira em Copas do Mundo. Neste ponto será de grande importância destacar como os jornalistas brasileiros usaram as memórias da Copa de 1950 para localizar a derrota de 7 a 1 dentro da história da seleção.

Por fim, o terceiro objetivo será o de testar a hipótese de que a derrota de 7 a 1 pode se tornar uma lembrança acionada preferencialmente pela imprensa brasileira quando fizer referencia à Copa de 2014. Para isto serão avaliadas narrativas da imprensa brasileira veiculadas um ano após a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha, e que tipo de memórias são acionadas nesta oportunidade.

Por mais paradoxal que possa parecer, este trabalho pode ser iniciado com uma conclusão, a de que a observação das narrativas da imprensa sobre a Copa de 2014 fica ainda mais rica quando se mantém um olho fixo no Mundial de 1950[5]. Apesar de os dois eventos estarem separados por um hiato de 64 anos, a influência do primeiro sobre o segundo é evidente nas narrativas da imprensa brasileira. Assim, uma pergunta que pode surgir desta constatação, e que vai nortear a realização deste trabalho, é: Será que a derrota para a Alemanha em 2014 se tornará em um marco nas narrativas da imprensa brasileira a partir de então?

[5] Fazendo um paralelo com as afirmações feitas pelo professor de Literatura Frederico Coelho sobre a memória coletiva da Semana de Arte Moderna, é possível afirmar que a Copa de 1950 se tornou um marco, “um momento específico, único e definitivo de nossa história cultural” (COELHO, 2012, p. 23). Isto talvez explique a razão de a Copa de 1950 continuar a ser revisitada pela imprensa brasileira mesmo após mais de 60 anos de sua realização.

1 **REFERENCIAIS TEÓRICOS**

Antes da análise das narrativas da imprensa brasileira sobre a Copa de 2014 é necessário que sejam evidenciadas as opções teóricas que guiam a realização desta pesquisa. A primeira está relacionada ao conceito de Narrativa. A segunda trata da percepção de que existe uma pretensa identidade brasileira que é manifestada a partir da prática de um estilo de futebol. E a terceira é ligada ao conceito de Memória.

1.1 **Narrativa, uma construção com efeito de verdade**

Por um amplo período de tempo prevaleceu a percepção de que a imprensa tinha a capacidade de produzir relatos fiéis, e sem distorções, de acontecimentos, se constituindo desta forma em uma espécie de espelho da realidade. Segundo Traquina (2005, p. 147) a ideia dominante seria a de que "o jornalista é um comunicador desinteressado (...), um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doa a quem doer". Contudo, a partir de meados dos anos de 1970, com o advento das teorias do newsmaking[6], há uma mudança na compreensão da prática jornalística, que passa a ser vista não mais como um espelho da realidade, mas como uma construtora social de realidade influenciada por um sem número de circunstâncias:

> Um dos pontos mais polêmicos, sobretudo para os profissionais, prende-se à ideia de que o jornalismo não é um espelho a partir do qual vemos nitidamente, e sem distorções, o que se passa à nossa volta. Contrariamente, é um construtor da realidade, limitado a um sem número de condicionalismos, próprios das chamadas rotinas de produção (ARAÚJO, 2011, p. 7).

[6] Estas teorias se voltam para o emissor e para o processo de produção de notícias. É importante salientar que até então o interesse predominante dos pesquisadores se concentrava nos receptores e na mensagem. O objetivo principal era avaliar a efetividade da mensagem transmitida, e se a mesma não apresentava distorções. Para mais informações sobre as diferentes teorias da Comunicação ver França, Hohlfeldt e Martino (2001).

Desta forma diversos pesquisadores passam a entender os produtos dos veículos de comunicação (como notícias e reportagens) não como relatos fiéis da realidade, mas como Narrativas, que passam a ser objeto de pesquisas.

Contudo, os estudos sobre Narrativas nem sempre estiveram presentes no universo da Comunicação. Em um momento inicial eles se localizavam no universo da Literatura, com pesquisas relacionadas aos três gêneros literários. Nestes estudos, o romance, tido como o gênero que representa a modernidade, era entendido como o modelo símbolo do que então se entendia como Narrativa[7].

Este panorama muda na segunda metade do século XX, quando acontece uma transformação significativa em aspectos conceituais dos estudos das Narrativas. Neste momento estes estudos assumem um caráter transdisciplinar. Além disso, a partir desta mudança o conceito de Narrativa sofre uma ampliação, deixando de estar relacionada apenas à linguagem verbal e escrita, e se ligando a outros suportes.

Seguindo esta perspectiva, o crítico literário francês Gérard Genette define a Narrativa da seguinte forma: “A Narrativa é uma representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem, e mais particularmente da linguagem escrita” (GENETT, 1972, p. 255). Esta explicação evidencia que a Narrativa não oferece a quem a lê o acontecimento em si, um retrato fiel dele, mas sim uma reconstrução do acontecimento em questão.

Porém, a perspectiva de Narrativa a ser considerada aqui não está no campo da Literatura, mas sim no campo da Comunicação. Considerando isto, Resende (2006) afirma que as Narrativas possuem um importante papel no mundo contemporâneo, “primeiro porque nelas são tecidos os saberes acerca do mundo, depois porque, a partir delas, outros saberes são construídos”. Além disso, ele afirma, considerando a presença das Narrativas na comunicação midiática que, “se há alguma mediação possível, pelo menos em se tratando do campo dos *media*, ela acontece na e através das Narrativas” (RESENDE, 2006, p. 162).

---

[7] Walter Benjamin, por exemplo, tem um estudo voltado para a obra do escritor russo Nikolai Leskov no qual afirma que “a arte de narrar está em vias de extinção” (BENJAMIN, 1994, p. 197). Este diagnóstico estaria relacionado ao surgimento do romance. Isto porque a Narrativa, segundo ele, dependeria da troca de experiências entre indivíduos para se formar, dinâmica esta que não está presente no romance, que não “procede da tradição oral nem a alimenta”, mas que “está essencialmente vinculado ao livro. A difusão do romance só é possível com a invenção da imprensa”, afirma Benjamin (1994, p. 201). Outra característica da Narrativa que estaria em vias de extinção, segundo Benjamin, é a de que “ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa atitude pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Segundo esta perspectiva, o texto narrativo leva a um olhar mais detido para a prática da enunciação. Para Marques (2012), o “texto narrativo se caracteriza (...) pela existência de uma instância enunciadora que relata eventos reais ou fictícios, que se sucedem no tempo e no espaço, independente dos tipos de personagens aí implicados”. Porém, ele faz uma ressalva para o fato de que “narrar nem sempre é literatura – caso contrário, qualquer notícia de jornal que relatasse um fato (...) poderia ser entendida como obra literária” (MARQUES, 2012, p. 123).

Observando a prática da enunciação na prática do jornalismo, Resende (2006) afirma, em primeiro lugar, que o profissional de imprensa adota algumas estratégias de forma que ele não possa ser identificado como autor do texto (postura que não é adotada no caso de colunistas, que têm seu posicionamento pessoal como valor maior): “O jornalista, diante de pressupostos conceituais que formatam o seu texto (...) se esvai do narrado e raramente se apresenta como autor. Não há, na perspectiva da narrativa jornalística tradicional, alguém que conta a história” (RESENDE, 2006, p. 164).

O pesquisador também chama a atenção para o fato de as narrativas jornalísticas terem de lidar com a sua natureza autoritária, que aparece de maneira velada: “Nas narrativas jornalísticas, o ato de narrar é uma problemática a ser enfrentada. Nelas, a forma autoritária de narrar as histórias mantém-se e, de certa forma, com muito mais agravantes por apresentar-se velada” (RESENDE, 2006, p. 169).

Além disso, ele afirma que “o discurso jornalístico tradicional – aquele que é epistemologicamente reconhecido” – está “envolto no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como operadores” (RESENDE, 2006, p. 169).

Todas estas características fazem com que o discurso jornalístico assuma um efeito de verdade, o que é facilitado pela adoção de regras estabelecidas por manuais de redação de notícias “que ditam normas sobre as quais se deve fundar a narrativa jornalística. E, desse modo, além de legitimar as regras que visam à produção do efeito de verdade, a existência de tais manuais propicia aos jornalistas uma aparente neutralidade” (RESENDE, 2006, p. 169).

Entre as práticas propostas por estes manuais está o uso do lead[8]. Estas

[8] No jornalismo, o lead é o primeiro parágrafo de uma notícia no qual são respondidas as principais questões de um fato noticiado: O quê, quem, quando, como, onde, por quê, diz o "Novo Manual de

técnicas evidenciam as limitações das narrativas da imprensa, pois “o jornalista, a rigor, não escolhe como narrar. A ele são ‘oferecidos’ condicionantes que regulam e delimitam o seu campo de atuação” (RESENDE, 2006, p. 170).

Diante destas considerações se opta neste estudo por uma perspectiva de Narrativa na qual se entende que, por mais que se tenha um efeito de verdade, produto direto das rotinas de produção das notícias, não há uma verdade a ser relatada, mas sim um relato “construído” e limitado que é influenciado por elementos como a forma e o momento em que é realizado, o estado emocional e anímico do autor na hora de sua elaboração e o fato de esta tarefa ser realizada em nome ou não de uma organização (como uma empresa jornalística, o que é o caso da pesquisa realizada aqui).

Também são fundamentais para a realização deste trabalho os estudos sobre as narrativas da imprensa brasileira, em especial as que se voltam para o processo de construção de uma pretensa identidade brasileira no universo do futebol através de um estilo de jogo conhecido como futebol arte. Para isto, ainda serão consideradas e abordadas no decorrer do trabalho as contribuições teóricas de pesquisadores como Ronaldo Helal, Roberto DaMatta, Bernardo Buarque de Hollanda, Simoni Guedes e Carlos Eduardo Sarmento.

Assim, o referencial teórico ao qual se dará mais atenção neste momento é a dos estudos no campo da Memória.

1.2 **Uma introdução ao conceito de Memória**

Em suas narrativas sobre a seleção do Brasil a imprensa esportiva brasileira ativa constantemente lembranças de fatos e episódios passados. Seja em matérias de caráter informativo, em matérias em que há um aprofundamento maior do assunto abordado ou em textos nos quais o autor expressa a sua opinião sobre uma determinada questão, as referências a episódios, personagens e competições do passado são uma constante quando se faz uma avaliação do jornalismo esportivo

---

Redação da Folha de São Paulo". A versão eletrônica do "Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo" pode ser encontrado em: *Círculo Folha*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm>. Acesso em: 27 mai. 2016.

realizado no Brasil. Contudo, antes de um olhar mais detido sobre a manifestação de lembranças no jornalismo esportivo brasileiro, irá se destacar o conceito de Memória e alguns dos desdobramentos dela que serão de grande valia para a realização da análise aqui proposta.

Para começar a falar sobre Memória, vai se fazer uso de considerações do historiador francês Jacques Le Goff (1982) quando ele se refere a este conceito de uma forma genérica, não se limitando apenas a como este conceito aparece no campo das Ciências Humanas (em especial em disciplinas como História e Antropologia).

Segundo Le Goff, nestas circunstâncias a Memória pode ser compreendida como uma capacidade individual, uma "capacidade de conservar certas informações" que aponta para um "conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas" (LE GOFF, 1982, p. 9). Considerando esta perspectiva, o historiador francês afirma que o estudo da Memória abarca disciplinas como Psicologia, Psicofisiologia, Neurofisiologia e Biologia.

Em um artigo no qual fala da relação da Memória com a História, José D'Assunção Barros tem um entendimento semelhante ao do historiador francês sobre o conceito de Memória: "na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado" (BARROS, 2009, p. 39).

Contudo, Le Goff (1982, p. 10) afirma que, com o decorrer do tempo, alguns estudiosos aproximam a Memória de "fenômenos que fazem parte integrante da esfera das Ciências Humanas e Sociais". Ele cita, por exemplo, o psicólogo e psiquiatra francês Pierre Janet, que aponta o "comportamento narrativo" como o ato mnemônico fundamental. Segundo esta perspectiva, este comportamento se caracteriza por sua função social, a comunicação de uma informação a outro indivíduo. Esta comunicação se dá na ausência do acontecimento em questão ou do objeto que o motiva.

Ainda considerando o aspecto narrativo da Memória, e citando a obra de César Flòres, que estuda as intercessões entre Memória e Psicologia, Le Goff destaca a ampliação da possibilidade de armazenamento de lembranças com o advento da escrita, o que parece ser uma consequência deste aspecto narrativo da

Memória:

> A utilização de uma linguagem falada, e depois escrita, de facto representa uma extensão formidável da possibilidade de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, está em condições de sair dos limites físicos do nosso corpo para ser depositada quer noutras memórias quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe na nossa memória uma certa linguagem sob a forma de informações armazenadas (FLORES, 1972, p. 461 apud LE GOFF, 1982, p. 10).

Outra consequência da ampliação da possibilidade de armazenamento de lembranças após o advento da escrita é a exteriorização de uma memória individual, o que também abre frentes de análise que serão consideradas no presente trabalho.

Quem também se volta para a questão da Memória é o sociólogo austríaco Michael Pollack. Em conferência[9] na qual discute a relação da Memória com a identidade social, Pollak (1992) afirma que três são os elementos constitutivos de memórias, sejam elas individuais ou coletivas.

Os primeiros destes elementos, segundo Pollak (1992, p. 201), são “os acontecimentos”, tanto os vividos pessoalmente como os que ele chama de “vividos por tabela”. Estes acontecimentos são episódios vivenciados pela comunidade ou pelo grupo ao qual um indivíduo acredita pertencer.

Sobre este segundo tipo de acontecimento Pollak (1992, p. 201) diz: “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”. Quando pensamos nas lembranças relacionadas a acontecimentos da seleção brasileira (que serão o objeto considerado no presente trabalho), e que foram acionadas[10] pela imprensa em suas narrativas sobre a campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, podemos falar, por exemplo, da derrota do Brasil na final da Copa de 1950, ou das cinco conquistas de títulos mundiais pela seleção nacional.

Em segundo lugar, o autor também afirma que a Memória se constitui por pessoas, personagens:

---

[9] Esta conferência, de título Memória, esquecimento, silêncio, foi proferida no ano de 1987 no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), e está publicada em artigo: Pollak (1989).

[10] A suspeita é a de que este tipo de lembrança foi acionada especialmente pelos jornalistas que vivenciaram os episódios em questão.

> Também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço tempo da pessoa (POLLAK, 1992, p. 201).

Considerando o estudo que é proposto aqui, grandes jogadores do passado como Pelé, Garrincha, Zico, Romário, Tostão, Leônidas da Silva, Nilton Santos, Didi e Sócrates são exemplos de personagens a partir dos quais foram constituídas lembranças da seleção brasileira no decorrer da história. E as narrativas em torno destes personagens do passado são acionadas no tempo presente para ajudar a relatar como se deu a campanha da seleção brasileira na última Copa do Mundo.

Em terceiro lugar Pollak (1992, p. 202) diz que a Memória é constituída por lugares (não necessariamente geográficos, mas simbólicos) que estão "particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico". Neste ponto, o sociólogo austríaco parece fazer menção ao trabalho do historiador francês Pierre Nora sobre a categoria lugares de memória. Esta categoria será considerada com mais atenção posteriormente.

Contudo, como afirma Salvador (2005), a Memória não é constituída apenas por lembranças, mas há uma série de disputas na sua constituição: "A Memória é um lugar de disputas onde os esquecimentos e silêncios desempenham papel fundamental. A Memória opera através da seleção de fatos, imagens, sons e odores, que dão significados às identidades coletivas e individuais". Segundo o pesquisador, estes esquecimentos e silêncios nem sempre estão tão evidentes, mas são importantes no processo de formação da Memória:

> Se a seletividade é algo quase evidente quando se pensa no conceito de Memória, os esquecimentos, como categoria, não são tão claros e explícitos. Os silêncios e esquecimentos, apesar de constituírem processos diferentes, possuem uma função tácita na construção contínua das identidades (SALVADOR, 2005, p. 4).

Como destacado anteriormente, Le Goff (1982) afirma que o aspecto narrativo da Memória, que é evidenciado por alguns estudiosos, a aproxima do campo das Ciências Humanas[11]. E é justamente uma das perspectivas da Memória

[11] Este caráter narrativo da Memória também é observado pelo pesquisador Marcelino Rodrigues da Silva em trabalho sobre os textos do jornalista Mário Filho. Ao fazer um comentário sobre o "O negro no futebol brasileiro", ele diz que o livro é "uma tentativa de evitar, pela narração, o

estudada no campo das Ciências Humanas que será privilegiada no presente trabalho, a memória coletiva.

1.3 **Memória coletiva**

Retornando à conferência na qual discute a relação da Memória com a identidade social, Pollak (1992, p. 201) diz que, “a priori, a Memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Porém ele cita o trabalho do sociólogo francês Maurice Halbwachs, realizado nos anos 20 e 30 do século passado, para afirmar que “a Memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”[12].

E é justamente o trabalho de Halbwachs que será considerado aqui para se referir à memória coletiva[13]. Para o sociólogo francês, o aspecto coletivo da Memória se revela mesmo quando o que está em questão são eventos vividos apenas por um indivíduo. Isto acontece porque cada indivíduo carrega consigo os contextos sociais nos quais estão inseridos, contextos estes que são fundamentais na reconstrução do fenômeno identificado como Memória:

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.

---

desaparecimento de imagens do passado que haviam sido conservadas na lembranças das pessoas, mas que não estavam registradas nos livros de história e documentos oficiais” (DA SILVA, 2006, p. 188).

[12] Comentando a memória coletiva brasileira, Wisnik (2008, p. 174) afirma que ela “é demarcada e compartilhada, no século XX, mais do que por qualquer outra coisa, pelas Copas do Mundo de futebol”. Para defender esta ideia ele cita um contraponto sugerido pelo jornalista inglês Alex Bellos: “Os britânicos dividem o século XX em blocos demarcados pelas guerras mundiais de 1914-18 e 1939-45. O Brasil mede sua história recente pelas Copas do Mundo, já que é durante as Copas que mais se identifica como nação” (BELLOS, 2003, p. 57).

[13] Em trabalho no qual estuda as relações entre construções de identidade e futebol no campo midiático, Mostaro (2014) evidencia a força da memória coletiva ao comentar um alerta feito pela comissão técnica da seleção brasileira contra os perigos do favoritismo. Segundo o pesquisador, este alerta tem o objetivo de não permitir que se repitam erros cometidos no passado, “já que, principalmente em 1950, creditou-se a derrota da seleção a um favoritismo exacerbado” (MOSTARO, 2014, p. 157).

> Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Ainda segundo Halbwachs (2003, p. 39), “para que nossa memória se aproveite da memória dos outros” não é suficiente que contemos com os testemunhos de outros indivíduos. Mas é necessário que as diferentes memórias tenham pontos de contato umas com as outras. Isto permitirá que “a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum”.

Ainda sobre o processo de formação de uma memória comum, o sociólogo francês diz:

> Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Seguindo esta perspectiva, Halbwachs diz que, caso uma lembrança que em um determinado momento podia ser identificada como uma memória coletiva por diferentes indivíduos pare de fazer parte de um repertório comum a eles, esta memória já não poderá, em momento posterior, ser mais acionada como uma memória coletiva. Assim, pode-se depreender que o trabalho de manutenção de memórias coletivas depende diretamente do investimento individual realizado pelos diferentes agentes que são detentores da lembrança em questão.

Com o intuito de provar a natureza coletiva da Memória, mesmo da individual, o sociólogo francês se volta para as lembranças, ou a falta delas, atribuídas à primeira infância. Para Halbwachs (2003, p. 43), “não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social”. Assim, o fato de crianças muito pequenas ainda não terem a sua sociabilidade desenvolvida completamente dificulta que as mesmas mantenham lembranças desta fase da vida.

Outro aspecto destacado pelo sociólogo francês e que evidencia o caráter coletivo da Memória tem relação com o processo de recordação. Segundo Halbwachs (2003, p. 66), “os fatos e ideias que mais facilmente recordamos são do

terreno comum", são as compartilhadas com outros indivíduos. "Essas lembranças existem para 'todo o mundo' nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando desejamos", afirma.

Além disso, no âmbito da memória coletiva ainda será considerada mais uma contribuição de Halbwachs. Ao falar da relação de determinadas memórias individuais com uma memória coletiva específica ele afirma que nem sempre esta mantém uma uniformidade, mas pode haver variação nas lembranças que diferentes indivíduos terão, por exemplo, de um episódio específico:

> De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (HALBWACHS, 2003, p. 69).

Este último aspecto da memória coletiva permite que seja feita uma relação com a perspectiva de Michael Pollak (1992, p. 203) de que a Memória (neste caso ele se refere à memória individual) é um elemento seletivo, pois "nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado". Contudo, posteriormente ele afirma que esta característica também se revela na memória coletiva:

> A Memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A Memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da Memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (POLLAK, 1992, p. 204).

Consequentemente, Pollak (1992, p. 204) afirma que a Memória, seja ela individual ou coletiva, é um fenômeno que passa por modos de construção que "podem tanto ser conscientes como inconscientes". No caso específico da memória herdada, ele afirma que a mesma pode estabelecer uma relação com o processo de formação de identidades[14]: "A Memória é um elemento constituinte do sentimento de

[14] Da Silva (2006) afirma que a memória nacional é a versão mais acabada da memória coletiva. Para ele, "a memória nacional tem como objetivo manter a coesão social por meio da eleição de um determinado conjunto de lembranças que devem ser compartilhadas pelos indivíduos que constituem a nação", considerando esta perspectiva, a memória coletiva também estaria contribuindo para o fortalecimento de uma determinada identidade nacional. O pesquisador também

identidade, tanto individual como coletiva[15]".

Posição semelhante sobre a relação entre Memória e identidade é apresentada por Andreas Huyssen, que afirma que rememorar "dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro" (HUYSSEN, 2000, p. 67).

Ainda sobre esta relação entre Memória e identidade, José D'Assunção Barros diz que na contemporaneidade é inadmissível entender a Memória "como mero depósito de dados e de informações relativas à coletividade ou à vida individual", mas se deve "pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos" (BARROS, 2009, p. 37).

Aqui também é fundamental destacar uma ressalva feita por Pollak de que tanto a Memória, como a identidade, como elementos que sofrem processos de construção, "podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo" (POLLAK, 1992, p. 204).

Além disso, Pollak faz uma consideração que será útil no presente trabalho sobre a relação dos conceitos de Memória e de identidade: Caso se confronte a memória individual com a memória de outros será possível perceber que "a Memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais" (POLLAK, 1992, p. 205).

A presença de disputas no campo mnemônico permite que se destaque a partir de agora um outro aspecto do conceito que é o objeto de estudo neste capítulo, o enquadramento da memória.

---

destaca o fato de a memória nacional ser construída pelo esquecimento, de acontecimentos "que devem ser esquecidos, porque apontam não para a coesão e para laços sociais, mas para a violência e o conflito que estão na origem de qualquer nação e de qualquer comunidade baseada em relações de poder e de dominação" (DA SILVA, 2006, p. 197).

[15] Ao se referir a identidades coletivas, Pollak (1992, p. 207) afirma que está "aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência".

1.4 **Jornalistas como enquadradores de memória**

Ao comentar as disputas existentes no campo da Memória, especificamente relacionadas a memórias do campo da política, Pollak (1989, p. 9) afirma se basear no trabalho do historiador francês Henry Rousso [16] para usar a ideia de enquadramento da memória.

Esta memória enquadrada, que é definida pelo sociólogo austríaco como um trabalho que tem a intenção de manter a coesão interna de um grupo:

> Se alimenta do material fornecido pela História. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p. 9).

Segundo Pollak (1989, p. 10), este trabalho de reenquadramento tem “seus atores profissionalizados”, ele cita como exemplos destes atores os profissionais da história. Porém, no caso do presente estudo pode-se identificar os jornalistas esportivos como sendo alguns destes profissionais, especialmente quando se considera o status que a narrativa jornalística recebe no tempo atual.

Para a realização do trabalho de enquadramento de memória o sociólogo austríaco também destaca a escolha das testemunhas a serem consideradas como fontes como um processo importante: “dentro da preocupação com a imagem que a associação passa de si mesma e da história que é sua razão de ser (...) é preciso portanto escolher testemunhas sóbrias e confiáveis aos olhos dos dirigentes” (POLLAK, 1989, p. 10).

A validade do trabalho de enquadramento da memória para o presente trabalho está no fato de ele ser um caminho através do qual pode-se tentar explicar, por exemplo, a razão de haver a manutenção de um determinado imaginário sobre a seleção brasileira de futebol masculino. Imaginário segundo o qual um determinado estilo de praticar futebol, o futebol arte, seria o modelo ideal para o futebol brasileiro.

Para que esta dinâmica fosse possível, a imprensa cumpriria este papel de enquadramento da memória, defendendo que seleções do passado, como a de 1970 ou de 1982, teriam este modelo ideal. Este enquadramento da memória se

[16] ROUSSO, Henry. Vichy, le grand fossé. *Vingtième Siècle*. v. 5, n. 5, p. 55-80, 1985.

manifestaria no tempo presente, onde há uma cobrança para que as equipes que representam o Brasil na contemporaneidade apresentem um estilo de jogo que siga este modelo.

Por fim, Pollak (1989, p. 11) faz um comentário sobre as principais plataformas para a realização do trabalho de enquadramento da memória. Segundo o sociólogo austríaco, “o filme-testemunho e documentário tornou-se um instrumento poderoso para os rearranjos sucessivos da memória coletiva e, através da televisão, da memória nacional”.

Apesar de o sociólogo austríaco estar se referindo neste caso à questão da memória nacional, parte-se aqui do pressuposto de que este tipo de análise também pode ser feita quando se deseja falar de uma memória esportiva, que no âmbito televisivo é amplamente acionada.

Em um artigo sobre a relação da Memória com a narrativa jornalística, as pesquisadoras Ana Paula Goulart Ribeiro e Danielle Ramos Brasiliense também comentam a proeminência dos meios de comunicação como plataformas do trabalho de enquadramento de memória:

> Os meios de comunicação não são os únicos, mas são hoje um dos principais atores na realização do trabalho de enquadramento dos acontecimentos do presente e também do passado das coletividades. É através deles que se realiza a operação da Memória sobre os acontecimentos e as interpretações que se quer salvaguardar. O controle da memória social parte de “testemunhas autorizadas”, e o jornalista, mediador entre o fato e o leitor, interfere neste processo não só enquadrando os fatos, mas reconstruindo valores e identidades sociais (RIBEIRO E BRASILIENSE, 2007, p. 222).

Parte-se aqui da suspeita de que a proeminência dos veículos de comunicação, em especial os audiovisuais, no trabalho de enquadramento de memória pode se explicar pela capacidade de eles atuarem no imaginário social.

1.5 **Seleção brasileira como um lugar de memória**

Por fim, no âmbito dos estudos sobre a Memória, irá se destacar a categoria

lugares de memória, elaborada pelo historiador francês Pierre Nora[17] e segundo a qual se passa a privilegiar a dimensão simbólica da história. Assim, o olhar do historiador não se limita ao aspecto material de um objeto de estudo. Porém, como Nora afirma em entrevista concedida à historiadora Ana Cláudia Fonseca Brefe, é feito um movimento para "libertar a significação simbólica, memorial – portanto abstrata – dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não o são" (BREFE, 1999, p. 30).

Segundo Jacques Le Goff, que também trabalha com esta categoria, há uma multiplicidade de lugares de memória:

> Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais, como os cemitérios ou a arquitetura; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações (LE GOFF, 1982, p. 55).

Enfim, como afirma José D'Assunção Barros:

> onde existe o humano, pode-se dizer que a Memória estabelece-se, gerando os seus lugares. Desde as células familiares, que organizam a sua Memória através de recursos os mais diversos como genealogias e os álbuns de fotografias, até as grandes nações que erguem seus museus e arquivos para dar visibilidade à sua própria identidade, a Memória apresenta definitivamente muitos "lugares" (BARROS, 2009, p. 51).

No caso do presente trabalho, pode-se apontar como exemplo de um destes muitos lugares de memória a seleção brasileira, não como equipe de futebol ou como um conjunto de jogadores, considerando o aspecto material da mesma, mas sim o imaginário, a dimensão simbólica, que é evocada a partir deste elemento. Segundo este imaginário, a seleção brasileira seria um símbolo do futebol bem jogado, que teria como um de seus emblemas o chamado jogo bonito[18] ("futebol

---

[17] A categoria lugares de memória é desenvolvida por Pierre Nora e um grande número de historiadores, memorialistas e sociólogos franceses em um projeto de sete volumes de título "Les lieux de mémoire".

[18] A ideia de que o Brasil possui o jogo bonito como o seu estilo futebolístico não faz parte apenas do imaginário brasileiro. Um exemplo é a campanha publicitária "Joga Bonito", da empresa de materiais esportivos americana Nike. Esta campanha, de âmbito mundial, foi lançada um pouco antes do início da Copa do Mundo de 2006 e tem jogadores da seleção brasileira como seus protagonistas. Nos vídeos da campanha é feita uma defesa do futebol bonito, no qual os jogadores privilegiam os lances de malabarismo, criatividade e habilidade. Um dos vídeos da campanha está disponível em <http://tvig.ig.com.br/esporte/futebol/nike---joga-bonito-8a49802635afd8f80135cec7ddfd0479.html>. Acesso em: 27 jul. 2015.

arte”), que teria como características a habilidade individual dos jogadores, o improviso e a criatividade.

Ainda no universo do esporte pode-se pensar, por exemplo, no estádio do Maracanã como um lugar de memória. Para além da arena esportiva que existe no plano material há todo um imaginário que surge a partir do estádio Mário Filho, como o grande templo do futebol mundial ou como o palco de um desastre nacional, a derrota na Copa de 1950 para o Uruguai.

Ainda sobre os lugares de memória, Nora afirma:

> São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada de lembrança (NORA, 1993, p. 21).

A partir destas palavras é possível perceber que a chave para investigar os lugares de memórias não está na importância dada ao aspecto material de um elemento, mas sim na capacidade de ele “parar o tempo, (...) bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais” (NORA, 1993, p. 22).

Até aqui foi dado destaque ao conceito de Memória e a alguns de seus desdobramentos, que serão considerados no decorrer do trabalho. A partir de agora se discutirá a relação da Memória com a mídia.

1.6 **Mídia e memória**

O objetivo aqui é pensar sobre a relação existente entre a mídia e a Memória. Ao pensar nesta relação, as pesquisadoras Ana Paula Goulart Ribeiro e Danielle Ramos Brasiliense afirmam que na contemporaneidade os meios de comunicação são “os grandes mediadores entre os sujeitos e o mundo (...) A história do nosso tempo (...) é aquela vivida através dos meios de comunicação” (RIBEIRO E

BRASILIENSE, 2007, p. 222).

E é justamente na mudança do status do texto jornalístico que se deseja concentrar aqui. Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro, “os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade” (RIBEIRO, 2003, p. 97).

Como consequência, “a história passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação de massa que detêm o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos”. Por outro lado, “o que se passa ao largo da mídia é considerado, pelo conjunto da sociedade, como sem importância”, afirma Ribeiro (2003, p. 97). Com esta mudança de status, a mídia se transforma no “principal lugar de memória e/ou história” do tempo atual.

Um trabalho que exemplifica esta perspectiva é o do pesquisador Sérgio Montero Souto, que, a partir de narrativas apresentadas sobre a performance da seleção brasileira na Copa de 2002 por colunistas esportivos de jornais brasileiros, se propõe a avaliar como estes atores produzem, “usando a força dos jornais para os quais trabalham, um tipo de memória do passado que legitime” uma determinada “representação da seleção brasileira como símbolo da identidade nacional diversa da veiculada pelos que naturalizam o avanço da mercantilização do esporte e ignoram os valores ‘tradicionais’” (SOUTO, 2007, p. 300).

Neste estudo Souto (2007) afirma que os colunistas esportivos atuam como guardiões de tradições, “atuando como construtores da Memória de uma determinada época, num processo de permanente reelaboração” (SOUTO, 2007, p. 304).

Além disso,

> é importante registrar que a trajetória da seleção brasileira ao longo dos anos, bem como sua representação, é, em grande medida, forjada pela imprensa. E que esse processo se dá, ora pelo lado do silêncio, ora pelo lado da lembrança de determinados fatos e acontecimentos, que vão sendo construídos, em sintonia com uma visão de mundo, num processo não-estático e dialético. Tanto o esquecimento quanto a lembrança são construções que ajudam a referendar o poder simbólico e real da imprensa na sociedade e, neste caso, dos colunistas em particular (SOUTO, 2007, p. 304).

Em outro trabalho, o mesmo pesquisador destaca outro papel da relação entre imprensa e Memória, ele afirma que, ao definirem que lembranças ficam para

a posteridade os jornais se constituem em “um dos senhores da memória da sociedade, aumentando seu campo de atuação e, sobretudo, o seu poder”. Neste sentido, ele também afirma que é necessário levar em conta que o profissional de imprensa “mantém como essencial nesse trabalho a dialética lembrar e esquecer”, isso “ao selecionar fatos, relegar outros ao esquecimento, escolher a forma de sua narrativa e ao definir o lugar da página a ser ocupado pelo texto, dirigindo um olhar subjetivo sobre o acontecimento” (SOUTO, 2002, p. 26).

Com estes referenciais postos vamos relembrar como foram as campanhas da seleção brasileira nas duas Copas que sediou, em 1950 e em 2014.

2 **AS COPAS DO MUNDO NO BRASIL**

A Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil nos meses de junho e julho de 2014, teve vários momentos marcantes, entre eles pode-se destacar a conquista do título pela seleção da Alemanha, a lesão do atacante brasileiro Neymar e a desclassificação da então campeã mundial Espanha ainda na primeira fase do torneio.

Quando se fala especificamente da equipe que representou o Brasil na competição, um dos momentos de maior relevância, mas por uma razão negativa, foi a derrota pelo placar de 7 a 1 para a seleção alemã.

Esta derrota, que aconteceu no dia 8 de julho de 2014, ficará para a posteridade como a maior goleada que a seleção brasileira sofreu em sua história até a presente data, resultado que ganha ainda mais relevância quando se considera o fato de que este jogo, válido pelas semifinais do Mundial, aconteceu em uma edição da competição realizada em solo brasileiro. Porém, o primeiro passo para uma análise das narrativas sobre a Copa de 2014 é considerar o contexto do Brasil na época da Copa de 1950 e, posteriormente, antes e durante o Mundial de 2014.

2.1 **Preparativos para o Mundial de 1950**

Antes de as atenções se concentrarem na Copa de 2014 é necessário que se voltem para a primeira edição do Mundial realizada no Brasil, no ano de 1950. Isto deve ser feito porque, no processo de construção das narrativas sobre a Copa de 2014, a imprensa constantemente faz referência ao primeiro Mundial realizado em território brasileiro.

A história da realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil tem início em 3 de julho de 1938. Nesta oportunidade o jornalista Célio Negreiro de Barros, que era o representante da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) na sessão plenária do Congresso da Federação Internacional de Futebol (Fifa) realizada em Paris antes da Copa do Mundo disputada na França, lançou de forma oficial a candidatura

brasileira para sediar a Copa do Mundo de 1942. Além do Brasil, outro país se apresentou como candidato a sede: A Alemanha.

Contudo, o início da 2ª Guerra Mundial adiou os planos de Brasil e Alemanha de sediarem uma edição do Mundial de futebol. O conflito armado impediu a realização das Copas de 1942 e de 1946. Após o conflito chegar ao final[19] a Fifa realizou um novo congresso, desta vez em 1º de julho de 1946 em Luxemburgo:

> Foi quando se decidiu designar o torneio como Copa Jules Rimet e fixou-se a data para 1949. O Brasil, que adotara o profissionalismo no futebol em 1933, tornou-se postulante exclusivo – embora também a Argentina houvesse manifestado interesse –, com a Alemanha fora de cogitações e os demais países europeus ainda sofrendo os efeitos da guerra. Em outro Congresso, realizado durante as Olimpíadas de Londres, 1948, a candidatura brasileira foi ratificada e, para dar tempo às eliminatórias e chance de melhor recuperação aos países afetados pela guerra, transferiu-se o certame para 1950 (PERDIGÃO, 2000, p. 31).

Entre os compromissos assumidos pela CBD para realizar a Copa em território brasileiro estava o de "construir um estádio à altura do evento" (PERDIGÃO, 2000, p. 31). Diante desta demanda, "o prefeito do então Distrito Federal, capital da República, general Ângelo Mendes de Moraes, abraçou a causa (…) em favor da construção do gigantesco Estádio Municipal, que viria a ser o maior do mundo" (Perdigão, 2000, p. 33).

Segundo Moura (1998, p. 23), todo o esforço empreendido para a organização da competição parecia se justificar por razões que ultrapassavam o universo do esporte: "O campeonato mundial não se restringia apenas a um confronto entre as melhores seleções do mundo e à disputa de uma taça de ouro. Poderia ser a ocasião para difundirmos a imagem do país que desejávamos". A competição funcionaria como uma espécie de exposição universal[20], tão em voga no início do século XX, por meio da qual o Brasil poderia se promover a partir do futebol.

Naquele momento a maior praça esportiva do então Distrito Federal era o

---

[19] A Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar que começou no ano de 1939, chegando ao final em 1945. Esta guerra incluiu todas as grandes potências da época, que foram divididas em duas alianças militares: O Eixo e os Aliados. Para mais informações sobre a 2ª Guerra Mundial ver Hobsbawn e Ranger (1985).

[20] As exposições universais podem ser entendidas como eventos realizados no decorrer do século XIX que tinham o intuito de promover os ideais modernos. Segundo Pesavento (1997, p. 123), as exposições universais possuíam o caráter pedagógico "de instruir, de fazer conhecer o novo, de vulgarizar o conhecimento científico e abrangê-lo em todos os seus ramos e facetas, numa verdadeira preocupação enciclopedista".

estádio de São Januário, propriedade do Vasco da Gama e com capacidade para 35 mil espectadores. Já o maior estádio do país era municipal, mas estava em São Paulo, o Pacaembu, pronto para receber até 60 mil pessoas.

A pedra fundamental da nova praça esportiva, chamada inicialmente de Estádio Municipal, é lançada no dia 20 de janeiro de 1948[21]. A sua inauguração acontece em 16 de junho de 1950 em evento que conta com as presenças do então presidente Eurico Gaspar Dutra, que corta a fita de inauguração, e do então cardeal Dom Jaime Câmara, que abençoa a praça esportiva. “No dia seguinte, 17 de junho de 1950, o estádio é simbolicamente entregue ao povo, que assiste a uma partida entre as seleções de novos do Rio e de São Paulo[22] (...) O público presente é estimado em 150 mil pessoas” (MOURA, 1998, p. 45).

Este e outros preparativos tinham não apenas a intenção de atender aos pedidos da Fifa, mas o de promover uma determinada visão do Brasil entre o público interno e externo. Neste sentido Moura (1998) diz que se acreditava à época que:

> O estádio possibilitaria ao país atingir um novo estágio em seu desenvolvimento esportivo. Já assegurado o papel do futebol como maior entretenimento e divertimento popular, tratava-se agora de sublinhar sua função dentro da sociedade brasileira, preparando um povo que se tornaria mais forte e mais disposto, que estaria pronto para trabalhar pelo engrandecimento da nação (MOURA, 1998, p. 39).

Segundo esta análise havia uma expectativa de que, com uma organização bem-sucedida da Copa de 1950, o Brasil sinalizaria para si mesmo e para outros países que entrava em um novo momento, em que modernidade e progresso se tornariam suas palavras de ordem.

Desta forma, havia uma enorme expectativa em relação à participação da equipe do Brasil na Copa de 1950. Para os organizadores do evento, o Governo brasileiro e a torcida local o único resultado aceitável seria a conquista do título, percepção que ficou evidenciada, por exemplo, em uma comparação entre o trabalho feito pelos operários na construção do Estádio Municipal e a atuação dos jogadores da seleção brasileira: “Os trabalhadores brasileiros haviam mostrado do que eram capazes; restaria aos nossos jogadores mostrar sua arte e competência e

---

[21] Para um relato detalhado da construção do Estádio do Maracanã e seus desdobramentos políticos, sociais e esportivos ver Moura (1998).

[22] Seleção de novos é o termo usado para se referir a uma equipe formada por jogadores não profissionalizados ou recém-profissionalizados. No caso da partida inaugural do Maracanã, foi um jogo entre a seleção de novos do Rio de Janeiro contra a seleção de novos de São Paulo.

conquistar a taça Jules Rimet. A história do estádio seria desta forma associada à vitória brasileira” (MOURA, 1998, p. 43).

Esta expectativa estava relacionada à percepção de que o futebol seria um campo no qual o brasileiro evidenciaria a sua identidade.

O conceito de identidade é uma das questões mais estudadas no âmbito das Ciências Humanas na contemporaneidade. O interesse em torno deste assunto independe da natureza destas identidades, podendo elas serem individuais, grupais ou nacionais. Este interesse em torno do conceito de identidade parece ser resultado direto da mudança de percepção sobre ele.

Se em momentos anteriores as identidades eram vistas como essências imanentes, nos dias atuais aceita-se cada vez mais a percepção de que as identidades sociais são resultado de processos de construção que se dão em diferentes âmbitos da sociedade por meio da ação de inúmeros atores. Assim, as identidades (sejam elas nacionais, culturais ou de outras espécies) deixam de ser elementos que tendem à fixidez, como ocorreu em momentos anteriores da história, e passam, no momento atual, a ter um caráter variável e descartável, como afirmam autores como Bauman (1998), Hall (1999) e Featherstone (1996).

Segundo Hall (1999), o debate em torno da mudança de status do conceito de identidade, chamada por alguns como “crise de identidade”, pode ser resumido da seguinte forma: “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 1999, p. 7). Desta forma, a chamada “crise de identidade” é vista “como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 1999, p. 7). O autor também afirma que a mudança de percepção em relação às identidades sociais é produto de transformações estruturais que se dão no final do século XX. Segundo ele, estas transformações têm como resultado a fragmentação das “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”, itens que no passado forneceram aos indivíduos “sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 1999, p. 9). Além disso, o autor diz que estas transformações abalam “a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”, a partir de então surge a percepção de que os indivíduos são descentrados, fragmentados.

Já Bauman (1998) sintetiza a questão da identidade no período contemporâneo assim: “O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se - mas evitar que se fixe” (BAUMAN, 1998, p. 114). Segundo o autor, a instabilidade do conceito de identidade neste contexto é tanta que pode ser comparada ao ato da troca de roupas: “Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa” (BAUMAN, 1998, p. 112).

Porém, apesar de todas estas mudanças na compreensão do conceito de identidade, quando se considera o universo do esporte, há um entendimento de que o Brasil possui uma identidade própria. E para se considerar esta perspectiva duas categorias devem ser acionadas: futebol e estilo. E aqui é necessário fazer uma rápida pausa para falar um pouco desta ideia, em torno da qual existe um rico campo de estudos.

2.2 **Futebol e identidade brasileira**

A percepção de que o futebol serviria como um instrumento por meio do qual o brasileiro poderia desenvolver e externar suas potencialidades está relacionada ao debate sobre a existência de uma pretensa identidade brasileira que se manifestaria através de um estilo de praticar o futebol.

Em diferentes oportunidades a imprensa esportiva brasileira identifica o Brasil como o país do futebol. Uma das formas de fazer isto é defendendo a teoria de que existe um determinado estilo de futebol por meio do qual o jogador brasileiro se singulariza e que seria a chave para as conquistas esportivas (Rodrigues Filho, 1964). Já o pesquisador Marcelino Rodrigues da Silva afirma que este título é justificado pelo fato de esta modalidade esportiva ser um dos principais ingredientes da vida cultural brasileira: “Este esporte sofreu, aqui, um intenso processo de assimilação, através do qual se tornou um complexo fenômeno cultural, que envolve não apenas uma prática esportiva extremamente difundida, mas também espetáculo e comunicação de massa” (DA SILVA, 2006, p. 17).

Este estilo específico de jogar (que foi nomeado inicialmente como *Foot-ball*

Mulato pelo cientista social Gilberto Freyre[23]) é chamado atualmente de futebol arte e tende a ser localizado em atletas e equipes brasileiras do passado.

Segundo Guedes (2009, p. 459), esta interpretação tem como aspecto central a ideia de que "o 'estilo nacional brasileiro' mantém estreita relação com o 'povo brasileiro', retomando, no campo do futebol, um debate que ocupou, por décadas, o chamado 'pensamento social brasileiro': as avaliações do potencial e dos limites da 'mestiçagem'".

Seguindo esta linha interpretativa, DaMatta (1982, p. 27) diz que "o futebol brasileiro se distingue do europeu pela sua improvisação e individualidade dos jogadores que têm, caracteristicamente, um alto controle de bola".

Ainda segundo DaMatta (1982, p. 27), na sociedade brasileira o futebol pode ser compreendido como um instrumento de "individualização e possibilidade de expressão individual (...) é pelo futebol praticado nas grandes cidades brasileiras, em clubes que nada têm de recipientes de ideologias sociais, que o povo brasileiro pode se sentir individualizado e personalizado". Em outras palavras, no campo do futebol o brasileiro teria a possibilidade de formar a sua identidade.

Esta é uma visão que se aproxima da defendida por Renato Ortiz, que, ao pensar na identidade brasileira, diz que "toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença" (ORTIZ, 2012, p. 7). Ainda sobre a identidade brasileira, Ortiz afirma que não é suficiente "dizer que somos diferentes", mas "é necessário mostrar em que nos identificamos". Assim, o futebol pode ser apontado como este elemento de identificação do brasileiro, pois no Brasil seria encontrado um estilo singular de praticar esta modalidade esportiva, estilo este comum para o conjunto de brasileiros e distinto dos adotados por outras nações.

Contudo, esta percepção, que estava tão em voga no decorrer da Copa de 1950, nem sempre foi tão difundida. É importante lembrar, como bem faz Franzini (2009), que o futebol não nasce no Brasil, mas é uma herança estrangeira, que chega ao país através de marinheiros ingleses no ano de 1874. No início, o esporte, atualmente tão amado por muitos brasileiros, não fazia sucesso algum no país.

A relação do brasileiro com o futebol foi sendo construída aos poucos: De

[23] No dia 17 de junho de 1938 Gilberto Freyre publica em sua coluna no *Diário de Pernambuco* um texto sobre a diferença do estilo de jogo da seleção brasileira diante do praticado por equipes europeias. Segundo Freyre, o futebol brasileiro se distinguia frente ao apresentado por equipes da Europa por elementos como o malabarismo, a criatividade e a inventividade, enfim, pelo estilo de jogo que nomeia de *Foot-ball Mulato* (FREYRE, 1938, p.4).

esporte praticado por marinheiros ingleses que queriam se divertir passou a ser adotado aos poucos por brasileiros que trabalhavam em empresas comandadas por estrangeiros, até chegarmos ao panorama existente antes do Mundial de 1950. Sobre este processo, a pesquisadora Fátima Martins Rodrigues Ferreira Antunes afirma: “O esforço de tornar o futebol como manifestação da cultura brasileira e (...) como fator de identidade nacional resultou de uma construção elaborada ao longo do tempo – uma vez que o gosto pelo futebol não é inerente ao brasileiro” (ANTUNES, 2004, p. 27).

Outro aspecto que vale ser destacado sobre os primórdios do futebol no Brasil é que, no início, esta foi uma prática esportiva adotada majoritariamente pela aristocracia branca do país. Segundo o professor Muniz Sodré, “no início (nas três primeiras décadas deste século), o futebol funcionou basicamente como um rito discriminatório de classes. Era um privilégio de brancos ricos (...), que excluía os nativos pobres” (SODRÉ, 1981, p. 148). O processo de massificação do esporte no contexto brasileiro tem início apenas na década de 1920, quando atletas negros começam a ser aceitos nos campos, afirmam autores como Franco Júnior (2007), Caldas (1990) e Wisnik (2008).

Fabio Franzini diz que a ideia de que o brasileiro possuía um estilo próprio de praticar futebol, tão difundida nos tempos atuais, começa a circular na imprensa apenas alguns dias após da conquista do Campeonato Sul-Americano de 1919 pela seleção brasileira:

> Matéria do jornal *O Estado de São Paulo* publicada dias depois da conquista, em 1º de junho, por exemplo, afirmava que “os jogadores brasileiros evidenciaram possuir as melhores qualidades que se podem desejar em ‘*footballers*’, qualidades que somente eles, e nenhum outro povo, reúnem todas”. Alguns meses mais tarde, com os ânimos mais serenos, o jornalista Americo R. Netto retomaria essa ideia para anunciar o surgimento de certa “escola brasileira de futebol”, cuja originalidade se basearia no talento individual dos nossos atletas (FRANZINI, 2009, p. 129).

Segundo o historiador Nicolau Sevcenko, naquele momento acontecia a “descoberta de uma vocação” (SEVCENKO, 1992, p. 63).

Contudo, é no decorrer da Copa de 1938 que a ideia de que o brasileiro possuiria uma forma singular de jogar o futebol parece se sedimentar. No dia 17 de junho de 1938, dois dias após o Brasil ser eliminado da competição pela Itália, Gilberto Freyre publica em sua coluna no *Diário de Pernambuco* um texto

emblemático sobre a distinção do estilo de jogo do brasileiro frente ao praticado por equipes europeias:

> Uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros (...) O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha que foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE, 1938, p. 4).

Para Sarmento (2013, p. 71) Freyre [24] acabou estabelecendo naquele momento "os polos de um debate que perseguiria o selecionado. A expressão da nacionalidade mestiça se manifestaria através da criatividade, da arte, e seria incompatível com a norma, o esquema, a tática, a racionalidade". Neste debate se questionava: "O que era superior? O talento ou a organização, a arte ou a ciência? Se a finta mulata era uma expressão a ser valorizada, como avaliar o confronto desta com a cultura apolínea europeia?".

Este questionamento permaneceu em pauta e, segundo Gil (1994), a ideia de que o futebol arte era a expressão do brasileiro e de sua seleção de futebol foi se constituindo no Brasil paulatinamente entre os anos de 1930 e 1974, tendo seu ápice com a seleção de 1970, que conquistou a Copa do Mundo realizada naquele ano, no México, apresentando um estilo de jogo no qual a técnica e a habilidade de seus atletas teria sido o diferencial em relação aos adversários[25].

É fundamental salientar que durante todo este período a ideia de "futebol arte" surge, e permanece, em contraposição ao conceito de "futebol força", que seria identificada em equipes da Europa. Segundo Arno Vogel:

---

[24] Antunes (2004) diz que Gilberto Freyre faz uma comparação entre o futebol praticado no Brasil e o jogado na Europa, e conclui que "o futebol havia sido totalmente incorporado e reelaborado nos trópicos, tornando-se expressão da mestiçagem brasileira e, consequentemente, motivo de orgulho nacional" (ANTUNES, 2004, p. 64).

[25] Em pesquisa em que estuda as memórias sobre a Copa de 70, Santoro (2005) diz que, além da técnica e da habilidade dos jogadores, a preparação física foi de vital importância para o sucesso da seleção brasileira na competição.

> Uma breve descrição do futebol força começaria com os seus quatro princípios fundamentais – objetividade, força, velocidade e resistência (...) O importante é o conjunto, que deve executar com sobriedade e eficiência os esquemas de jogo desenvolvidos na teoria. A disciplina tática e atlética é o valor supremo (VOGEL, 1982, p. 109).

Já o “futebol arte” é definido por Vogel (1982, p. 109) com elementos como “habilidade, espontaneidade, toque-de-bola e malícia”. Segundo Vogel, “estas qualidades não se aprendem no colégio. São naturais no jogador brasileiro. A capacidade de improvisar e o talento individual produzem um futebol de beleza e exibição”.

Aqui deve-se evidenciar que um dos pressupostos deste trabalho é o de que este tipo de narrativa, sobre o estilo de jogo apresentado pela seleção brasileira, fica mais evidente no âmbito de competições como a Copa do Mundo, como no Mundial de 1950. Isto se daria por conta do caráter extraordinário deste tipo de competição, em que nações que têm o futebol como uma de suas expressões de identidade medem forças, como afirma Vogel:

> As Copas do Mundo são momentos extraordinários, dentro da rotina do futebol. Existem muitos tipos diferentes de certames no mundo futebolístico. Alguns são estritamente locais. Outros abrangem regiões ou comunidades nacionais. Nenhum, entretanto, tem a importância de uma Copa do Mundo. A Copa do Mundo é um confronto entre nações que escolheram o futebol como um esporte favorito e que fizeram dele um campo eletivo para a expressão de sua identidade (VOGEL, 1982, p. 82).

Guedes (2009, p. 464) também destaca este caráter singular das Copas do Mundo, em especial para produzir certa brasilidade. Segundo a pesquisadora, nestas oportunidades se estabelece uma temporalidade própria, apresentada como suspensa “em relação ao tempo histórico. Em um processo de intensificação crescente, é a memória da participação do selecionado nacional – logo, do Brasil – nas Copas do Mundo que fica em foco”.

“Nesse tempo suspenso, liminar, escreve-se uma outra história, aquela na qual se produz a utopia da nação brasileira como povo e como comunidade”, diz Guedes (2009, p. 464).

Nesta temporalidade própria, na qual surge a utopia de nação brasileira no contexto de Copas do Mundo, a seleção brasileira não é tratada apenas como uma equipe de futebol, mas sim como a própria pátria:

> Diferente da distinção que muitos povos fazem entre sua seleção de futebol e o país – Azzura, Bleus, Mannschaft, Fúria, Celeste etc. – entre nós a equipe nacional é chamada simplesmente de “Brasil”. “Pátria em chuteiras”, como dizia Nelson Rodrigues, talvez seja expressão redundante para seleção brasileira. Em país historicamente maltratado por seus dirigentes, país de pequena consciência de cidadania, pátria é abstração sem muito sentido, a não ser quando se materializa na seleção (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 176).

Durante os preparativos para o Mundial de 1950 e a sua realização esta dinâmica fica bem clara, o que pode ser atestado através das narrativas da imprensa sobre o evento.

Como se pôde observar até aqui, considerar a relação entre futebol, estilo e identidade é fundamental para o presente trabalho, que se propõe a avaliar as narrativas da imprensa esportiva sobre a seleção brasileira no decorrer de uma Copa. Porém, ainda é necessário falar do Mundial de 1950, especificamente da campanha da equipe brasileira no certame.

2.3 **Brasil em campo em 1950**

O Mundial de 1950 tem início no dia 24 de junho com o jogo entre Brasil e México, a primeira partida oficial no estádio no Maracanã. O confronto inaugural da competição teve um público pagante de 81.649 espectadores, entre eles muitas autoridades, que acompanharam uma grande festa:

> Com exibição da Banda do Corpo de Fuzileiros Navais executando *O Guarany*, salva de 21 tiros da Artilharia da Costa, hasteamento da bandeira pelo presidente em exercício da CBD, Mário Pollo (…), revoada de cinco mil pombos e miríades de balões subindo aos céus (…), a presença na tribuna de honra do presidente Dutra, o prefeito Mendes de Moraes, o presidente do Conselho Nacional dos Desportos, João Lyra Filho, e o presidente da Fifa, Jules Rimet, além dos Ministros da Guerra, Canrobert Pereira da Costa, da Marinha, Sílvio de Noronha, e da Aeronáutica, Armando Trompowsky, abria-se no sábado, 24 de junho de 1950, o certame que mobilizou a nação brasileira durante, no mínimo, doze anos, desde que pleiteou a sede pela primeira vez, em 1938, no Congresso da Fifa em Paris (PERDIGÃO, 2000, p. 78).

Apesar de toda a pompa da abertura, o estádio ainda não estava pronto para a estreia, e havia um temor relativo à segurança dos presentes em uma praça esportiva que tinha “tijolos, vergalhões e andaimes” ocupando grande parte de um

“Maracanã ainda em obras” (PERDIGÃO, 2000, p. 78).

Dentro de campo, o Brasil domina a partida e alcança uma vitória por 4 a 0 com gols de Ademir, o primeiro gol da competição, Jair, Baltazar e outro de Ademir no final.

Após uma vitória tão promissora a seleção brasileira segue para São Paulo, onde disputaria sua segunda partida. Tendo como palco o estádio do Pacaembu o Brasil enfrenta a Suíça. O resultado é um inesperado empate em 2 a 2, com o segundo gol da equipe visitante sendo marcado aos 43 minutos do segundo tempo. Segundo Perdigão (2000, p. 83), “o empate surpreendeu os brasileiros e teve sabor de sucesso para os suíços, que fizeram questão de posar para fotografias depois do jogo. Os brasileiros saíram de campo sob vaias de um público pagante de 42.032 pessoas”.

Na última rodada da primeira fase da primeira Copa disputada em seu território o Brasil enfrenta a Iugoslávia em meio a críticas e desconfiança da torcida, inclusive com a possibilidade de a equipe brasileira ser desclassificada ainda na fase inicial do certame. Para a disputa de uma partida tão decisiva o time nacional retorna ao Maracanã, estádio em que disputará todas as suas outras partidas na competição. Ante desafio tão grande a torcida compareceu em massa, com um público pagante de 142.429 pessoas que viu o Brasil triunfar por 2 a 0 com “uma exibição de futebol vistoso e criativo” (PERDIGÃO, 2000, p. 87).

Com esta vitória a seleção brasileira garantiu vaga nas finais do Mundial de 1950. Naquela oportunidade, a fórmula da competição era diferente da existente hoje: “Pela tabela, as 16 partidas das semifinais[26], reunindo 13 países, seriam disputadas em nove dias, de 24 de junho a 2 de julho”. Depois desta fase inicial haveria um intervalo de uma semana, e “os quatro vencedores das chaves jogariam entre si as seis partidas finais, de 9 a 16 de julho” (PERDIGÃO, 2000, p. 78). Assim, a seleção brasileira encontraria na fase final da Copa a Suécia, a Espanha e o Uruguai, equipes que se enfrentariam em um quadrangular. O vencedor seria o time que somasse mais pontos nesta fase.

A estreia do Brasil na fase final do Mundial de 1950 aconteceu no estádio do Maracanã no dia 9 de julho, oportunidade na qual a equipe comandada pelo técnico Flávio Costa venceu com facilidade a Suécia por 7 a 1 diante de 138.886 pessoas,

[26] O que Perdigão chama aqui de semifinal é a parte da Copa do Mundo que é atualmente conhecida como primeira fase, ou fase de grupos.

com uma grande atuação de Ademir, que marcou 4 gols na maior vitória da equipe brasileira em uma edição de Copa do Mundo.

Na segunda partida pelas finais da competição o Brasil volta a ter uma ótima atuação. Desta vez o adversário é a Espanha, que é superada por 6 a 1 em um dos jogos mais emblemáticos da história da seleção brasileira. Para esta partida o estádio do Maracanã recebeu um público pagante de 152.772 pessoas, e a mobilização em torno do jogo foi enorme: “Foi como se a nação houvesse parado para acompanhar a seleção em sua batalha contra o adversário tido por todos, sem exceção, como o mais difícil das finais” (PERDIGÃO, 2000, p. 98).

Porém, o que se viu em campo foi um Brasil irresistível, que com 30 minutos de jogo já vencia por 3 a 0. Ante placar tão favorável a torcida se manifestou de uma forma especial:

> Após o terceiro gol, aos 31 minutos da primeira etapa, iniciou-se a manifestação da torcida que acabou se transformando na marca registrada dessa partida arbitrada pelo inglês Ronald Leaf: o estádio inteiro acenando com lenços brancos – o adeus da vitória dos espanhóis –, que reapareceriam após o gol de Zizinho (…). Além do show dos lenços que se agitavam, centenas de fogos explodiam, balões verde-amarelos subiam, bandeiras moviam-se, o povo cantava a versão brasileira de *Cielito Lindo*. O Maracanã parecia estremecer em uma efusão coletiva, que atingiria o apogeu após o quarto gol, marcado por Chico aos 11 minutos da segunda etapa: impelido pelos gritos de ‘olé’ da multidão, um grupo começou a cantar a marcha carnavalesca ‘Touradas de Madri’ (PERDIGÃO, 2000, p. 99).

Após duas apresentações tão positivas o Brasil chegava ao terceiro jogo do quadrangular final em meio a uma onda de euforia e otimismo de torcedores, imprensa e políticos. E é neste contexto, como franco favorito, que se apresenta para enfrentar o Uruguai na partida final da Copa do Mundo de 1950.

2.4 **Brasil e Uruguai, um jogo para lembrar**

Tendo o Maracanã como palco o Brasil chega ao seu terceiro jogo pela fase final da Copa de 1950. O adversário é o Uruguai, e como, depois das duas primeiras rodadas da fase decisiva, apenas as seleções brasileira e a uruguaia podiam ficar com o título, esta partida ficou para a posteridade como sendo a final da competição.

Assim como nas outras partidas da fase final da Copa, Moura (1998) afirma que havia um grande sentimento de identificação tanto entre os torcedores presentes no estádio como os que estavam espalhados pelas várias regiões do país:

> O monumento de concreto abrigava, em sua grandiosidade, o povo brasileiro, representado em sua diversidade nas arquibancadas e cadeiras do Maracanã. O público que lotava suas dependências era o Brasil e o estádio, a própria metonímia do país. As 200 mil pessoas ali presentes davam aos jogadores em campo uma ideia viva do Brasil, incutindo-lhes força e entusiasmo para a conquista da taça. O dia 16 de julho ficaria para sempre na memória do futebol como o grande dia do Brasil (MOURA, 1998, p. 115).

Em meio a tamanha expectativa são vendidos de forma antecipada os 120 mil ingressos para a arquibancada e as 14 mil entradas para cadeiras numeradas. No dia da peleja resta aos que não garantiram sua entrada antecipada a alternativa de tentar comprar um ingresso para a geral. Fica registrado o público de 173.850 pagantes, mas “o público calculado é de aproximadamente 200 mil pessoas – o equivalente a 10% da população carioca” (MOURA, 1998, p. 116).

As equipes entram no gramado às 14h30, e, após um discurso no qual o então prefeito do distrito federal Ângelo Mendes de Morais convoca os jogadores a cumprirem o seu dever[27], os hinos nacionais são executados e o jogo é iniciado. O primeiro tempo é de amplo domínio brasileiro, com chances claras de gol desde os primeiros minutos. Porém, o intervalo chega e o placar permanece inalterado, o que deixa o público “um pouco surpreso”, mas ainda com a certeza da vitória brasileira (MOURA, 1998, p. 117).

A expectativa da vitória aumenta logo no início do segundo tempo. Com apenas 1 minuto e 21 segundos de partida Friaça abre o placar para o Brasil:

---

[27] Em várias oportunidades no decorrer da Copa de 1950 fica evidente a tentativa de políticos brasileiros obterem algum tipo de benefício da competição e da seleção brasileira. Neste sentido, Perdigão (2000, p. 116) relata alguns episódios importantes relacionados à disputa presidencial que aconteceria naquele mesmo ano: “Não foi por acaso o fato de dois presidenciáveis, o brigadeiro Eduardo Gomes e Cristiano Machado, terem dado início às suas campanhas exatamente em 25 de junho, dia seguinte à primeira partida do campeonato”. Além disso ele informa que Getúlio Vargas foi indicado pelo PTB “em 16 de junho, dia da inauguração do Maracanã”. Outro episódio que evidencia a tentativa de políticos tentarem se promover a partir da seleção brasileira no decorrer do Mundial de 1950 acontece um dia antes do jogo decisivo contra o Uruguai, quando a concentração do Brasil, que havia mudado de São Conrado para o estádio de São Januário, é invadida por políticos, como relata o ex-goleiro Barbosa: “Respirava-se em São Januário uma atmosfera pesada, mais parecendo um ambiente de festa popular do que um local de repouso. Toda hora apareciam políticos tentando se promover às nossas custas para ganhar votos”. Diante de tal panorama o jogador conclui: “Nossa concentração se transformou mesmo num ponto de romaria, tal como sucede nos locais religiosos” (PERDIGÃO, 2000, p. 116).

“Parece o início da goleada. O Maracanã explode em gritos e foguetes e a torcida não tem mais dúvidas acerca da conquista brasileira” (MOURA, 1998, p. 117).

No entanto, com o passar do tempo o Brasil não chega ao segundo gol, como esperado pela torcida, e passa a encontrar dificuldades diante do selecionado uruguaio, que se mostra um adversário muito duro. E aos 20 minutos começa a tomar forma o que o mais pessimista dos torcedores brasileiros não esperava: “Schiaffino, após receber cruzamento de Ghiggia, atinge a meta de Barbosa, conquistando o empate” (MOURA, 1998, p. 118).

Após o gol, a torcida, que até então mostrava muita animação, se cala, expressando desta forma o temor de que o Brasil pudesse fracassar diante do Uruguai. E é neste clima que, aos 33 minutos e 30 segundos da etapa final, “o impossível acontece: num rápido contra-ataque uruguaio, Ghiggia desempata o jogo. Barbosa se levanta inconsolável e o gigante de concreto queda silencioso” (MOURA, 1998, p. 118).

Com pouco mais de 11 minutos para o final da partida a torcida volta a incentivar a seleção em uma última tentativa de ver o resultado modificado. Porém, o Uruguai segura os ataques brasileiros e garante a vitória e o título da Copa do Mundo de 1950.

Vale destacar que as consequências do revés no primeiro Mundial de futebol realizado em território brasileiro ultrapassam a esfera esportiva, e esta derrota é entendida por alguns como uma derrota de projeto de país, de entrada do Brasil no grupo das nações desenvolvidas e modernas:

> A Copa, tratada como uma grande oportunidade para que o país mostrasse ao mundo sua capacidade empreendedora e vitoriosa, frustrou as expectativas de vitória. A posse da taça Jules Rimet seria uma metáfora para o Brasil, que, conquistando através do futebol sua primeira vitória mundial, se preparava também para outras conquistas e para ingressar no bloco dos países desenvolvidos. Mas tudo não passara de uma partida de futebol e o resultado nos fora adverso. Assim como as vitórias haviam sido supervalorizadas, a derrota também foi vivida intensamente. Talvez até com mais intensidade do que se tivéssemos conquistado a taça. Por alguns instantes, o país perdera o rumo. Não haviam sido apenas 11 jogadores batidos em campo pelos uruguaios, mas todo povo brasileiro fora derrotado pelo gol de Ghiggia. O revés é percebido como o destino trágico de um povo, privado das alegrias da vitória (MOURA, 1998, p. 121).

O revés de 1950 se torna um marco do futebol brasileiro[28]. E, como será

[28] O pesquisador Marcelino Rodrigues da Silva afirma que a derrota de 50 fica na memória do esporte

mostrado em momento posterior, este marco é revisitado pela imprensa brasileira no decorrer do Mundial de 2014. E é o contexto no qual foi realizada a segunda Copa do Mundo em território brasileiro que será considerado neste momento.

2.5 **Uma nova chance de conquistar o título em casa**

Se ao se candidatar para sediar a Copa de 1950 o Brasil era uma força em ascensão no mapa do futebol mundial (ainda não tendo conquistado nenhuma edição da Copa do Mundo), quando se apresenta para receber o Mundial de 2014 é uma das grandes potências deste esporte (tendo a conquista de cinco títulos mundiais como maior feito).

Ao sediar a Copa em 1950 o grande desejo do Brasil era o de conquistar o primeiro Mundial de sua história, já em 2014 o desejo da pentacampeã seleção brasileira parecia ser o de finalmente conquistar uma edição da competição em seu território, chance que em 1950 deixou escapar na partida final contra o Uruguai.

O primeiro capítulo da Copa do Mundo de 2014 ocorre no dia 3 de agosto de 2000[29], oportunidade na qual o Comitê Executivo da Fifa decide implantar o sistema de rodízio de sedes na Copa do Mundo. Desta forma haveria um rodízio entre os continentes para receber a competição. Em 7 de março de 2003 o Comitê Executivo da Fifa toma outra resolução fundamental para a escolha do Brasil como sede do Mundial de 2014, a entidade decide, como parte do novo sistema de rodízio, que um país da América do Sul sediará a Copa de 2014 e que o Mundial de 2010 será na África.

Dez dias depois a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) se

---

do Brasil não apenas como “uma decepção e uma vergonha”, mas ao se considerar “toda a carga simbólica projetada no futebol ao longo da primeira metade do século XX, ela é o nó, o ponto de inflexão da grande saga de afirmação nacional em que a história desse esporte foi transformada no Brasil”. Segundo o pesquisador, “naquele momento extremamente trágico, a nação percebe suas potencialidades e começa a juntar forças para a demonstração definitiva de seu valor, com a conquista do tricampeonato mundial por uma nova geração de craques negros e mestiços, como Pelé, Garrincha e Didi” (DA SILVA, 2006, p. 208).

[29] Com informações da seguinte matéria: *Cronologia da candidatura do Brasil à Copa do Mundo de 2014*. Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2007/10/cronologia-da-candidatura-do-brasil-a-copa-do-mundo-de-2014-1662987.html#showNoticia=RTtSaT06WHE1MzU4MTA2MjAxMzQ1MjQ5MjgwSk9jNDk2NzgwNTEzNzE3MDQxNTE5NmFyPDI0OTc1MzI1MDA0NDQ3MDg4NjRPMit5YzVZUTBcMUV2ZCg+NnE=>. Acesso em: 26 mar. 2016.

reúne pela primeira vez após o anúncio da Fifa de que a Copa de 2014 seria sediada por um país vinculado à entidade. Assim, no dia 18 de março de 2003 a Conmebol anuncia que indicará o Brasil como o único candidato a sediar a Copa de 2014.

Contudo, a inscrição oficial do Brasil como candidato para sediar a Copa de 2014 só é realizada no dia 13 de abril de 2007 pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). E no mesmo dia a Fifa confirma o Brasil como candidato único para receber a competição.

Neste meio tempo a China, por intermédio de seu secretário de Esportes, chega a expressar a intenção de se apresentar como candidata a receber a Copa de 2014, mas o então presidente da Fifa, o suíço Joseph Blatter, descarta imediatamente as pretensões chinesas.

Outra candidatura que fica pelo caminho é a da Colômbia. Em dezembro de 2006 a Federação Colombiana de Futebol apresenta sua candidatura. Contudo, em 11 de abril de 2007 a entidade desiste da candidatura por afirmar não ter condições de adequar o país aos encargos que a Fifa exigia.

A partir de então há uma grande mobilização no Brasil de forma a demonstrar para a Fifa que o país tem condições de organizar o Mundial.

Com a aproximação da data do anúncio da próxima sede da Copa de 2014, o então presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva segue para a Suíça para acompanhar a última apresentação do Brasil como candidato a receber o Mundial de 2014. Com ele segue uma comitiva de governadores de 12 estados que têm o interesse de sediar jogos do Mundial.

Finalmente, no dia 30 de outubro de 2007 a Fifa anuncia de forma oficial que o Brasil será a sede da Copa de 2014. Desta forma o país volta a receber a competição pela segunda vez na história após um hiato de 64 anos.

Segundo Damo e Oliven (2013), “a escolha do Brasil como sede da Copa de 2014” pode ser entendida como o acomodamento “dos interesses da Fifa e do governo brasileiro. Do ponto de vista da Fifa e de sua estratégia de globalização do mercado futebolístico, a Copa de 2014 deveria ser realizada no continente americano, preferencialmente no sul”. E diante das exigências de infraestrutura apresentadas pela Fifa para a realização do evento, o Brasil era entendido como o país “cuja economia teria condições de suportar, sem maiores sobressaltos, os investimentos demandados, além de ser um país no qual o futebol é o esporte

hegemônico, sem contar o seu potencial turístico e sua reputação de hospitalidade" (DAMO; OLIVEN, 2013, p. 23).

Além disso, é válido destacar que, no momento em que a Fifa confirma o Brasil como sede da Copa de 2014, o país vive um clima de otimismo e euforia no universo esportivo, pois tinha acabado de sediar a 15ª edição dos Jogos Pan-americanos. E havia um movimento em curso para disputar o direito de sediar os Jogos Olímpicos de 2016, o que foi obtido em 2 de outubro de 2009.

Além do argumento do rodízio de continentes, as recentes escolhas da Fifa e do Comitê Olímpico Internacional (COI) se basearam no momento econômico e político do Brasil e de outros países escolhidos:

> Primeiramente, a escolha da África do Sul para sediar o Mundial de 2010, do Brasil para a Copa de 2014 e da Rússia para a edição de 2018 denota claramente a importância de novos países dentro da ordem política e econômica internacional. Não por acaso, essas três nações, ao lado de Índia e China (que sediou os Jogos Olímpicos de 2008), compõe o que é chamado de BRICS, ou seja, países em acelerado ritmo de crescimento econômico. São nações com amplos mercados, cujas potencialidades de lucros não são desprezados pelos homens de negócio da Fifa e empresas patrocinadoras do futebol, isso mormente quando há uma grave crise da economia dos países centrais capitalistas (FARIAS, 2014, p. 471).

Após esta decisão tiveram início os preparativos do Brasil para receber a competição. Inicialmente 22 cidades se candidataram para receber os jogos do certame. Contudo, "após uma avaliação 'técnica' preliminar da Fifa", algumas das cidades candidatas foram eliminadas, e no dia 31 de maio de 2009 foi decidido que as sedes da competição seriam Rio de Janeiro (que receberia a final), São Paulo (onde seria realizado o jogo de abertura), Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Recife e Salvador (FARIAS, 2014, p. 490).

Para que estas cidades pudessem receber as partidas seria necessário que a maior parte construísse novos estádios, enquanto a minoria teria que reformar praças esportivas já existentes. Além dos benefícios esportivos provenientes da renovação dos estádios brasileiros, a Copa de 2014 foi apresentada como a oportunidade para desenvolver outros aspectos das cidades brasileiras, especialmente na área da mobilidade, seja ela urbana ou aérea. Estes "avanços" foram apresentados como legados da Copa para a população brasileira.

Segundo Santos (2011), a expectativa dos governantes brasileiros era a de

que a Copa de 2014, “além de projetar o país internacionalmente, deixe um legado social que evidencie e promova valores de nacionalidade, solidariedade e integração”. O evento também contribuiria para gerar “trabalho e renda, com a profissionalização e qualificação de recursos humanos, infraestrutura esportiva e urbanística” (SANTOS, 2011, p. 67),

Contudo, as expectativas não se confirmaram, e antes mesmo do início da competição, “em fevereiro de 2013, a imprensa informava que o governo brasileiro já dava como certo que o legado da Copa para o Brasil seria menor do que o esperado”. Segundo estas notícias, várias das obras de mobilidade prometidas para a competição não ficariam prontas no prazo, além disso, as contas dos custos do evento foram refeitas para cima[30] e, “ao contrário do que foi euforicamente dito, de que a iniciativa privada bancaria boa parte dos investimentos para o mundial, isso não aconteceu” (FARIAS, 2014, p. 499).

Se fora de campo a movimentação para receber a Copa era grande, dentro das quatro linhas o panorama não era diferente. Era realizado um trabalho incessante para formar uma equipe com chances reais de conquistar o primeiro título Mundial da seleção brasileira em sua própria casa. Desde a sua última conquista de uma edição de Copa do Mundo, em 2002 na Coréia e Japão, o time brasileiro não vinha protagonizando boas campanhas na competição: Em 2006, na Alemanha, terminou em quinto lugar após ser desclassificado nas quartas de final pela França. Quatro anos depois, no Mundial da África do Sul, o selecionado brasileiro parou novamente nas quartas de final ao ser superado pela Holanda, o que lhe garantiu a sexta posição.

Após o fracasso na Copa de 2010 a CBF entregou o comando da seleção ao técnico gaúcho Luiz Antônio Venker Menezes, mais conhecido como Mano Menezes. O treinador, que havia alcançado bons resultados no comando do

[30] Um exemplo do aumento dos custos com os preparativos para a Copa de 2014 são os gastos com os estádios. Segundo orçamento apresentado em 2007 no momento da candidatura do Brasil apresentada à Fifa, seriam gastos para construir e reformar os palcos da Copa do Mundo R$ 2,8 bilhões. Porém, no início de 2015 o Ministério do Esporte divulgou o balanço final dos valores gastos na construção ou reforma dos 12 estádios da Copa do Mundo de 2014: R$ 8,333 bilhões. A informação sobre o orçamento inicial para reforma e construção de estádios está na seguinte matéria: *Custo dos estádios da Copa 2014 dispara e chega a R$ 8 bilhões*. Disponível em <http://www.portal2014.org.br/noticias/12106/CUSTO+DOS+ESTADIOS+DA+COPA+2014+DISPARA+E+CHEGA+A+R+8+BILHOES.html>. Acesso em: 18 mar. 2016. E a informação sobre o custo final da reforma e construção de estádios está na seguinte matéria: *Governo divulga valores finais da Copa: R$ 8,3 bilhões em estádios*. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/01/governo-divulga-valores-finais-da-copa-r-83-bilhoes-em-estadios.html>. Acesso em: 18 mar. 2016.

Corinthians[31], apostou em um futebol ofensivo, com o esquema 4-3-3. Além disso, iniciou um processo de renovação da equipe, apostando em nomes como Neymar, Lucas, Leandro Damião, Oscar e Paulinho.

No entanto, “o futebol não ‘encantou’ e os títulos não vieram. O primeiro fracasso foi a Copa América de 2011, (...) quando o Brasil foi eliminado nas quartas de final, ao perder nos pênaltis por 2x0, após desperdiçar incríveis quatro cobranças” (FARIAS, 2014, p. 513). Com o revés vieram as cobranças da imprensa, que até então mantinha uma boa relação com o treinador. Outro grande tropeço de Mano se deu no comando da seleção olímpica, que foi derrotada na final dos Jogos Olímpicos de 2012, que aconteceram em Londres. O revés por 2 a 1 para o México na decisão impediu que o Brasil conquistasse o único título de expressão internacional que ainda não possui no futebol profissional masculino.

Após esta nova derrota a pressão sobre Mano aumentou muito. A Copa de 2014 se aproximava e a derrota nos Jogos Olímpicos de 2012 colocava em questão o trabalho do treinador, que tinha a equipe que foi prata em Londres como a base para o Mundial a ser realizado no Brasil.

O técnico permaneceu no comando da seleção brasileira até o último compromisso do time em 2012, um jogo contra a Argentina pelo Superclássico das Américas[32], que terminou com vitória da equipe visitante em jogo realizado em Buenos Aires. Para o seu lugar foi escolhido outro técnico do Rio Grande do Sul, Luiz Felipe Scolari, o Felipão:

> A demissão de Mano não deixou de ser para os dirigentes da CBF uma forma de remotivar os jogadores – e o País – na esperança de conquistar o hexa. O novo técnico passou a ser Luiz Felipe Scolari, que em 2002 comandara a seleção na campanha do penta. “Felipão”, um profissional vitorioso, apegado ao futebol de resultados e cujas qualidades incluem grande carisma e poder de motivação e “fechar” grupos (lembra-se da “Família Scolari”?) (...). A escolha, afora uma prova de competência de “Felipão” como treinador e um indicativo dado pelos cartolas de que o Brasil “retomava os trilhos do sucesso”, pode ser vista ainda como um sinal de que um certo saudosismo (uma fuga das dificuldades do presente?), de que o técnico repetisse o que fizera no começo da década anterior, quando pegou um time desacreditado e humilhado e o levou à conquista da Taça Fifa no Japão e Coréia do Sul. Mais sintomático do saudosismo verde e

[31] Sob o comando de Mano o time paulista conquistou o Campeonato Brasileiro da Série B de 2008, o Campeonato Paulista de 2009 e a Copa do Brasil de 2009, além de ter realizado uma boa campanha na Copa Libertadores de 2010.

[32] O Superclássico das Américas é a reedição da tradicional Copa Rocca, competição instituída em 1913 pelo então presidente argentino Julio Argentino Rocca. A competição, que é disputada apenas pelas seleções do Brasil e da Argentina, foi realizada pela primeira vez em 1914.

> amarelo foi a nomeação de Carlos Alberto Parreira, tetra com o Brasil em 1994, como coordenador técnico (FARIAS, 2014, p. 514).

Mesmo com um currículo vitorioso, o início de trabalho de Scolari à frente da seleção brasileira não é animador, empates, derrotas e vitórias questionadas se avolumam, enquanto o Brasil alcança a pior posição no ranking da Fifa até então[33], a 19ª. O panorama só muda em 2013, com a conquista do tetracampeonato da Copa das Confederações[34]. Após uma bela campanha, com direito a vitórias sobre equipes tradicionais como Itália e Uruguai, na final da competição, disputada no estádio do Maracanã, o Brasil vence a então campeã mundial Espanha por 3 a 0 com gols de Fred e Neymar. Após este triunfo a confiança da torcida e da imprensa aumenta muito, e uma possível conquista da Copa de 2014 não parece mais ser algo impossível.

Em paralelo à realização da Copa das Confederações o Brasil se viu tomado por uma série de manifestações. Este movimento tem início há apenas duas semanas do início da competição, no começo de junho de 2013, oportunidade na qual "os governantes de São Paulo aumentaram em R$ 0,20 as tarifas dos transportes públicos (...). A partir do dia 6 de junho (...) começaram a ocorrer manifestações de rua contra o aumento das passagens". A polícia tenta rechaçar o movimento com o uso de artifícios como gás lacrimogênio, spray de pimenta e balas de borracha. Já os manifestantes respondem à ação policial com pedras e rojões. Isto faz com que as ruas do centro da capital paulista se transformem em "verdadeiros cenários de guerra, havendo, não raro, quebra-quebra" (FARIAS, 2014, p. 516).

Diante da "repressão desproporcional da polícia, mais pessoas saíram às ruas, especialmente uma juventude de classe média". No decorrer dos dias, mais cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Brasília, Fortaleza, Porto Alegre, Salvador

---

[33] A pior posição do Brasil no ranking da Fifa na história é a 22ª, obtida alguns dias antes do início da Copa das Confederações de 2013. Com informações da matéria: *Antes da Copa das Confederações, Brasil cai para 22º no ranking da Fifa*. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/selecao-brasileira-cai-para-22-posicao-no-ranking-da-fifa.html >. Acesso em: 29 mai. 2016.

[34] A Copa das Confederações é uma competição organizada pela Fifa, realizada a cada quatro anos e que envolve as seleções de oito países: Seis campeões continentais, o país sede e o campeão mundial do momento. A sede da competição é sempre o país sede da Copa do Mundo que acontece um ano depois da realização da Copa das Confederações. Desta forma, pode-se entender a Copa das Confederações como uma espécie de ensaio para a Copa do Mundo, pois os países sede têm a oportunidade de testar boa parte da estrutura preparada para o Mundial.

e Recife viram palco de manifestações semelhantes. “Eram as maiores manifestações de rua do Brasil em mais de 20 anos – as últimas haviam ocorrido em 1992, para o impeachment do presidente Fernando Collor” (FARIAS, 2014, p. 516).

Com o passar do tempo, os protestos passam a ter outro alvo, a Fifa, que iria ter um vultuoso ganho com o evento, pois estava “isenta de impostos”. E o movimento também expressa sua insatisfação com a imposição de medidas impopulares, “antipáticas e arbitrárias aos brasileiros”. E toda essa movimentação acontece com a concordância do Governo e de quase todo o espectro partidário do Congresso, “que aprovaram a Lei da Copa” (FARIAS, 2014, p. 516). Além disso, as medidas tomadas para a realização da competição causaram várias dificuldades para camadas mais pobres da população, como desocupação de casas, controle do direito de ir e vir e limitação do comércio popular.

Desta forma estes protestos passavam uma mensagem clara para os organizadores, uma mensagem crítica com relação a algumas das ações realizadas em prol da competição: “A mensagem era clara: nós repudiamos os lucros ultrajantes com a Copa do Mundo e a não aplicação desses recursos em necessidades sociais básicas” (FARIAS, 2014, p. 517).

Com o início da Copa das Confederações começam a acontecer passeatas gigantescas[35], em especial nos dias dos jogos da seleção brasileira. Este movimento contestatório entra nos estádios, quando são exibidos cartazes de apoio aos manifestantes, mesmo que tais atos fossem proibidos pela Fifa. Outro episódio importante se dá na partida inaugural da competição, quando a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e o então presidente da Fifa, o suíço Joseph Blatter, são alvo de vaias de parte considerável dos presentes no estádio.

Contudo, será que um movimento de tamanha envergadura se resumia a “apenas R$ 0,20” ou ao questionar a ação da Fifa na organização da Copa do Mundo de 2014? O professor e historiador Airton de Farias oferece um comentário que, se não serve para trazer uma resposta exata, aponta caminhos para refletir sobre esta questão:

---

[35] Alguns dias após o término da Copa das Confederações, a Secretaria Extraordinária de Segurança de Grandes Eventos (Sesge) informou que as manifestações populares realizadas nas seis cidades-sede do evento reuniram o total de 864 mil pessoas. Segundo a organização, a maior manifestação foi a do Rio de Janeiro, que reuniu 300 mil pessoas no dia 20 de junho de 2013. Veja mais informações na seguinte matéria: *Protestos na Copa das Confederações reuniram 864 mil pessoas*. Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/07/02/protestos-na-copa-das-confederacoes-reuniram-864-mil-manifestantes.htm>. Acesso em: 9 jun. 2016.

> Os “gritos das ruas” que sacudiram o Brasil não foram exatamente uma surpresa. Na verdade, há grandes contradições na sociedade brasileira e há anos já ocorriam mobilizações sociais (...). O Brasil crescera economicamente na década anterior, o emprego expandiu-se, os salários das camadas mais humildes aumentaram, milhões de pessoas saíram da pobreza e entraram no mundo do consumo, mas apenas isso não bastava. Querem mais: melhores serviços de transporte, saúde e educação de qualidade (...). O País não fez as reformas estruturais. A concentração de renda continua alta, a terra permanece com poucos, o Estado continua autoritário (...) e a serviço dos detentores do poder econômico, a violência cresce, o caos urbano (...) persiste. Para agravar, há o histórico problema da corrupção e impunidade do Brasil (...). Um País cheio de contradições e que estava gastando milhões em estádios de futebol. Não por acaso, muitos protestos ocorreriam no entorno das “arenas” e nos dias de jogos (FARIAS, 2014, p. 519).

Sobre as manifestações, Ronaldo Helal, Álvaro do Cabo e Carmelo Silva (2014, p. 291) fazem uma observação interessante, a de que estas manifestações, de certa forma, contrapõem o que chamam de “uma suposta opinião culta que costuma sentenciar que o ‘futebol é o ópio do povo’”. Segundo o trio de pesquisadores, a Copa das Confederações talvez tenha deixado como maior legado algo que “até os mais céticos terão que admitir”: A percepção de que “o futebol contribuiu para a mobilização das massas em relação a questões políticas” (HELAL, CABO e SILVA, 2014, p. 293).

Além disso, os pesquisadores afirmam que o fato de estas manifestações terem sido realizadas no contexto da Copa das Confederações antecipou o ressurgimento do “nacionalismo cíclico”, que é relacionado à realização da Copa do Mundo, “mas em um sentido um pouco distinto, já que em torno de questões públicas do país e suas instituições, e não somente em torno da seleção brasileira” (HELAL, CABO e SILVA, 2014, p. 295).

Neste contexto, e após um hiato de 64 anos, a Copa do Mundo da Fifa retornava ao Brasil. Um Brasil que no universo futebolístico não era mais coadjuvante, mas era um dos principais atores do evento. Contudo, como visto, a recepção não foi da forma como a Fifa esperava. Até o início da competição, a adesão da população local parecia não ser tão grande quanto o apoio aos movimentos contestatórios que tomavam conta do país.

Chega então o dia 12 de junho de 2014, e com ele o início da trajetória do Brasil em busca de um título muito esperado.

2.6 **Brasil em campo no Mundial de 2014**

Como país-sede da Copa de 2014 o Brasil teve o privilégio de fazer o jogo de abertura da competição no dia 12 de junho na Arena de Itaquera, em São Paulo. O adversário nesta oportunidade foi a Croácia. Antes da partida acontece o show de abertura da competição. A festa não empolga muito a torcida, e recebe críticas posteriores da imprensa por não apresentar muito da riqueza cultural do Brasil. O evento tem a presença de várias autoridades, entre as quais se destacam a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e o presidente da Fifa, o suíço Joseph Blatter. Os dois são alvo de vaias de torcedores.

Antes do início da partida a torcida protagoniza um momento de grande emoção, pois entoa o hino nacional inteiro[36], desconsiderando o padrão adotado pela Fifa de tocar apenas um pequeno trecho da música. Esta é na verdade uma iniciativa que começa na vitoriosa campanha do Brasil na Copa das Confederações de 2013, e que é repetida em todas as partidas da seleção brasileira desde então.

Contudo, mesmo com tanta emoção e otimismo, a campanha brasileira no Mundial de 2014 não começa bem, pois logo no início do primeiro tempo o lateral Marcelo faz um gol contra. Mesmo com a vantagem croata no marcador a torcida brasileira continua a apoiar a seleção, que chega ao empate ainda na etapa inicial com Neymar, que marca após boa jogada do meia Oscar.

O segundo gol brasileiro sai apenas no segundo tempo, após o atacante Fred sofrer um pênalti polêmico. Neymar cobra e coloca o Brasil em vantagem no marcador. Ainda há tempo de a seleção fazer o terceiro com o meia Oscar. Placar final 3 a 1 para o Brasil, que, mesmo não apresentando um futebol convincente, estreia com vitória.

Cinco dias depois o Brasil volta a campo para enfrentar o México na Arena Castelão, em Fortaleza. Porém, o jogo termina em um empate sem gols no qual o grande destaque é o goleiro mexicano Guillermo Ochoa, que segura o ataque brasileiro.

Após uma vitória e um empate nas duas primeiras rodadas da competição, a

---

[36] A ideia de que o hino é um símbolo de união nacional, de representação de uma identidade brasileira, já está presente na Copa de 1950, oportunidade na qual o Senado Federal propõe uma campanha para que “o Hino Nacional seja cantado nos estádios por todos” (BRINATI, 2015, p. 93).

seleção brasileira chega ao último jogo da fase inicial sem a classificação garantida. Diante da seleção de Camarões, o time brasileiro precisava vencer para tentar se classificar como líder do grupo.

Jogando em Brasília, a seleção consegue derrotar a equipe camaronesa por 4 a 1 em jogo no qual o atacante Neymar é o grande destaque ao marcar duas vezes. O atacante Fred e o volante Fernandinho marcam os outros gols brasileiros. Com o triunfo o Brasil consegue avançar para as oitavas de final com tranquilidade, como primeiro colocado do seu grupo na Copa.

Nas oitavas de final da competição o Brasil enfrenta o Chile no estádio do Mineirão, em Belo Horizonte. No tempo regulamentar a partida termina com um empate de 1 a 1. É necessária então a realização de uma prorrogação, na qual o placar permanece inalterado, o que leva o jogo para a disputa de pênaltis.

Um pouco antes da decisão nos pênaltis, o goleiro brasileiro Julio César chora, enquanto o capitão da seleção brasileira, Thiago Silva, se nega a tomar parte da disputa. Fica evidente o nervosismo dos jogadores brasileiros.

Nas cobranças da marca penal o goleiro brasileiro brilha e pega duas bolas, e o Brasil vence por 3 a 2. A classificação para as quartas de final está garantida, mas toda a tensão dos jogadores do Brasil vem à tona, com muito choro.

Em meio ao questionamento sobre o equilíbrio emocional de seus jogadores, a seleção vai à Arena Castelão, em Fortaleza, para enfrentar a Colômbia pelas quartas de final. Em uma disputa muito parelha, o Brasil vence com gols dos zagueiros Thiago Silva e David Luiz, em uma linda cobrança de falta. O selecionado colombiano desconta com o meia James Rodriguez.

No entanto, o principal fato do jogo foi a joelhada que o lateral Zuñiga deu nas costas de Neymar. A pancada causou a fratura de uma das vértebras do camisa 10 do Brasil, que, desta forma, não pôde mais defender a seleção na Copa de 2014. Cria-se então um clima de consternação em meio à imprensa e torcida brasileira por causa da lesão do principal jogador do Brasil.

E é neste clima que a seleção brasileira enfrenta a Alemanha pela semifinal da Copa. O jogo, realizado em 8 de julho no Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, entrou para a história como uma das maiores derrotas da história da seleção brasileira.

Sem Neymar em campo, mas com grande apoio da torcida e esperança de que poderia superar a ausência de seu principal jogador para garantir a vaga na tão

sonhada final no Maracanã, a seleção brasileira não se encontra em campo, e acaba goleada por 7 a 1 pela Alemanha.

A partir deste revés, o trabalho realizado pelo técnico da seleção, Luiz Felipe Scolari, e o futebol apresentado pela equipe passam a ser alvos de muitas críticas. Contudo, mesmo com a derrota para os alemães, ainda havia um jogo a ser disputado.

O último capítulo do Brasil na Copa de 2014 acontece quatro dias após o revés diante da Alemanha. A seleção brasileira disputa com a Holanda o terceiro lugar da competição no Estádio Nacional, em Brasília. Mas o resultado foi uma derrota por 3 a 0, o que garantiu um final de competição melancólico para os anfitriões do torneio.

Já o título do Mundial de 2014 foi para as mãos da Alemanha, que vence a Argentina por 1 a 0 no estádio do Maracanã.

E é a partir destes e de outros episódios da Copa de 2014 que são elaboradas as narrativas da imprensa sobre a campanha brasileira. E é na observação destas narrativas que está o ápice deste estudo.

3 **NARRATIVAS SOBRE A COPA DE 2014**

Como dito anteriormente, o ato de narrar um evento ou acontecimento nem sempre apresenta produtos com uniformidade de forma e conteúdo. Isto se dá porque a forma final de narrativas é produto direto da ação de um indivíduo, que, por maior que tenha o desejo de atingir a objetividade, deixa transparecer no texto suas idiossincrasias, traços de sua visão particular do fato narrado.

Tendo isto em mente é que se realiza aqui uma análise das narrativas da imprensa brasileira sobre a Copa do Mundo. Para isto serão adotados alguns procedimentos de pesquisa. O primeiro será a leitura atenta dos cadernos de esporte das edições de 5 de junho a 20 de julho de 2014 do jornal *O Globo* e de a *Folha de São Paulo*[37], intervalo de tempo que vai de uma semana antes do início da competição até uma semana após a final da Copa do Mundo de 2014. A intenção aqui será acompanhar as inúmeras narrativas da imprensa brasileira sobre a participação da seleção no Mundial de 2014. Esta observação será realizada considerando a seguinte hipótese: De que a derrota de 7 a 1 para a Alemanha mudou o rumo que estes relatos estavam tomando até então. Ao mesmo tempo, estará se tentando identificar que memórias são acionadas no decorrer da competição, lembranças sobre episódios do passado da seleção brasileira, de jogadores brasileiros do passado e da Copa do Mundo de 1950.

Também serão considerados no estudo os cadernos de esporte de *O Globo* e da *Folha de São Paulo* de 15 de outubro de 2014 (um dia após uma vitória de 4 a 0 da seleção brasileira sobre o Japão em partida amistosa), do dia 16 de outubro de 2014 (data na qual se alcançou a marca de 100 dias após a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha no Mundial de 2014) e do dia 8 de julho de 2015 (um ano após o Mineiratzen[38]).

Isto será feito com o intuito de testar a hipótese de que um ano após a Copa

---

[37] A escolha de *O Globo* e de a *Folha de São Paulo* se dá porque estes são os dois maiores jornais em circulação do Brasil, segundo pesquisa divulgada em maio de 2015 pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Esta informação está na seguinte matéria: *Circulação dos cinco grandes jornais cresce*. Disponível em <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2015/05/26/Circulacao-dos-cinco-grandes-jornais-.html>. Acesso em: 13 jul. 2015.

[38] Mineiratzen é um termo cunhado pela imprensa brasileira e que é usado em referência à derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha pelas semifinais da Copa do Mundo de 2014. O jogo aconteceu no estádio do Mineirão em 8 de julho de 2014.

de 2014 a derrota de 7 a 1 pode se tornar uma lembrança acionada preferencialmente pela imprensa brasileira quando fizer referencia à competição. Além disso, se tentará identificar que usos estão sendo feitos desta memória pela imprensa no espaço de um ano após a realização da partida. Mas antes é necessário falar um pouco dos jornais que terão suas narrativas observadas: *O Globo* e de a *Folha de São Paulo*.

3.1 **O Globo**

A história de *O Globo*[39] está ligada de forma íntima à da família Marinho. Em 1911 o jornalista Irineu Marinho funda o vespertino *A Noite*. Contudo, ele acaba perdendo o controle da publicação.

Após esta experiência malsucedida, Irineu Marinho se dedica à criação de *O Globo*, jornal voltado para a cidade do Rio de Janeiro. Para esta empreitada ele conta com a participação de antigos colaboradores de *A Noite*. O nome da publicação foi resultado de um concurso. Nesta enquete o nome mais votado foi *Correio da Noite*, mas, como este título já estava patenteado, a opção foi pelo segundo mais votado: *O Globo*.

A primeira edição de *O Globo*, que inicialmente era um vespertino, foi publicada no dia 29 de julho de 1925.

Com menos de um ano de vida o controle da publicação muda de mãos. Isto acontece porque em 21 de agosto de 1925 Irineu Marinho morre. O controle da publicação passa para o jornalista Eurycles de Matos, amigo de Irineu.

Eurycles fica na posição até o dia 5 de maio de 1931, quando falece, e é sucedido na direção de *O Globo* pelo filho mais velho de Irineu, Roberto Marinho.

Foi sob o comando de Roberto Marinho que *O Globo* viveu o período de maior crescimento, tornando-se uma das principais publicações do país, tanto em influência como em tiragem.

A partir do jornal *O Globo* a família Marinho forma um poderoso conglomerado de comunicação formado por outras publicações, rádios, portais de

---

[39] Com informações retiradas da matéria: *A história do jornal O Globo desde a sua fundação*. Disponível em <http://memoria.oglobo.globo.com>. Acesso em: 30 mar. 2016.

internet e pela *TV Globo*, uma das principais emissoras do país.

No universo do esporte *O Globo* realizou a cobertura de megaeventos como Copas do Mundo e edições dos Jogos Olímpicos. No caso específico da Copa de 2014, desde antes do início da competição a publicação manteve um tom crítico em relação à organização do evento, especificamente sobre o que chamava de gastos excessivos para a realização do Mundial.

3.2 **Folha de São Paulo**

A história da *Folha de São Paulo*[40] começa no ano de 1921, oportunidade na qual Olival Costa e Pedro Cunha criam a *Folha da Noite* no dia 19 de fevereiro. Quatro anos mais tarde é criada a edição matutina da *Folha da Noite*, a *Folha da Manhã*. Naquele momento as principais notícias das publicações eram voltadas para as deficiências dos serviços públicos, com assuntos relacionados à população de São Paulo.

No ano de 1931 o controle dos jornais passa para Diógenes de Lemos, Guilherme de Almeida e o cafeicultor Octaviano Alves Lima. A partir de então as publicações adotam uma linha editorial voltada para a defesa de interesses de produtores rurais paulistas.

Em março de 1945 o controle acionário das publicações muda de mãos, passando para José Nabantino Ramos. É neste momento que os jornais, que passam a ter a classe média como público-alvo, realizam a cobertura do Mundial de 1950. Em 1º de julho de 1949 é lançada a *Folha da Tarde*.

A *Folha de São Paulo* começa a circular apenas em 1º de janeiro de 1960, quando os três títulos da empresa se juntam para dar lugar à nova publicação. Em agosto de 1962 o controle acionário da empresa *Folha da Manhã* passa para os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho.

Em 1992 acontece uma outra mudança acionária na empresa, com o empresário Octavio Frias de Oliveira obtendo a totalidade do controle da companhia.

No ano de 1986 a publicação assume a liderança na imprensa diária

---

[40] Com informações retiradas da matéria: *História da Folha*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>. Acesso em: 30 mar. 2016.

brasileira como o jornal de maior circulação do país. A *Folha de São Paulo* manteve este status até 2010, quando perdeu a posição para o jornal popular de Belo Horizonte *Super Notícia*. A liderança do ranking é retomada pela *Folha de São Paulo* no ano de 2014.

Em pouco mais de 95 anos de existência a *Folha de São Paulo* noticiou importantes episódios da história brasileira, como a campanha pelas Diretas, em 1984, o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1991, e a denúncia do caso do mensalão, durante o Governo Lula em 2005.

Assim como *O Globo*, a *Folha de São Paulo* assumiu uma posição muito crítica ao tratar da organização da Copa de 2014. As críticas, tanto de uma como de outra publicação, se voltavam para os gastos excessivos realizados pelo Governo para organizar a competição. Deve-se salientar o fato de que no momento da realização do Mundial tanto *O Globo* como a *Folha de São Paulo* mantinham uma postura crítica em relação ao Governo Federal da época.

Outro alvo das críticas da *Folha de São Paulo* no momento do Mundial é a CBF. A entidade que comanda o futebol brasileiro é presença constante na publicação paulista em matérias que questionam a gestão da entidade. Neste caso, o jornal *O Globo* apresentou críticas menos efusivas à entidade, postura que mudou após o fracasso da seleção na competição.

Um detalhe importante é que tanto a *Folha de São Paulo* como *O Globo* publicaram cadernos especiais para veicular o conteúdo relacionado ao Mundial de 2014. Porém, em algumas oportunidades, notícias relacionadas à competição ocupavam outros espaços das publicações que não a dos cadernos especiais, o que demonstra a importância que os dois jornais deram ao evento.

3.3 **Desconfiança da organização e fé na seleção**

Pode-se narrar um mesmo evento a partir de vários enfoques, pontos de vista, motes diferentes. E é este exercício que se proporá a partir de agora, evidenciar várias narrativas elaboradas a partir de diferentes aspectos da Copa de 2014 que, em conjunto, apresentam um “retrato” multifacetado de um mesmo evento. E o primeiro enfoque a ser destacado neste trabalho é o da desconfiança em

relação à organização do Mundial, enquanto havia uma grande confiança direcionada à equipe brasileira.

Um dia antes do início da Copa do Mundo de 2014, com a partida inaugural entre Brasil e Croácia no estádio de Itaquera, em São Paulo, tanto a *Folha de São Paulo* como *O Globo* deram destaque em seus cadernos especiais sobre a competição a matérias sobre a preparação das seleções que participariam do torneio e a textos com prognósticos sobre o Mundial. Porém, um terceiro tema predominava nas publicações, a organização (ou a falta) do Mundial.

Este temor em relação à organização do evento se baseava em elementos como os atrasos de obras de estádios e de mobilidade. A *Folha de São Paulo* evidencia isto em uma matéria do caderno especial da Copa a um dia do início do torneio. O texto aborda os atrasos do estádio de Itaquera, onde aconteceria o jogo de abertura do evento: “Uma caminhada pelo entorno do Itaquerão foi suficiente para sentir que a Copa chegou. (...) estrangeiros na frente do estádio tiravam fotos (...). Mas a presença de trabalhadores nos arredores da arena indicava que nem tudo está pronto”. Segundo a publicação, a organização afirmava que os funcionários trabalhavam apenas no “acabamento” da obra. A mesma reportagem também trata dos atrasos da obra no estádio do Beira-Rio, em Porto Alegre. Segundo o texto, “lama, entulho e operários marcam o cenário do entorno do Beira-Rio, em Porto Alegre” (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/06/2014, p. D9).

Contudo, a desconfiança sobre a organização do Mundial fica mais evidente na principal manchete de capa da edição do jornal paulista que foi para as bancas no dia seguinte: “Copa começa hoje com seleção em alta e organização em xeque” (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2014, p. A1). A chamada da matéria explica melhor a desconfiança sobre a organização do evento:

> O Brasil volta a sediar a Copa do Mundo de futebol nesta quinta-feira (12), após quase sete anos de preparativos e 64 anos depois de abrigar o evento pela primeira vez em 1950. Brasil e Croácia se enfrentam às 17h, no Itaquerão, em São Paulo, na abertura da 20ª edição do torneio. A seleção nacional, que busca o hexacampeonato, entra em campo como favorita, invicta nos 13 jogos oficiais com Luiz Felipe Scolari, mesmo técnico do penta em 2002 (...). A Copa no Brasil consumiu cerca de R$ 26 bilhões, a maior parte dinheiro público, gastos em estádios novos e obras de infraestrutura, muitas incompletas. Dos 167 compromissos assumidos em 2010, só 53% foram concluídos – do que ficou para trás, importantes projetos de mobilidade urbana, prometidos por Governo Federal e estados. O evento acontece sob desconfiança de parte da população, que festeja as seleções, mas contesta as despesas bilionárias (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2014, p. A1).

O detalhe nesta chamada é que, além de evidenciar as razões para a desconfiança com a organização da competição, ela deixa claro que, para a publicação, naquele momento a seleção brasileira era franca favorita ao título, condição que é referendada pelo bom retrospecto da equipe sob o comando de Luiz Felipe Scolari, inclusive com o título de outra Copa[41]. Aqui não se pode deixar de destacar a menção à Copa de 1950. No decorrer das matérias sobre a competição realizada em 2014 este é um recurso muito usado pelas publicações observadas[42].

No mesmo dia *O Globo* deixa evidente a desconfiança em relação à organização do Mundial de 2014 logo na capa. Ao contrário da *Folha de São Paulo*, o diário carioca não faz isto na manchete principal, mas em uma chamada menor: "Itaquerão não termina obra nem para a estreia" (O GLOBO, 12/06/2014, p.1). O assunto ganha mais destaque no caderno especial da Copa do Mundo. Em uma matéria sobre o atraso nas obras do estádio do Itaquerão ficam evidentes as críticas à organização do evento, mas em um tom menor que o adotado pela *Folha de São Paulo*. Segundo a publicação carioca, o estádio é a realização de um sonho do clube paulista Corinthians, o de ter um estádio próprio. Desta forma *O Globo* começa a abordar a polêmica envolvendo a escolha do estádio paulista como palco de abertura da Copa. A outra praça esportiva que poderia receber este jogo era o Morumbi, estádio do São Paulo, que precisava apenas de algumas reformas. Porém, a opção foi pela construção de uma praça esportiva totalmente nova.

"O Itaquerão começou a ser levantado em 30 de maio de 2011, passou por jogos comemorativos e eventos testes", mas em 2014 ainda não estava pronto, "por conta de atrasos e paralizações de obras". "Aos 45 minutos do segundo tempo", ainda havia muito a se fazer, "principalmente em relação a acabamentos, limpeza e a entrega de mobília e comida". A partir de então são elencados os elementos que ainda não estão suficientemente testados na instalação, como serviço de

---

[41] Em estudo sobre as narrativas da imprensa sobre a Copa de 1950, a pesquisadora Leda Costa afirma que a imprensa brasileira também confiava muito no sucesso do Brasil: "Em 1950, a cobertura da imprensa (...) não poupou esforços em criar uma atmosfera de euforia e expectativas, por conta da participação da seleção na Copa (...). A ótima campanha e o vistoso futebol apresentado, de fato, nos davam motivos para acreditar na conquista inédita" (COSTA, 2008, p. 28).

[42] A *Folha de São Paulo*, por exemplo, publica um quadro de título "Como foi em 50". Neste quadro sempre é tomado como ponto de partida um assunto (personagem ou episódio) que aparece no noticiário do Mundial de 2014, e a partir dele a publicação informa como este assunto apareceu na Copa de 1950. No dia 8 de junho este quadro é publicado em página inteira, e apresenta várias notícias sobre a preparação do Brasil para o início do Mundial de 1950 (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/06/2014, p. D4).

transmissão de dados, de bares e iluminação. O único ponto da construção dentro do prazo parece ser a grama, que “está verde desde setembro de 2013, antes do prazo estabelecido pela Fifa como ideal para o enraizamento e maturação” (O GLOBO, 12/06/2014, Copa 2014, p.7).

O jornal carioca faz nesta oportunidade menção à Copa de 1950. Neste caso relata qual era o estado do estádio do Maracanã no momento da estreia no primeiro Mundial disputado em solo brasileiro. Para isto conta com um texto assinado pelo jornalista João Máximo[43] de título: “Em 1950, um Maracanã inacabado”. Mas, apesar da informação inicial, o subtítulo evidencia o tom crítico de *O Globo* em relação aos organizadores do Mundial de 2014: “Contexto histórico não permite, no entanto, que o atraso atual se compare ao de 64 anos atrás” (O GLOBO, 12/06/2014, Copa 2014, p.7).

Esta perspectiva fica clara logo no início do texto de João Máximo, quando afirma que “pode ser que usem o velho Maracanã como desculpa para o indesculpável: O fato de o Itaquerão chegar inacabado ou mal-acabado ao posto de palco da abertura desta Copa do Mundo”. A partir de então o jornalista descreve como se deu o processo de construção, em um contexto no qual o futebol não era visto como uma modalidade esportiva que se confunde com uma identidade brasileira, e critica: “Para tudo isso o Maracanã tinha desculpas: A corrida contra o tempo, o dinheiro contado (...), a dimensão da obra, os recursos técnicos da obra e até mesmo não ter o futebol a relevância política que passaria a ter”. E ao final do texto pergunta: “Sessenta e quatro anos depois, que desculpas terá o Itaquerão?” (O GLOBO, 12/06/2014, Copa 2014, p.7).

Na mesma edição do jornal carioca o colunista[44] Renato Maurício Prado também compartilha o seu desconforto com a organização da Copa e o temor de

---

[43] João Máximo é um veterano do jornalismo. Com mais de 40 anos de profissão, é um especialista nas áreas da música e do futebol. Como jornalista esportivo cobriu cinco edições de Mundiais. No decorrer da Copa de 2014 ele colaborou com *O Globo* especialmente com textos que faziam menção a Copas ou personagens do passado. Uma informação relevante sobre o jornalista é que ele acompanhou *in loco* a construção do estádio do Maracanã para a Copa de 1950. Além disso, João Máximo, então com 15 anos, esteve presente na vitória do Uruguai sobre o Brasil no decisivo jogo do Mundial de 1950. Desta forma, o jornalista possui um status diferente quando o assunto é este emblemático jogo. Com informações da seguinte matéria: *João Máximo*. Disponível em <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/joao-maximo-5806>. Acesso em: 07 abr. 2016.

[44] Os colunistas possuem um papel especial dentro de um veículo de comunicação. Enquanto nos espaços “comuns” do jornal o que se espera é imparcialidade, objetividade e exatidão, nos espaços destinados aos colunistas a expectativa é que se encontre um texto de natureza opinativa, no qual o colunista expresse a sua percepção pessoal sobre um determinado assunto.

que o Brasil passe vergonha por causa disso:

> Chegou enfim, o grande dia. Vai ter Copa, e o que interessa saber agora é se não passaremos vergonha, dentro e fora de campo. Se em termos de infraestrutura é difícil imaginar um Mundial glorioso (já no jogo de estreia, dá vergonha ver como está inacabado o Itaquerão e seus arredores, e são péssimos os seus serviços) dentro das quatro linhas há esperanças de fazer bonito (O GLOBO, 12/06/2014, Copa 2014, p. 4).

Esse teor crítico em relação à organização do Mundial continua por um bom tempo presente nas narrativas das publicações. Os questionamentos do jornal carioca sobre a organização da competição voltam a aparecer após o segundo jogo do Brasil na competição, realizado na Arena Castelão, que fica em Fortaleza, Ceará. Como a seleção brasileira não passou de um empate sem gols com o México, a publicação aproveita o fraco resultado da equipe dentro de campo para servir de parâmetro para os problemas encontrados no estádio:

> A seleção brasileira até caprichou no estilo roda presa no segundo capítulo da sua odisseia na Copa do Mundo. Ainda assim, no quesito incompetência, perdeu de goleada para a organização da partida, uma pororoca de trapalhadas na tarde abafada da capital cearense. O tal padrão Fifa desfilou travestido de Série B, numa jornada de carências variadas, desinformação, falta de estrutura, omissões e atropelo de voluntários e funcionários. Dentro de campo, pode ter sido 0 x 0; fora, foi uma chuva de gols – contra (O GLOBO, 18/06/2014, Copa 2014, p. 6).

Entre as reclamações apresentadas no texto estavam a falta de alimentos nas lanchonetes do estádio, além da venda de cerveja quente para o público, a atuação confusa de voluntários que atuavam na organização do evento e a dificuldade de acesso do público à praça esportiva por conta da ausência de 30% dos funcionários do setor de segurança da Arena Castelão.

No entanto, o ápice das críticas voltadas para a organização da Copa de 2014 aconteceu após o jogo entre Espanha e Chile disputado no estádio do Maracanã e válido pela primeira fase da competição. Nesta oportunidade, um grupo de cerca de 200 torcedores chilenos que não tinham ingressos invadiu o estádio alguns minutos antes do início da partida com a intenção de ver o jogo. Na busca de um caminho para as arquibancadas, os invasores acabaram depredando a área de imprensa, e o saldo final foi de 88 presos.

Um dia após este episódio *O Glob*o publicou uma matéria sobre o que considerava “o calcanhar de Aquiles” daquela Copa do Mundo, “a segurança”.

Segundo a publicação, a “falta de preparo de empresa contratada para um evento do tamanho do Mundial e o número insuficiente de seguranças ficam evidentes em vários estádios, como Maracanã e Castelão”, o que considera “falhas graves” que colocam em risco a integridade física do público e de profissionais de imprensa (O GLOBO, 19/06/2014, Copa 2014, p. 5).

De forma paralela às críticas à organização da Copa de 2014 prevalece a confiança na seleção brasileira, a esperança de que a equipe cumpra um bom papel na Copa, em especial após a conquista da Copa das Confederações de 2013, diante da então campeã mundial Espanha.

A confiança de que o Brasil cumpriria um bom papel na competição é baseada no retrospecto de bons resultados da equipe: “O país confia na seleção, que vem de uma série de resultados positivos” (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2014, p. D3).

A esperança na conquista da competição é tamanha que, em *O Globo*, esta percepção ultrapassa as páginas esportivas. Em seu editorial a publicação carioca afirma que, “pelo viés esportivo, a Copa tem tudo para ser o palco de uma grande conquista da seleção brasileira, que busca o hexa com o apoio crescente da torcida” (O GLOBO, 12/06/2014, p.20).

Esta percepção permanece até a estreia brasileira na competição. Com o decorrer dos jogos, e algumas atuações contestadas (em especial o empate sem gols com o México pela segunda rodada da primeira fase), o otimismo em relação à seleção diminui. Com o decorrer dos dias, a maior esperança da torcida passa da equipe para um jogador, o atacante Neymar.

3.4 **Neymar, um candidato a herói**

Se a seleção não começa bem a disputa do Mundial, um jogador em especial não teve o prestígio abalado junto à torcida mesmo após resultados considerados frustrantes: O atacante Neymar.

O jogador, formado pelo Santos e que hoje é uma das estrelas do poderoso Barcelona da Espanha, chegava à Copa de 2014 no auge de sua carreira: Tendo sido peça fundamental na conquista da Copa das Confederações de 2013 pela

seleção brasileira, sendo titular incontestável e estrela da equipe (inclusive usando a camisa 10[45] do time brasileiro) e defendendo um dos maiores clubes do futebol mundial.

Além disso, o atacante é visto como um representante nato do estilo por meio do qual o futebol brasileiro é internacionalmente conhecido, o futebol arte: Neymar é um atacante, e tem como principais características o drible, a criatividade, a habilidade e a grande capacidade de marcar gols.

Por conta de todo este protagonismo de Neymar na seleção brasileira, o jogador é alvo de uma cobertura especial da imprensa. Ao contrário de outros jogadores, que pouco são citados, ele é o mote de reportagens especiais, que abordam desde seu desempenho dentro de campo até curiosidades de sua vida particular.

No dia da estreia do Brasil no Mundial, diante da Croácia, a *Folha de São Paulo* ocupa duas das páginas do seu caderno especial sobre a Copa com matérias voltadas especificamente para o atacante. As reportagens abordam desde o retrospecto do jogador atuando pela seleção (o que fez dele até então "o jogador que mais defendeu o Brasil antes de estrear em Copas"), o pedido do técnico Luiz Felipe Scolari para que Neymar drible sem medo diante da Croácia (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2014, p. D4) e a possibilidade de Neymar entrar na relação de 10 maiores artilheiros da seleção brasileira: "Um gol é o que falta a Neymar para entrar em um seleto grupo de artilheiros da seleção brasileira. Ele tem 31, e chegando aos 32 ele entra no top 10 dos maiores goleadores da seleção principal. Isso, aos 22 anos" (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2014, p. D5).

Porém, a reportagem mais interessante do jornal sobre Neymar nesta ocasião aparece no quadro "Como foi em 50". Com o título de "Zizinho era o 'Neymar' da seleção", é apresentado um perfil do principal jogador da seleção brasileira no Mundial de 1950. No texto, Zizinho é descrito da seguinte forma: "Vendido a peso de ouro pelo Flamengo para o Bangu, em 1950, (...) Zizinho, era o jogador mais celebrado daquela seleção (...). Foi a maior transação do futebol do país até então". Como sabemos, o Brasil não ganhou a Copa, "mas Zizinho foi eleito o melhor

[45] Existe uma mística, uma tradição – o conceito de tradição é usado aqui no mesmo sentido adotado por Hobsbawn e Ranger (1985) -, em torno da camisa de número 10 de qualquer time de futebol. A tradição é a de que este número seja usado sempre pelo melhor jogador da equipe. A gênese desta tradição estaria na Copa de 1958, quando Pelé, considerado pela crítica esportiva como o maior jogador de futebol de todos os tempos, teria usado a camisa 10 da seleção brasileira pela primeira vez, número que teria sido atribuído a ele por acaso.

jogador do Mundial" (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2014, p. D5).

Zizinho, que é descrito no texto como um jogador driblador, também é lembrado em inúmeras ocasiões pela imprensa por ser um dos ídolos do ex-jogador Edson Arantes do Nascimento, o Pelé[46]. Desta forma, ao se comparar Neymar com Zizinho a intenção é dizer que o jogador do Barcelona pertence a uma linhagem de grandes nomes do futebol brasileiro.

Na mesma data *O Globo* também dá um destaque especial a Neymar já na manchete do seu caderno especial sobre o Mundial: "Os sete trabalhos de Neymar. Craque de apenas 22 anos carrega, a partir de hoje, a reponsabilidade de conduzir a seleção à vitória nos três primeiros jogos da primeira fase e nos quatro possíveis seguintes na busca pelo hexa" (O GLOBO, 12/06/2014, Copa 2014, p. 1).

A publicação carioca também separa uma página especial para Neymar. Mas neste caso a intenção é falar da responsabilidade que pesa sobre os ombros do jogador: Conduzir a seleção brasileira à conquista da Copa de 2014. Para isto, o texto faz uso de lembranças para citar outros jogadores brasileiros que, ainda jovens, tiveram que enfrentar este desafio:

> Contam-se nos dedos as vezes em que o Brasil entrou numa Copa do Mundo com um jogador tão jovem tendo a missão de ser o astro do time. Pelé, quando espantou o mundo em 1958, na Copa da Suécia, tornou-se astro internacional após o torneio. Não despertava a expectativa que está posta em Neymar neste momento da carreira. Já Ronaldo, este sim, era astro do Brasil em 1998, na França, quando jogou a Copa do Mundo aos 21 anos. Ou seja, era mais jovem do que Neymar. E, ao que tudo indica, não suportou a pressão no dia da final (O GLOBO, 12/06/2014, Copa 2014, p. 3).

Desta forma *O Globo* evidenciava o tipo de expectativa que imprensa e torcida brasileira depositavam sobre o atacante, a de que, mesmo muito jovem, deveria ser o líder da seleção brasileira na busca pelo título do Mundial de 2014.

Um dia após a vitória de 3 a 1 do Brasil sobre a Croácia na abertura da Copa do Mundo a *Folha de São Paulo* publica um texto comentando as atuações de Neymar e de Oscar na partida. Segundo o jornal, "se havia algum questionamento se, aos 22 anos, Neymar iria suportar a pressão de ser o craque da seleção na Copa do Mundo em sua casa, essa dúvida foi respondida na primeira partida do torneio".

---

[46] Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, é tido como o maior jogador da história do futebol mundial. Desta forma, o fato de Zizinho ser um do ídolos de Pelé mostra a importância do atleta que disputou a Copa de 1950. Um trabalho interessante sobre o processo de construção de imagem de Pelé é Da Silva (2014).

Diante dos croatas Neymar marcou dois gols e “chamou a responsabilidade para si e comandou a virada do time brasileiro” (FOLHA DE SÃO PAULO, 13/06/2014, Copa, p. D4).

A edição de *O Globo* do mesmo dia vai na mesma direção, exaltando a figura de Neymar, a quem qualifica como “herói” do jogo junto com Oscar, que também balançou as redes da Croácia. Segundo reportagem da publicação carioca, o atacante deu uma bela resposta aos que temiam pela responsabilidade posta sobre seus ombros mesmo sendo tão jovem: “Se para muitos era uma temeridade ter um jovem de 22 anos com o peso de liderar tecnicamente a seleção brasileira numa Copa do Mundo em casa, o atacante fez dois gols” (O GLOBO, 13/06/2014, Copa 2014, p. 6).

Além disso, com o título de “Neymar confirma expectativas”, o jornal carioca apresenta um quadro no qual descreve, seguindo a ordem cronológica (como se fosse uma linha do tempo) os principais lances do atacante no jogo contra os croatas. Este recurso pode ser comparado ao dos melhores momentos apresentados pelas transmissões televisivas de jogos de futebol.

Com decorrer da Copa do Mundo, as publicações apresentam a seus leitores quase que diariamente reportagens especiais sobre o camisa 10 da seleção brasileira. E estas matérias podem apresentar desde a mudança do corte de cabelo do atleta (O GLOBO, 16/06/2014, Copa 2014, p. 4), a opinião de outros jogadores que participam da Copa sobre o jogador (O GLOBO, 17/06/2014, Copa 2014, p. 11)[47], o relacionamento amoroso do jogador com sua namorada naquele momento, a atriz Bruna Marquezine (O GLOBO, 19/06/2014, Copa 2014, p. 8), a performance de Neymar nos treinos da seleção brasileira (O GLOBO, 22/06/2014, Copa 2014, p. 3), o aumento do número de casais que decidem dar a seus filhos recém-nascidos o nome do jogador (FOLHA DE SÃO PAULO, 22/06/2014, Copa, p. D6) e o estado emocional do camisa 10 da equipe do Brasil (O GLOBO, 25/06/2014, Copa 2014, p. 4).

Abordando esta multiplicidade de assuntos a imprensa parece estar querendo

[47] Neste caso específico, a matéria citada trata do relacionamento entre Messi e Neymar. Enquanto o argentino era tido como a grande estrela do Barcelona, o brasileiro ainda buscava seu espaço na equipe espanhola, à qual havia chegado fazia poucos meses. Várias matérias, como esta que é citada, dão a impressão de que a imprensa brasileira tenta fazer uma comparação constante entre o jogador argentino (considerado um dos maiores jogadores do mundo em atividade) e o brasileiro (no momento da Copa de 2014 ainda em ascensão no âmbito internacional e em busca de seu espaço neste universo), de forma que se crie a imagem de que Neymar, a grande esperança da seleção brasileira, já possa ser localizado no panteão de craques do futebol atual.

humanizar o jogador, o aproximando do público ao mostrar que ele também fica triste ou nervoso, se apaixona, cuida do visual e se esforça para fazer seu trabalho da melhor maneira possível.

Além disso, sobre as narrativas sobre Neymar, que é visto como um candidato a herói da seleção brasileira, é possível afirmar o seguinte a partir das considerações de Helal (2003, p. 19): “As narrativas das trajetórias de vida dos heróis esportivos frequentemente focalizam características que os transformam em heróis”. Segundo esta perspectiva, estes indivíduos não vivem apenas para si mesmos, mas têm que ocupar o papel de redentores da sociedade, no presente caso, de um Brasil que busca pela primeira vez a conquista de um título de uma Copa do Mundo em seu território.

A narrativa clássica do herói fala de superação de desafios em busca da redenção e glória. “O herói parte do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios a seus semelhantes” (CAMPBELL, 1995, p. 36).

Outro tipo de trajetória de vida do herói é a que pode ser chamada de vertente brasileira, na qual se refere ao sujeito que possui um “talento puro, genuíno, inato, que não precisa de treino ou esforço para ser aprimorado”, diz Helal (2003, p. 21). Também nesta linha de pensamento é meritório citar Marcel Mauss (1974) ao destacar o “talento inato”, “dom” surpreendente, e como o universo das artes e dos esportes são ricos na produção de personagens que absorvem tais características. Segundo esta perspectiva, o herói da seleção seria o atleta que, entre outros aspectos, têm um estilo específico de jogar, o suposto “futebol arte”.

Ao focarmos especificamente na trajetória de vida de Neymar, apresentada em *O Globo* e na *Folha de São Paulo*, será de grande valia considerar a proposta de análise apresentada por Helal et al. (2012), cuja avaliação é a de que “na construção da figura pública de Neymar os recursos acionados pela imprensa vão construindo um modelo de ídolo / herói mais universal ou mais próximo de predicados que se relacionam com uma suposta ‘brasilidade’” (HELAL ET AL., 2012, p. 235).

E nesta trajetória em busca de realizar uma proeza tão desejada, a conquista do título da Copa do Mundo em casa, Neymar é convocado a usar todo o seu talento para vencer os adversários e desafios que se apresentarem.

Contudo, no decorrer da sua jornada na Copa do Mundo de 2014 o atacante

se vê diante de um desafio que não consegue superar, e que acaba sendo um ponto de mudança das narrativas sobre ele. Se até então as matérias sobre o jogador tinham uma caráter positivo e de esperança, a partir de então o que predomina é a revolta, a frustração e a tristeza.

Na partida contra a Colômbia pelas quartas de final Neymar é vítima de uma falta violenta de um jogador adversário e sofre uma lesão que o impede de continuar a defender o Brasil na competição. Isto o impede de cumprir o seu papel como candidato a herói da seleção. E o que se vê a partir de então é uma comoção generalizada em meio a torcedores e imprensa esportiva.

Um dia após a lesão de Neymar a *Folha de São Paulo* noticia o episódio na capa de seu suplemento especial sobre a Copa do Mundo com o seguinte questionamento, que evidencia uma dúvida que a partir de então circula entre a torcida e a imprensa: "Sem ele dá? Seleção se classifica de forma sofrida, perde Neymar e precisa agora refazer o time para buscar uma vaga na final[48]" (FOLHA DE SÃO PAULO, 05/07/2014, Copa, p. D1).

O Globo também dá destaque ao episódio em seu suplemento especial sobre a competição um dia após o confronto com a Colômbia com uma afirmação que evidencia que a lesão de Neymar atinge toda a torcida brasileira: "Uma pancada no

[48] Com a lesão de Neymar a imprensa parece procurar outro jogador para ocupar o posto de candidato a herói da equipe. E o grande candidato a ocupar esta vaga é um jogador pouco conhecido pela torcida brasileira até o início do Mundial de 2014, o zagueiro David Luiz. Formado nas divisões de base do São Paulo, o jogador pouco atuou no Brasil, saindo ainda muito jovem do Vitória para jogar no Benfica, de Portugal. E foi atuando em clubes europeus que ele se destacou e foi convocado para a seleção brasileira. No decorrer da Copa de 2014 uma característica da personalidade do defensor acabou ganhando destaque: O seu carisma. Além disso, o jogador apresentou um bom futebol (chegando a ocupar até as oitavas de final a liderança do ranking de melhores jogadores da competição elaborado pela Fifa. Informação que pode ser encontrada em: *David Luiz lidera ranking da Fifa de melhor jogador da Copa*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/david-luiz-lidera-ranking-da-fifa-de-melhor-jogador-da-copa-13107245>. Acesso em: 17 abr. 2016), inclusive marcando gols decisivos contra o Chile e a Colômbia (em uma bela cobrança de falta no melhor estilo dos melhores camisas 10 do futebol brasileiro). A *Folha de São Paulo* evidencia esta opção da imprensa de eleger David Luiz como novo candidato a herói da seleção quando publica uma matéria de página inteira sobre o jogador com o seguinte título: "A estrela de David. Com Neymar fora e Thiago Silva suspenso, zagueiro carismático assume papel de protagonista". Segundo a publicação, "treze meses atrás, David Luiz era mais um. Mais um bom zagueiro do futebol brasileiro que fez carreira na Europa deixando o país novinho. Contudo, agora Neymar está machucado, fora do Mundial. E o capitão Thiago Silva, suspenso, não joga a semifinal contra a Alemanha, no Mineirão". Desta forma, "David Luiz receberá a tarja de capitão e toda a atenção depois de dois gols no Mundial" (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2014, Copa, p. D6). Com este tipo de construção é possível perceber que há uma intenção da imprensa de encontrar um substituto para Neymar no posto de herói e craque da seleção brasileira. O curioso é que logo após a derrota de goleada para a Alemanha a imagem do zagueiro ainda parece estar intacta junto a uma parcela da torcida e da imprensa. Em reportagem publicada após o 7 a 1 para a Alemanha, a *Folha de São Paulo* afirma que David Luiz é o "único aplaudido" após o revés, e que o zagueiro, o capitão da equipe naquela oportunidade, expressa publicamente sua tristeza pela derrota (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, Copa, p. D3).

Brasil. Colombiano Zúñiga dá joelhada nas costas de Neymar, que fratura vértebra e está fora do Mundial. Seleção chega às semifinais" (O GLOBO, 22/06/2014, Copa 2014, p. 3).

Contudo, é quando o jogador se pronuncia que as narrativas da imprensa sobre ele assumem um caráter mais dramático. Um dia após a confirmação da gravidade de sua lesão e de que teria mesmo que deixar a seleção brasileira, a CBF divulgou um vídeo[49] produzido pela CBFTV[50] no qual Neymar envia um recado para a torcida brasileira.

"Com olhos marejados e voz embargada, o craque que sempre foi sorrisos agradeceu o apoio recebido e garantiu que seu sonho de ser campeão do mundo ainda não acabou", é desta forma, abusando da emotividade, que o jornal *O Globo* inicia um texto sobre o vídeo de Neymar (O GLOBO, 06/07/2014, Copa 2014, p. 3). Ainda segundo a reportagem, o corte do atacante da seleção brasileira foi tão significativo que já influenciava o comportamento da torcida: "A carga emocional que o corte do atacante deve provocar na seleção já chegou às arquibancadas. Nos dois jogos de ontem[51], os torcedores (...) deixaram a provocação (...) de lado para cantar: 'Olê, olê, olá, Neymar, Neymar'".

A *Folha de São Paulo* também dá amplo destaque à fala de Neymar. Segundo a publicação, o jogador havia deixado a Granja Comary[52] para se recuperar da fratura na vértebra que o tirou da Copa. Contudo, antes de deixar a concentração da seleção brasileira, "pela primeira vez comentou o lance que o tirou da Copa do Mundo no Brasil". Segundo a reportagem, no vídeo divulgado pela CBF o atacante afirma: "Meu sonho não acabou, foi interrompido por uma jogada, mas

---

[49] O vídeo pode ser visto na íntegra em: *"O sonho de ser campeão não acabou", disse Neymar ao deixar a Granja Comary*. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=UQHLPa8igeQ>. Acesso em: 11 abr. 2016.

[50] A CBFTV é o canal da CBF no Youtube. Na época da Copa do Mundo de 2014 foi através desta ferramenta que a organização ofereceu à imprensa vídeos mostrando um pouco dos bastidores da preparação dos atletas da seleção brasileira.

[51] A reportagem se refere às seguintes partidas, válidas pelas quartas de final do Mundial: Holanda x Costa Rica e Argentina x Bélgica.

[52] A Granja Comary é o centro de treinamento da seleção brasileira, que tem um terreno de 149 mil m². Ela foi inaugurada em 31 de janeiro de 1987 e fica no município de Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro. Para receber a seleção brasileira no período de realização da Copa de 2014, a Granja Comary passou por uma grande reforma que durou 10 meses. Para mais informações sobre a reforma ler: *Centro de Treinamento do Brasil, Granja Comary é reinaugurada em Teresópolis*. Disponível em <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/ct-do-brasil-granja-comary-e-reinaugurada-em-teresopolis>. Acesso em: 26 abr. 2016.

ele continua" (FOLHA DE SÃO PAULO, 06/07/2014, Copa, p. D3).

Após a divulgação deste vídeo Neymar deixa a concentração da seleção brasileira, em Teresópolis (Rio de Janeiro), e segue para a região de Santos (São Paulo), onde nasceu. Segundo a própria CBF, o jogador deixava a concentração por não haver mais possibilidade de atuar pela Copa do Mundo e para dar prosseguimento à recuperação junto a seus familiares. Neymar passa então a ser um personagem coadjuvante nas narrativas da imprensa brasileira, até que acontece o jogo da semifinal entre Brasil e Alemanha, que termina com a goleada de 7 a 1 a favor da equipe visitante.

Dois dias após a derrota do Brasil para a Alemanha o camisa 10 volta aos holofotes. Ele retorna à Granja Comary e concede uma entrevista coletiva[53], a primeira após sua lesão. Este é o último grande ato de Neymar na Copa de 2014. Nesta oportunidade, na qual a imprensa tem uma percepção muito negativa sobre a seleção, e busca respostas para a goleada sofrida pelo Brasil, o jogador é descrito pela imprensa como o único membro da delegação brasileira com coragem para assumir o fracasso.

Em matéria de página inteira sobre a entrevista de Neymar, *O Globo* afirma:

> A trajetória do Brasil na Copa do Mundo se aproxima do fim com mais uma goleada. Nos 7 a 1 impostos pela Alemanha, Neymar não estava em campo. Ontem coube ao atacante marcar gols em sequência. Foi dele a mais realista e lúcida entrevista desde a eliminação. Ao admitir que o Brasil não jogou bem, que não esteve à altura de uma seleção brasileira que pretendia ser campeã, Neymar deu de seis, de sete e até de mais na comissão técnica (O GLOBO, 11/07/2014, Copa 2014, p. 3).

Além disso, o diário carioca afirma que o camisa 10 da seleção brasileira "não hesitou em dizer que o Brasil foi 'fracassado' e 'humilhado', mas ressalvou que tem orgulho de ter feito parte do elenco que disputará amanhã o terceiro lugar" (O GLOBO, 11/07/2014, Copa 2014, p. 3). Esta é uma avaliação bem diferente da feita pela mesma publicação, e outras, sobre os outros membros da seleção, jogadores e dirigentes, vistos como covardes ao não assumirem sua responsabilidade após a derrota para a Alemanha. Desta forma, esta publicação parece deixar de lado a imagem de jogador jovem e imaturo em detrimento da imagem de jogador maduro o

[53] A realização desta entrevista coletiva pela CBF parece ter a intenção de criar um fato novo para a imprensa, que, após a derrota do Brasil para a Alemanha, critica muito a CBF, o técnico Luiz Felipe Scolari e os jogadores da seleção. Sobre a atuação da imprensa nesta coletiva de Neymar ver Lisboa (2014).

suficiente para assumir as falhas da seleção brasileira na Copa. Inclusive, neste aspecto, Neymar é comparado ao técnico Felipão e a outros membros da comissão técnica, que não assumiram que falharam naquela oportunidade.

Já a *Folha de São Paulo*, em reportagem sobre a mesma entrevista coletiva, prefere destacar o fato de Neymar afirmar perdoar o jogador colombiano que o tirou da Copa após falta violenta e de que o camisa 10 da seleção se emocionou ao falar da lesão: “Perdão. Neymar diz não ter rancor de Zuñiga, chora ao lembrar que podia ter ficado de cadeira de rodas, avalia que Brasil mostrou futebol apenas regular e revela torcida por Messi” (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/07/2014, Copa, p. D1).

Como pode se perceber a partir da leitura da chamada de capa do caderno especial da publicação paulista, a avaliação de Neymar sobre a atuação da seleção diante da Alemanha aparece na matéria, mas de uma forma coadjuvante. O grande destaque foi a lesão do jogador, lesão esta que o poderia deixar “em cadeira de rodas” caso “fosse mais profunda” (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/07/2014, Copa, p. D4).

Sobre a goleada sofrida pelo Brasil diante da Alemanha, a publicação diz que Neymar foi “mais franco do que Luiz Felipe Scolari” e “apontou ainda que o time não apresentou um ‘futebol de seleção’ nesta Copa” (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/07/2014, Copa, p. D4).

Ao tentar explicar o vexame brasileiro diante da equipe europeia, o jogador se vale de uma teoria usada pela comissão técnica após a partida, a de que houve um apagão dos brasileiros no jogo: “Neymar disse não ter como explicar a goleada para a Alemanha. ‘Foi uma coisa inacreditável. Foi um apagão que teve na nossa equipe” (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/07/2014, Copa, p. D4).

Esta entrevista foi o último grande ato do jogador em uma Copa na qual se esperava que ele fosse o herói brasileiro. A imprensa ainda noticiaria a presença dele no banco de reservas no jogo entre Brasil e Holanda pelo terceiro lugar do Mundial. Mas, como já não havia mais chances de título, o destaque não foi tão grande, assim como a rápida aparição do atacante na última coletiva do técnico Luiz Felipe Scolari na Copa do Mundo, após a derrota para a equipe holandesa por 3 a 0. Agora vão receber destaque as narrativas em torno de outro importante personagem da seleção brasileira, o técnico Luiz Felipe Scolari.

3.5 **Felipão, de técnico campeão a *persona non grata***

Se há um personagem cuja narrativa experimenta uma mudança radical no decorrer da Copa de 2014, este personagem é o técnico da seleção brasileira de futebol, Luiz Felipe Scolari, o Felipão. No final de 2012, após Mano Menezes deixar o comando da equipe, Felipão retorna ao comando do Brasil tendo como chancela o título da Copa do Mundo de 2002. Como forma de reforçar ainda mais a imagem de que a seleção brasileira contaria no Mundial de 2014 com uma comissão técnica experiente e vencedora, foi anunciado como coordenador técnico da equipe o treinador Carlos Alberto Parreira, campeão da Copa de 1994 com o time brasileiro[54].

De início a chegada dos dois ao comando da seleção foi recebida com desconfiança por parte da imprensa, que entendia o retorno de Felipão e Parreira como uma resposta antiga para novos desafios. Além disso, havia menos de dois anos para o início da Copa do Mundo, um prazo curto para preparar um time que pouco se reunia.

Contudo, veio o ano de 2013, e com ele a disputa da Copa das Confederações. Como já relatado anteriormente, o Brasil conquista a competição apresentando um bom futebol. Esta conquista culminou na vitória na final sobre a então campeã do mundo Espanha. Desta forma, a incerteza se transformou em esperança de que um ano depois, no Mundial, o Brasil poderia voltar a apresentar futebol suficiente para ficar com o tão esperado título da Copa no Brasil. E o maior responsável por esta recuperação da esperança na seleção tinha nome e sobrenome: Luiz Felipe Scolari[55].

Faltando quatro dias para o início do Mundial, a *Folha de São Paulo* traz na

---

[54] Matéria sobre o anúncio de Luiz Felipe Scolari como técnico da seleção brasileira: *Felipão e Parreira assumem seleção falando em obrigação de título na Copa de 2014*. Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/11/29/felipao-nos-temos-a-obrigacao -sim-de-ganhar-o-titulo-em-2014.htm>. Acesso em: 18 abr. 2016.

[55] Segundo Wisnik (2008) o protagonismo dos técnicos da equipes de futebol aumenta no decorrer dos anos em razão da “intensificação generalizada do princípio do planejamento”. Se nos primórdios do futebol brasileiro o técnico era um personagem discreto e apagado, “concebido, pelo menos para o olhar difuso do público, como aquele que, antes do jogo, distribuía camisas e exorta os jogadores à vitória”, nas edições mais recentes das Copas “as seleções brasileiras, e seus respectivos destinos, são inseparáveis de seus técnicos: falamos da seleção de Zagallo, de Telê, de Lazaroni, de Parreira ou do Felipão”, isto porque agora a atuação do técnico é percebida dentro de campo, pois cabe a ele “fazer uma leitura crítica, ‘em tempo real’, do andamento da partida, e intervir sobre as forcas do jogo” (WISNIK, 2008, p. 129).

capa de seu suplemento especial sobre a Copa o resultado de uma pesquisa que indica que Luiz Felipe Scolari contava com um alto índice de aprovação junto à torcida brasileira: “O melhor Felipão. Pesquisa Datafolha revela que técnico da seleção tem aprovação maior hoje do que antes da conquista do penta” (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/06/2014, Copa, p. D1).

Segundo a reportagem, “entre os entrevistados, 68% classificaram como ótimo ou bom o trabalho do técnico”. Além disso, “a maioria confia no Brasil para faturar o título em casa. Entre os entrevistados, 68% apostaram na seleção para conquistarem o título em casa” (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/06/2014, Copa, p. D3).

Dois dias depois o trabalho do técnico Luiz Felipe Scolari volta a ser o assunto de avaliação publicada no jornal de São Paulo. Porém, agora ele é o tema de uma coluna assinada pelo jornalista Paulo Vinícius Coelho. Em seu texto ele contesta uma percepção que existe sobre o treinador da seleção brasileira, a de que ele é apenas um motivador e está ultrapassado nos aspectos táticos e técnicos do futebol: “Não é. Ele reforçou na Europa a capacidade de montar times taticamente organizados, que marcam no campo inteiro e envolvem o rival. Quando se pergunta se o técnico do Brasil é melhor ou pior do que era em 2002, a resposta óbvia é a primeira: Melhorou” (FOLHA DE SÃO PAULO, 10/06/2014, Copa, p. D5). Como se pode observar, a percepção da imprensa e da torcida sobre o treinador antes do início do Mundial é positiva.

No dia da estreia do Brasil na competição a *Folha de São Paulo* publica uma matéria especial sobre o treinador destacando o fato de que ele inicia a competição em busca de um feito inédito: “Ser o primeiro treinador brasileiro a vencer duas vezes a Copa”. Como forma de valorizar ainda mais este feito, a publicação afirma que “na história do futebol mundial, só o italiano Vittorio Pozzo conseguiu tal façanha”, comandando a Itália nos mundiais de 1934 e 1938 (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/06/2014, Copa, p. D7).

Na mesma data *O Globo* também apresenta uma matéria especial sobre o técnico, mas elaborada a partir da coletiva concedida por ele um dia antes. Segundo o jornal carioca, Felipão convoca a torcida a apoiar o time do Brasil, e “afirma que o time está pronto, mas ressalta que a seleção raramente encontra facilidade em partidas de estreia em Copas” (O GLOBO, 12/06/2014, Copa 2014, p. 4).

Além disso, o jornal diz que faltando algumas horas para o início da Copa o técnico tem razões de sobra para estar tranquilo e otimista com a campanha do

Brasil na competição: “A preparação da seleção transcorreu sem nenhum incidente. Ninguém se machucou, nenhum jogador reclamou, não teve uma discussão sequer nos 17 dias de treino. Tudo saiu como a comissão técnica planejou” (O GLOBO, 12/06/2014, Copa 2014, p. 4).

Contudo, tanto otimismo por parte do treinador, e confiança no trabalho realizado por ele e sua comissão técnica não durou tanto tempo. Já na segunda rodada da primeira fase, com o empate sem gols do Brasil com o México, Felipão começou a dar demonstrações de insatisfação: “Mudou o tom. Encerrado o jogo, (...) Scolari até arriscou uma ou outra brincadeira, esboçou sorrisos. Mas estes eram intercalados com estocadas e respostas irritadiças sempre que as perguntas envolviam uma avaliação pouco generosa” (O GLOBO, 18/06/2014, Copa 2014, p. 4).

Por meio dessa descrição da entrevista é possível perceber que o clima de paz entre treinador e imprensa que marcou o início da competição estava ficando de lado[56]. Esta tensão entre técnico e jornalistas fica mais evidente quando a reportagem diz que, após o empate, o alvo de cobranças de Felipão não eram seus jogadores, mas a imprensa brasileira:

> Por fim, veio uma cobrança. O alvo não era o time. O técnico incitou os jornalistas presentes a fazerem algo que, a rigor, ele mesmo gostaria de ter feito: Reclamar da arbitragem. Uma postura que ele condenara quando o pênalti em Fred, na estreia do Brasil contra os croatas, virara assunto de destaque[57]. O espírito de Felipão parecia mais armado do que em suas últimas aparições desde o início dos treinos para o Mundial (O GLOBO, 18/06/2014, Copa 2014, p. 4).

A postura mais contida do treinador fica definitivamente de lado após o jogo entre Brasil e Chile pelas oitavas de final da Copa de 2014. Após um jogo

---

[56] A relação conturbada do técnico Luiz Felipe Scolari com a imprensa não é nova. No comando da seleção, no decorrer da Copa de 2002, ele manteve um tom combativo com os jornalistas, como relembra o jornalista Cosme Rímoli no seguinte texto: *Felipão repete tática de 2002. Declara guerra à imprensa brasileira. Maneira de motivar e unir seu grupo inexperiente. Os novos inimigos são os jornalistas brasileiros, os ‘cornetas’…* Disponível em <http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/felipao-repete-tatica-de-2002-declara-guerra-a-imprensa-brasileira-uma-maneira-de-motivar-e-unir-seu-grupo-inexperiente-os-novos-inimigos-sao-os-jornalistas-brasileiros-os-cornetas-18062014/>. Acesso em: 19 abr. 2016.

[57] No jogo de abertura da Copa do Mundo, entre Brasil e Croácia, o atacante Fred sofreu um pênalti polêmico que foi fundamental para a vitória brasileira na partida de abertura da competição. Nesta oportunidade o técnico Luiz Felipe Scolari defendeu o juiz da partida, como pode ser visto na seguinte matéria: *Felipão defende o árbitro: "achamos que foi pênalti"*. Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/12/felipao-defende-o-arbitro-achamos-que-foi-penalti.htm>. Acesso em: 19 abr. 2016.

extremamente nervoso, e que foi decidido apenas nas cobranças de pênalti, Felipão concede uma coletiva na qual afirma, entre outras coisas, que “está na hora de voltar um pouco ao meu estilo, ser agressivo” (O GLOBO, 29/06/2014, Copa 2014, p. 5). Esta afirmação é o mote da matéria sobre a entrevista, cujo título é “Felipão original. Acabou o amor”.

Deve-se afirmar que neste momento da competição, Felipão e a seleção eram alvos de críticas pelo fraco futebol apresentado até então. Com esta fala ele parecia ter a intenção de sinalizar o desejo de que a imprensa brasileira deixe de questionar a seleção, o que ele acredita ser uma espécie de demonstração de “patriotismo” dos profissionais da imprensa no momento em que o Brasil buscava o inédito título da Copa em casa, e que se junte a ele numa espécie de “cruzada” contra os inimigos do futebol brasileiro: “Não estou conseguindo aguentar mais. Estamos sendo muito cavalheiros, muito educados com estrangeiros. Está na hora de mudar um pouco nosso discurso. Não devemos ser apedrejados por técnicos, jogadores e imprensa estrangeira” (O GLOBO, 29/06/2014, Copa 2014, p. 5).

Este desejo de contar com um apoio maior da imprensa fica escancarado um dia depois, quando Luiz Felipe Scolari e sua comissão técnica dão um passo no mínimo arriscado[58]. Segundo reportagem de Juca Kfouri, eles convidam seis jornalistas entre os cerca de 700 que estavam credenciados para acompanhar o dia a dia da seleção na Granja Comary para uma conversa[59]. Neste encontro, o treinador revela aos jornalistas convidados algumas das dificuldades que está encontrando no decorrer da competição, pergunta a eles a razão de tanta cobrança da imprensa brasileira sobre a equipe, afirma que alguns jogadores muito importantes estão muito abalados emocionalmente e que se arrependeu de convocar um dos jogadores que compõem sua equipe. Além disso, “Felipão se queixou de jornalistas, pediu apoio à seleção e repetiu que pressioná-lo é o pior

[58] A decisão da comissão técnica de fazer uma reunião com apenas 6 dos 700 jornalistas credenciados para acompanhar o dia a dia da seleção brasileira foi alvo de inúmeras críticas. Um exemplo é o texto assinado pelo jornalista Cosme Rímoli: *O fracasso da reunião entre Felipão e seus jornalistas de confiança – expôs ainda mais seus jogadores, mostrou sua falta de convicção tática, levantou suspeitas sobre a Fifa. Vários tiros no pé…* Disponível em <http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/o-fracasso-da-reuniao-entre-felipao-e-seus-jornalistas-de-confianca-expos-ainda-mais-seus-jogadores-mostrou-sua-falta-de-conviccao-tatica-levantou-suspeitas-sobre-a-fifa-varios-tiros-no-pe-01072014/>. Acesso em: 18 abr. 2016.

[59] O grupo de seis jornalistas escolhidos é formado por Fernando Fernandes, da *TV Bandeirantes*, Oswaldo Paschoal, da *Fox* e *Rádio Globo*, Juca Kfouri, do *UOL*, *Folha de São Paulo*, *ESPN* e *CBN*, Luis Antônio Prósperi, do *Estado de São Paulo*, Paulo Vinícius Coelho, da *ESPN* e *Folha de São Paulo*, e Carlos Eduardo Mansur, de *O Globo*.

caminho" (FOLHA DE SÃO PAULO, 01/07/2014, Copa, p. D3)[60].

Contudo, dentro de campo a seleção continuava vencendo, e o treinador ainda contava com uma boa aceitação junto a torcedores alguns dias antes da disputa das quartas de final contra a Colômbia. Segundo reportagem da *Folha de São Paulo*, que conta com dados do instituto Datafolha, naquela oportunidade "a maioria da população continua satisfeita com Luiz Felipe Scolari. A taxa dos que avaliam positivamente seu trabalho oscilou de 68% em junho para 66%" (FOLHA DE SÃO PAULO, 04/07/2014, Copa, p. D6).

Como em todo o período de realização do Mundial, a Copa de 1950 é uma referência muito marcante, o que fica evidente com uma informação publicada no quadro "Como foi em 50" que está localizado ao lado da reportagem sobre a pesquisa Datafolha. Segundo o quadro, o técnico do Brasil em 1950, Flávio Costa, desagradava a paulistas e flamenguistas: "No Rio, recebia críticas principalmente de flamenguistas – por ter o meio-campo do Vasco como base da seleção. Em São Paulo, era criticado por usar poucos paulistas" (FOLHA DE SÃO PAULO, 04/07/2014, Copa, p. D6).

Depois deste episódio o técnico vai receber maior destaque nas narrativas da imprensa brasileira após a derrota de 7 a 1 para a Alemanha. Em um momento inicial, as matérias se voltam para as falas do treinador sobre o jogo.

Um dia após o revés, a *Folha de São Paulo*, por exemplo, publica uma reportagem com declarações dadas por Felipão na coletiva de imprensa após o jogo. Segundo a publicação, "Felipão pede desculpas e diz que foi o pior dia de sua vida". Além disso, o jornal afirma que o treinador foi "contratado para levar o time ao título", mas que ele mesmo admite que "será lembrado a partir de agora pela derrota" (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, Copa, p. D4).

Nesta oportunidade o treinador também tenta apresentar uma explicação para o resultado, ao afirmar que o Brasil perdeu "para uma grande equipe que teve a eventualidade de em 6 ou 7 minutos decidir o jogo de forma fantástica. Deu uma pane após o primeiro gol" (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, Copa, p. D4).

Contudo, passado este momento inicial, os jornalistas brasileiros, que até então vinham avaliando de forma relativamente positiva o trabalho do técnico, são

[60] Após o encontro tanto Juca Kfouri, Paulo Vinícius Coelho e Carlos Eduardo Mansur, jornalistas dos jornais observados que estiveram presentes à reunião com Felipão, escreveram textos nos quais abordam assuntos tratados no encontro. Porém, apenas Juca Kfouri evidencia para o público como obteve estas informações.

unânimes em questionar a atuação dele à frente da seleção brasileira, e passam a pressionar o treinador e sua equipe em busca de respostas para o fracasso brasileiro diante dos alemães.

Isto fica evidente na matéria publicada em *O Globo* sobre a coletiva que Scolari concedeu um dia após a derrota para o Brasil[61]. Com o título "O dia seguinte. Defesa em bloco", o jornal carioca deixa claro que o técnico vive um momento de pressão, e que deseja defender o seu trabalho à frente da seleção:

> O técnico Luiz Felipe Scolari adotou a retranca como estratégia no dia seguinte à goleada de 7 a 1 para a Alemanha, que tirou a seleção brasileira da disputa do hexacampeonato no Mundial de 2014. Numa defesa em bloco, o treinador contou com a presença de toda a comissão técnica na entrevista coletiva de ontem, na Granja Comary, embora somente ele e o coordenador Carlos Alberto Parreira tenham respondido às muitas perguntas dos jornalistas em quase 50 minutos de explicação. E a tática da dupla foi recorrer aos números, não apenas para justificar a surpreendente escalação do atacante Bernard na partida contra os alemães, mas, também, para enaltecer a campanha do Brasil e o trabalho da comissão técnica nos últimos 18 meses (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 3).

Nesta coletiva, o técnico e seu coordenador usam palavras fortes para qualificar a derrota para a Alemanha. Eles afirmam que o resultado foi uma "tsunami", uma "catástrofe" e uma "pane geral". Contudo, também chama atenção da reportagem de *O Globo* o fato dos dois fazerem um "balanço positivo da equipe" do Brasil na Copa do Mundo (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 3).

Na mesma edição do jornal carioca o treinador brasileiro aparece com destaque em outra matéria, mas esta tem como assunto principal a procura por um futuro sucessor de Felipão, o que é mais uma prova da pressão sofrida pelo treinador. Segundo a reportagem, o favorito para ocupar a posição é o "campeão mundial com o Corinthians, Tite". O texto também cita os nomes de Muricy Ramalho, Vanderlei Luxemburgo e Alexandre Gallo (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 7).

A pressão sobre o treinador aumenta ainda mais após a derrota para a

---

[61] Esta é uma coletiva atípica, pois o praxe na Copa do Mundo é que membros das equipes participantes concedam entrevistas um dia antes dos jogos e logo após o final da partida. Contudo, a derrota de 7 a 1 para a Alemanha deu início a uma avalanche de críticas, e a impressão que se tem é de que esta "coletiva" extraordinária tem o objetivo de amenizar um pouco estes questionamentos. A própria equipe de reportagem de *O Globo* demonstra surpresa com a realização da entrevista, e com a presença do treinador nela ao afirmar que "a presença de Felipão na entrevista surpreendeu os jornalistas, afinal ele já dera uma coletiva na véspera, após o jogo, no Mineirão, e ainda voltará a falar com a imprensa pelo menos mais duas vezes esta semana (...) nas coletivas oficiais da Fifa no Mané Garrincha, local do jogo contra a Holanda" (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 3).

Holanda na disputa pelo terceiro lugar da Copa. Um dia após a partida *A Folha de São Paulo* afirma que a "derrota deixa situação de Felipão insustentável" e que agora "a bola (...) ficou com a CBF, que deve aceitar a saída do técnico e escolher um novo nome para assumir o comando do time nacional" (FOLHA DE SÃO PAULO, 13/07/2014, Copa, p. D4).

Na mesma data, *O Globo* também alimenta as especulações sobre a saída de Felipão do comando da seleção com uma matéria sobre a possibilidade de contratação de um técnico estrangeiro para o cargo[62]. Mas a matéria de maior destaque da publicação nesta oportunidade trata do que considera um estado de desconexão do treinador da realidade. Este diagnóstico de *O Globo* se baseia no fato de Felipão tecer elogios a sua equipe mesmo após a derrota para a Holanda, e na afirmação do treinador de que "o futebol brasileiro não tem problemas fora de campo" (O GLOBO, 13/07/2014, Copa 2014, p. 5).

Diante de tamanha pressão, no dia 14 de julho de 2014, um dia após a final da Copa do Mundo, a CBF aceita o pedido de demissão de Felipão. Ainda não havia um substituto para ele. Mas o fato é que o técnico, que retornou ao cargo com a imagem de campeão, deixou esta posição com o status de *persona non grata*[63]. E um dos aspectos que mais receberam críticas no trabalho de Felipão à frente da seleção tem relação com o estado emocional da seleção, questão sobre a qual a imprensa elaborou várias narrativas.

---

[62] Muitos não sabem, mas a seleção brasileira já teve dois técnicos estrangeiros em passagens fugazes. O primeiro foi o português Jorge Gomes de Lima, conhecido por Joreca, que alcançou destaque no São Paulo, e que comandou o Brasil em apenas dois jogos no ano de 1944 em conjunto Flávio Costa em duas partidas contra o Uruguai. Já o segundo estrangeiro a comandar a seleção canarinho foi o argentino Nélson Ernesto Filpo Núñez, que em 1965 comandava o Palmeiras, equipe que usou a camisa do Brasil para enfrentar o Uruguai em uma partida. Após a derrota de 7 a 1 para a Alemanha ganhou força a tese de que o Brasil precisava de um treinador estrangeiro em seu comando para superar o que muitos consideravam uma defasagem dos treinadores brasileiros frente aos profissionais de outros países. Segundo esta perspectiva, o nome perfeito para assumir o comando da seleção brasileira seria o do espanhol Pep Guardiola, como evidencia a seguinte matéria: *Guardiola é o preferido em enquete para próximo treinador da Seleção*. Disponível em <http://sportv.globo.com/site/SporTV-na-Copa/noticia/2014/07/guardiola-e-o-preferido-em-enquete-para-proximo-treinador-da-selecao.html>. Acesso em: 26 abr. 2016.

[63] Para Costa (2008), "quando tudo dá errado e descamba em derrota" no universo do futebol, "o torcedor tem a impressão de que há por trás desse fracasso, a ação decisiva e maligna de um jogador, de um técnico ou mesmo de um dirigente. E esses culpados são os vilões" (COSTA, 2008, p. 67). Nas narrativas da imprensa brasileira após o 7 a 1 fica evidente que o vilão neste episódio é o técnico Felipão.

3.6 **Uma seleção à beira de um ataque de nervos**

No decorrer da campanha da seleção brasileira na Copa o estado emocional da equipe chamou muito a atenção da imprensa. Desde antes do início da competição este era assunto presente nas narrativas da imprensa brasileira sobre a equipe.

Quatro dias antes de o Mundial começar, por exemplo, Juca Kfouri faz uma afirmação no mínimo curiosa sobre uma equipe que, ao final da competição, seria considerada emocionalmente desequilibrada. Segundo ele, o Mundial "nem sempre tem como campeão o melhor time (...). Muitas vezes prevalece o acaso, a sorte (...), um monte de coisas. Mas jamais houve um time campeão mundial que não fosse psicologicamente forte. Este time amarelo parece ser" (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/06/2014, Copa, p. D3). O otimismo de Juca se baseava nos últimos resultados da seleção brasileira, com a conquista da Copa das Confederações em 2013 e a invencibilidade da seleção em 2014[64]. Na percepção dele, e de todos os que viam o Brasil como um dos favoritos para conquistar a Copa, uma das razões para esta percepção estaria na força emocional da seleção de Felipão.

No mesmo dia outro articulista do jornal paulista também aborda a questão, Tostão. Contudo, o ex-jogador assume um tom de alerta, ao afirmar que o técnico Luiz Felipe Scolari deveria "trocar ideias com a psicóloga Regina Brandão[65] sobre Neymar, que tem criado muitos atritos com os marcadores que lhe fazem muitas faltas" (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/06/2014, Copa, p. D8). Assim, ao contrário de Juca, que via a seleção brasileira forte emocionalmente, Tostão aponta ao menos uma fragilidade da seleção no aspecto psicológico, o atacante Neymar.

Dois dias mais tarde Renato Maurício Prado publica em sua coluna em *O Globo* um texto no qual expressa a sua preocupação com o que ele chama de "tensão pré-estreia" da seleção brasileira. Segundo o jornalista, vencer a Croácia no

---

[64] Até o início da Copa, no ano de 2014 o Brasil venceu os três jogos que disputou, todos amistosos: 5 a 0 sobre a África do Sul, 4 a 0 sobre o Panamá e 1 a 0 sobre a Sérvia.

[65] Regina Brandão foi a psicóloga da seleção brasileira no decorrer da Copa do Mundo de 2014. Regina já havia trabalhado com a seleção em outra oportunidade, na campanha da conquista do Mundial de 2002, também sob o comando do técnico Luiz Felipe Scolari. Mais informações sobre a carreira de Regina Brandão podem ser encontradas aqui: *Regina Brandão, uma das armas secretas de Felipão na seleção do penta.* Disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/dia_da_mulher/item2.jhtm>. Acesso em: 23 abr. 2016.

jogo de abertura “é ressaltada unanimemente pelos integrantes da seleção e da imprensa, que apostam nesse resultado como um combustível fundamental para que o Brasil se encha de moral, empolgue a torcida e embale na luta pelo hexa” (O GLOBO, 10/06/2014, Copa 2014, p. 4).

Veio então o primeiro jogo do Brasil no Mundial, uma vitória sobre a Croácia que não começou bem, pois a vantagem inicial da partida foi da equipe adversária, graças a um gol contra do lateral Marcelo. No entanto, Juca Kfouri avaliou de forma positiva o equilíbrio emocional da seleção nesta oportunidade. Após o gol contra de Marcelo, se “não fosse a jornada inspirada de Oscar dificilmente Neymar teria empatado ainda no primeiro tempo, embora deva se destacar o controle emocional do time nacional que não se desesperou com a desvantagem logo de cara” (FOLHA DE SÃO PAULO, 13/06/2014, Copa, p. D3).

Porém, na mesma edição é publicada uma matéria que evidencia a preocupação do técnico Luiz Felipe Scolari com o estado emocional de sua equipe. Segundo a matéria, um dia antes da estreia do Brasil na Copa o técnico Luiz Felipe Scolari fez um trabalho especial no hotel em que a equipe brasileira estava hospedada na cidade de São Paulo: “Ele visitou alguns jogadores mais jovens que, segundo relatório da psicóloga Regina Brandão, que fez o perfil de cada atleta convocado, precisavam de atenção especial antes da estreia” (FOLHA DE SÃO PAULO, 13/06/2014, Copa, p. D4). Estas informações de bastidores, confirmadas pelo técnico, mostravam um dos maiores desafios que os jogadores brasileiros teriam que enfrentar no decorrer da competição, o temor de se tornarem protagonistas de um novo fracasso da seleção brasileira em uma Copa do Mundo disputada no Brasil.

O estado emocional da seleção continuou a receber espaço nas narrativas da imprensa brasileira no decorrer da competição, mas este assunto só retorna com força nos jornais de 28 de junho, um dia antes do jogo contra o Chile, válido pelas oitavas de final, e o primeiro do Brasil na fase eliminatória da competição.

Um dia antes deste jogo o técnico Luiz Felipe Scolari e o zagueiro Thiago Silva, capitão da seleção brasileira, concederam uma entrevista coletiva na qual “revelam nervosismo antes do jogo decisivo contra o Chile em Belo Horizonte” (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/06/2014, Copa, p. D1).

Segundo a *Folha de São Paulo*, no decorrer da coletiva, mesmo “com duas Copas na carreira, o treinador revelou que está ansioso para o confronto no Mineirão

e admitiu pela primeira vez a possibilidade de eliminação da equipe". Já Thiago Silva revelou "que sentiu a pressão na estreia e por pouco não caiu no choro no final da entrevista ao elogiar o treinador" (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/06/2014, Copa, p. D3).

O Globo também publica reportagem sobre a dificuldade de "controlar os nervos" da seleção brasileira. Segundo o jornal carioca, "dez entre dez jogadores da seleção admitem que estão ansiosos, emocionados, por estarem disputando a Copa. O técnico Felipão também não esconde que anda nervoso, e vez por outra, se pega assustado com tanta responsabilidade" (O GLOBO, 28/06/2014, Copa 2014, p. 3).

A matéria traz uma declaração do zagueiro Thiago Silva que sintetiza bem o sentimento dos jogadores brasileiros naquele momento: "Não tem como se desligar. Há quatro meses que só penso na Copa, em ganhar a Copa no meu país. É complicado controlar a ansiedade – disse o capitão, que quase chorou durante a entrevista coletiva" (O GLOBO, 28/06/2014, Copa 2014, p. 3).

E diante de tanta expectativa ante o jogo decisivo, o pior aconteceu, e a equipe brasileira não conseguiu manter a frieza diante do Chile (houve choro e emoção antes, durante e depois do jogo), especialmente porque foi uma partida muito nervosa e disputada, decidida apenas nos pênaltis (disputa esta da qual o capitão da seleção brasileira, o zagueiro Thiago Silva, se negou a participar).

Contudo, no dia seguinte ao jogo, os primeiros textos sobre o confronto apenas relatam o desgaste emocional dos jogadores e afirmam que é necessário recuperá-los para as próximas partidas: "Recuperar o desgaste físico e emocional dos jogadores da seleção será a principal preocupação da comissão técnica até o próximo jogo contra a Colômbia". No mesmo texto o técnico brasileiro afirma que "o desgaste emocional tem sido enorme a cada jogo da seleção brasileira: – Mesmo os jogadores mais experientes sentem em uma Copa do Mundo. Quem disser que não sente, está mentindo. Não é um jogo comum" (O GLOBO, 29/06/2014, Copa 2014, p. 5).

No mesmo dia, o colunista Tostão, da *Folha de São Paulo*, afirma que o "problema do Brasil não foi emocional. Foi técnico e tático". Segundo ele, "haverá novos sufocos. Mesmo assim, o Brasil continua forte candidato ao título" (FOLHA DE SÃO PAULO, 29/06/2014, Copa, p. D6).

Mas com o passar dos dias, esta percepção inicial perde espaço entre a

imprensa brasileira, que começa a expressar preocupação com o fato de a seleção estar uma “pilha de nervos”. Segundo reportagem de *O Globo*, “choro do capitão Thiago Silva, descontrole de Neymar e briga da comissão técnica mostram como a seleção está tensa”. O autor do texto afirma que “a obsessão de todo um país pela conquista da Copa em casa contaminou os encarregados da missão em campo (...) as partidas ganham em drama, a pressão se acentua – e a seleção brasileira parece à beira de um ataque de nervos” (O GLOBO, 30/06/2014, Copa 2014, p. 4).

Esta percepção é compartilhada pelo colunista Renato Maurício Prado, que afirma:

> O que começa a me incomodar no choro epidêmico dos jogadores da nossa seleção não são as lágrimas, em si, mas o que as têm causado e o que isso pode significar e provocar. Por exemplo: o que se espera de um capitão? Comando, liderança e exemplo, certo? E o mesmo pode se aplicar ao craque do time (...). Em suma: Na hora em que o bicho pega é fundamental que o líder acalme e motive, aponte caminhos e mostre como todos devem se portar. Por isso e para isso, ele foi escolhido para usar a braçadeira. E é por aí que a coisa começa a me preocupar. Se na hora da decisão por pênaltis, o nosso capitão Thiago Silva prefere se isolar para chorar (e, segundo ele, rezar), sentado em cima de uma bola, longe dos demais, o que está passando para o resto da tropa? (...) Foi muito esquisito também ver Júlio César soluçando antes mesmo da primeira cobrança (...). O terceiro exemplo dessa emoção exacerbada é Neymar, nosso craque maior, que se comove até às lágrimas no Hino, antes de a bola rolar. Cena tão bonita e rara quanto inquietante. Mas, afinal, o que pode estar causando tanta emoção? Jogar uma Copa do Mundo em casa, certamente, é algo único e muito especial. Jogar esta Copa com a OBRIGAÇÃO de ganhar agrava muito a situação e anaboliza de forma cavalar a descarga de adrenalina no sangue dos nossos jogadores (O GLOBO, 30/06/2014, Copa 2014, p. 4).

Um dia depois *O Globo* dedica três páginas ao assunto. O mote de uma das matérias é a preocupação da comissão técnica do Brasil com o estado emocional dos jogadores. Para tratar esta questão, o jornal diz que “uma das estratégias é mostrar que o pior já passou. Em outras palavras, que um vexame de proporções enormes já foi evitado. Este seria uma queda precoce no Mundial, caso o time saísse na primeira fase ou até nas oitavas de final” (O GLOBO, 01/07/2014, Copa 2014, p. 3).

O diário carioca também publica algumas matérias na quais apresenta a opinião de especialistas sobre o episódio. As opiniões sobre “a reação dos jogadores na disputa de pênaltis contra o Chile” se dividem: Será que “a seleção estaria dando conta de suportar a pressão, a ponto de ela não afetar o desempenho dentro de campo”? Os psicólogos esportivos entrevistados “são unânimes ao afirmar

que motivos não faltam" para este tipo de comportamento. O curioso é que nesta oportunidade, "a maioria dos especialistas condena a análise mais óbvia, de que o choro é sinal de fraqueza ou de descontrole emocional" (O GLOBO, 01/07/2014, Copa 2014, p. 4). Estes especialistas chegam a ver esta atitude de forma positiva.

A *Folha de São Paulo* também dá amplo destaque ao assunto. Mas a matéria sobre o que chamou de "desgaste emocional da seleção brasileira" teve como base a coletiva do meio-campo Fernandinho concedida na Granja Comary um dia antes. Apesar da insistência de jornalistas em abordar a questão, o jogador, que substituiria Luiz Gustavo diante da Colômbia, passa a ideia de que a questão está resolvida: "Estamos nos preparando desde 26 de maio. Tivemos uma boa conversa com os psicólogos. Todo mundo está bem preparado. Não é mais hora de trabalhar a parte emocional" (FOLHA DE SÃO PAULO, 01/07/2014, Copa, p. D4).

Na mesma edição o colunista Tostão apresenta uma opinião diferente de grande parte dos jornalistas, com o título "chorar é bom" ele escreve um texto no qual afirma que "o que salva a seleção é o envolvimento emocional dos jogadores, empurrados pela torcida e pela pressão de jogar em casa". Mas, segundo ele, "a onda é dizer que o problema da seleção é emocional, que os jogadores não suportam a pressão e choram demais, como se o choro fosse incompatível com a razão e a lucidez" (FOLHA DE SÃO PAULO, 01/07/2014, Copa, p. D4).

Um dia depois o colunista Juca Kfouri escreve um texto no qual fica evidente mais um medo que poderia explicar o excesso de nervosismo dos jogadores da seleção: O temor de entrarem para a história do futebol brasileiro no papel de vilões. Segundo o jornalista:

> de repente, o que era óbvio se tornou urgente: A imaturidade da seleção brasileira transformou a euforia da Copa das Confederações em medo na Copa do Mundo. Medo que paralisa, que faz as pernas pesarem, tremerem, que faz tropeçar na bola, fugir dela ou mandá-la para bem longe. Daí a necessidade de mudar o discurso, procurar outro caminho para atingir o objetivo (...). Quantos são os vilões na história do futebol brasileiro? Na verdade verdadeira só um, o goleiro Barbosa, e injustamente, assim como injusta é a lenda de que Bigode se acovardou perante Obdulio Varela[66] (FOLHA DE SÃO PAULO, 02/07/2014, Copa, p. D5).

[66] Entre as inúmeras lembranças presentes nas narrativas da imprensa sobre a Copa de 1950 uma que é muito difundida é a de que no jogo entre Brasil e Uruguai o capitão da equipe celeste, o meio-campo Obdulio Varela, agrediu o defensor brasileiro Bigode. O juiz não teria visto o lance, que teria influenciado o baixo rendimento do brasileiro na partida. O detalhe é que Bigode era um dos responsáveis pela marcação do atacante uruguaio Alcides Ghiggia, que fez o gol da vitória do Uruguai.

Para ajudar jogadores e comissão técnica a lidarem com tamanha pressão, Felipão decide chamar a psicóloga da seleção, Regina Brandão, é o que afirma reportagem de *O Globo*: “Com os jogadores e a comissão técnica nitidamente abalados pela pressão de ter que conquistar o Mundial, Regina foi chamada às pressas para tentar evitar um colapso psicológico antes da decisiva partida contra a Colômbia” (O GLOBO, 02/07/2014, Copa 2014, p. 3).

O estado emocional da seleção continua a ser assunto da cobertura realizada pela imprensa brasileira por mais alguns dias, mas tendo como mote, em grande parte das matérias, a ideia de que o time tinha que domar suas emoções para fazer uma boa Copa. Contudo, ele assume outro papel após a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha.

Após a goleada sofrida pelo time brasileiro para a equipe alemã a imprensa partiu em busca de respostas para este episódio. E uma das possibilidades de resposta encontrada foi a de que este resultado foi resultado de algum distúrbio psicológico. Um dia após o jogo, o jornalista Artur Xexéo publica em *O Globo* um texto cujo título é “a culpa é do psicológico”. Neste texto ele critica o trabalho do técnico Felipão, e as falas dele que dão a entender que o 7 a 1 foi fruto de “um abalo emocional”, ou de “um apagão”. Estas versões, que parecem convenientes para o técnico, não convencem o jornalista, que, para todas as dificuldades enfrentadas pela seleção que ele enumera no decorrer do texto afirma, de forma irônica, “chama a psicóloga (O GLOBO, 09/07/2014, Copa 2014, p. 11).

Contudo, um dia mais tarde a publicação apresenta uma reportagem de página inteira na qual diz que o aspecto psicológico foi determinante no resultado da campanha brasileira. Segundo especialistas escutados pela publicação, “o 7 a 1 para a Alemanha não teria sido resultado apenas da falta de dois craques (Neymar e Thiago Silva) e de eventuais erros táticos e de escalação”, mas seria produto do fato de o time de Luiz Felipe Scolari não contar com “um preparo psicológico de longo prazo à altura do desafio que tinha pela frente: Jogar uma Copa do Mundo em casa com a obrigação de ser campeão” (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 10).

Segundo estes mesmos especialistas, no caso psicólogos e psiquiatras do esporte, “o preparo psicológico dos jogadores para uma competição deste nível é tão importante quanto o preparo físico”. Neste texto também chama a atenção a afirmação do presidente da Associação Paulista de Psicologia do Esporte, João Ricardo Cozac, de que a derrota para a Alemanha foi histórica e de que os atletas

brasileiros que tomaram parte dela “com certeza terão dificuldades para carregar essa ‘tatuagem emocional’ pelo resto de suas carreiras” (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 10).

A *Folha de São Paulo* também voltaria ao assunto, mas um dia após o final da competição, ao publicar uma entrevista com o ex-jogador alemão Lothar Matthäus, que critica o choro dos jogadores brasileiros durante a competição e que afirma que eles deveriam mostrar que são “homens e fortes” (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/07/2014, Copa, p. D19).

A partir da leitura de todas estas narrativas é possível perceber que o estado emocional aparece em inúmeras oportunidades, e de diferentes formas. Antes do 7 a 1 é possível perceber que não há uma uniformidade nas interpretações sobre as demonstrações de emoção dos jogadores da seleção brasileira, com algumas matérias as criticando e outras considerando positivas. Mas, no geral, a percepção era de que este seria mais um “adversário” que os jogadores teriam de enfrentar para alcançarem o título. Porém, após a derrota para a Alemanha as publicações interpretam estas manifestações de emoção como um desiquilíbrio emocional que levou à derrota. E, segundo esta avaliação, este nervosismo dos jogadores tem relação direta com o fato de jogarem diante da torcida brasileira, cujo comportamento também foi tema de algumas narrativas.

3.7 **Uma torcida brasileira, “com muito orgulho, com muito amor”**

O comportamento da torcida brasileira também foi tema da cobertura da imprensa brasileira no decorrer da Copa do Mundo. E nestas matérias um refrão ganhou amplo destaque, sintetizando a forma como os jornalistas brasileiros descreveram a participação destes torcedores: “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”.

Mas antes de este canto ganhar destaque nas narrativas da imprensa, o apoio da torcida à seleção brasileira era celebrado. Era celebrado porque existe uma percepção de que o torcedor brasileiro é extremamente exigente com a seleção, que não deve apenas vencer, mas deve triunfar jogando bonito. Diante desta ideia, a imprensa brasileira celebrava o grande apoio dos brasileiros ao selecionado, relação

esta que começou no decorrer da Copa das Confederações.

Antes mesmo do início da Copa, *O Globo* destaca esta lua-de-mel entre torcida e seleção em entrevista com o lateral Marcelo realizada alguns dias antes do início do Mundial. Segundo o jogador, ao comentar o apoio dos torcedores no decorrer da Copa das Confederações de 2013: “A torcida esquenta o nosso time, o apoio ajuda muito (...), nos dá força, coragem. Na Copa das Confederações, aquela coisa de a torcida cantar à capela o hino foi como um gol para o nosso time. Já entrávamos em campo em vantagem” (O GLOBO, 08/06/2014, Copa 2014, p. 4).

Este apoio também acontece durante os treinos da seleção na Granja Comary. O apoio, que não era muito grande algumas semanas antes do início do Mundial, aumenta de forma considerável quando faltam poucos dias para começar o certame: “Há duas semanas o ônibus que trouxe os jogadores para o início do treino na Granja Comary foi recebido por poucos torcedores e protestos[67], ontem o clima era de festa (...). Centenas de torcedores recepcionaram o ônibus, que trazia os jogadores” (O GLOBO, 09/06/2014, Copa 2014, p. 3).

Porém, são as narrativas sobre a participação da torcida brasileira nos jogos da seleção que são o foco nesta parte do trabalho. Na primeira reportagem sobre a participação do torcedor brasileiro em um jogo da seleção no período da Copa do Mundo se destacam as vaias para a presidente Dilma[68] e o que a reportagem de *O*

---

[67] A apresentação dos jogadores da seleção brasileira convocados para a Copa do Mundo foi acompanhada por uma manifestação organizada por professores, que pediam melhores salários e que expressavam a sua oposição à realização da Copa do Mundo no Brasil. Mais informações sobre a chegada da seleção à Granja Comary podem ser encontradas aqui: *Seleção chega escoltada à Granja Comary e é recebida por Felipão*. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/05/apos-enfrentar-protesto-selecao-chega-granja-para-iniciar-preparacao.html>. Acesso em: 27 abr. 2016.

[68] Um dos temas abordados pelas narrativas da imprensa sobre o comportamento da torcida brasileira na Copa de 2014 foram as vaias direcionadas à presidente Dilma. A razão da atenção dada a este detalhe é o momento político que o Brasil vivia, e o posicionamento de *O Globo* e da *Folha de São Paulo* em relação ao Governo. Sobre o momento vivido pelo Brasil no momento da realização da Copa é necessário dizer que havia uma grande contestação sobre a forma como o Governo participou da organização da Copa do Mundo. Entre as críticas podem ser destacadas as que afirmam que foram usados recursos demais na competição, recursos estes que poderiam ser investidos em melhorias para a população. Este posicionamento encontra acolhida tanto em *O Globo* como na *Folha de São Paulo*, publicações que assumem um posicionamento crítico para com o Governo. Assim, quando a presidente Dilma é vaiada no jogo de abertura da Copa, tanto *O Globo* como a *Folha de São Paulo* destacam este fato nas chamadas de capa de suas respectivas reportagens principais: “A presidente Dilma não discursou, mas foi xingada e vaiada ao chegar e quando sua imagem apareceu no telão” (O GLOBO, 13/06/2014, p. 1), “a presidente Dilma Rousseff, que não discursou, foi hostilizada por torcedores ao menos quatro vezes – com vaias e xingamentos também destinados à Fifa” (FOLHA DE SÃO PAULO, 13/07/2014, p. A1). A partir de então, a imprensa acompanhou com atenção a possibilidade de a presidente do Brasil voltar a estar presente nos estádios da Copa, o que só voltou a acontecer na partida final, entre Alemanha e

Globo qualifica de “apoio incondicional”:

> Dentro e fora do Itaquerão, a torcida brasileira fez a sua parte no dia da estreia do Brasil. Antes do jogo, o clima foi de confraternização na chegada ao estádio, mas foi nas arquibancadas que a torcida fez a diferença. Primeiro, com a ovação ao time assim que os jogadores entraram em campo para o aquecimento; depois com o Hino cantado a capela, e, sobretudo, no incentivo permanente durante toda a partida (O GLOBO, 13/06/2014, Copa 2014, p. 9).

Esta relação de amor entre torcida, seleção e imprensa perdura até o empate entre Brasil e México, pela terceira rodada da fase de grupos da Copa. A atuação da seleção nesta partida é muito contestada, mas a participação dos torcedores brasileiros também. Segundo reportagem de *O Globo*, “no gogó mexicanos levam vantagem”, pois, mesmo “em maior número, brasileiros não tinham variedade de cantos” (O GLOBO, 18/06/2014, Copa 2014, p. 6).

O autor do texto afirma, “há uma crise de repertório na seleção brasileira. Se em campo, o time de Felipão mostrou poucas alternativas para derrotar o México, nas arquibancadas do Castelão a carência de criatividade era maior”. Ainda segundo a matéria “a torcida pouco variou os gritos de incentivo: o ‘Sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor’ foi quase único, ora substituído por ‘Pentacampeão!’ ou simplesmente ‘Brasil!, Brasil!’. E só” (O GLOBO, 18/06/2014, Copa 2014, p. 6).

O que se percebe é que há um estranhamento da imprensa brasileira com o comportamento da torcida. Se antes o ato de torcer apresentava traços de criatividade, animação e descontração, no decorrer do Mundial os torcedores se mostram com um comportamento contido e uniforme[69].

Segundo reportagem de *O Globo*, o “povo moreno e alegre, belo e musical, charmoso e empolgado, não deu as caras no Mundial verde-amarelo. No seu lugar, está sentada na plateia (...) uma turma bem-nascida, portadora de entusiasmo flácido, que se empenha no hino à capela”. Diante deste panorama, o “Brasil perde de goleada dos vizinhos nas plateias do Mundial”. Como uma resposta a este

---

Argentina no dia 13 de julho no estádio do Maracanã.

[69] Uma das explicações encontradas para a mudança de comportamento da torcida presente aos jogos do Brasil está relacionada a uma espécie de processo de elitização dela. Se antes os estádios eram espaços vinculados a extratos populares, a partir do advento das modernas arenas há uma mudança no perfil do público que passa a comparecer às praças esportivas, torcedores com poder aquisitivo suficiente para pagarem os altos ingressos cobrados a partir de então. Alguns trabalhos interessantes que abordam as mudanças nas formas de torcer são Santos (2015), Nascimento (2015) e Mascarenhas (2007).

fenômeno “torcedores criam movimento que tenta reencontrar a euforia” da torcida brasileira (O GLOBO, 22/06/2014, Copa 2014, p. 14).

Esta mobilização parece surtir algum efeito, pois no terceiro jogo da fase de grupos da seleção brasileira na Copa, diante de Camarões, a imprensa afirma haver uma mudança de comportamento dos brasileiros no estádio. Reportagem da *Folha de São Paulo* diz que “após campanha em redes sociais e na TV, torcida brasileira mostra repertório mais variado e reina sozinha em Brasília”, o local do jogo. Para que isto acontecesse, a torcida “teve que ser ‘ensinada’ a torcer” por meio de “milhares de panfletos com letras, de samba do Salgueiro a versões de músicas de torcida” que foram distribuídos nos acessos do estádio (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/06/2014, Copa, p. D10).

Em matéria sobre a mesma partida *O Globo* também registra uma mudança no comportamento da torcida, mas diz que “ainda não foi a apoteose esperada”, pois “rola um desentrosamento”, contudo a publicação elogia a presença do “mais brasileiro dos ritmos” no canto dos torcedores brasileiros presentes ao jogo, o samba.

O jornal carioca continua a acompanhar o comportamento dos torcedores brasileiros na partida contra o Chile, nesta oportunidade o diário afirma que acontece uma “melhora sutil” na animação, e conclui que a “torcida do Brasil no Mineirão é a mais animada do Mundial, com novas músicas, mas a cantoria ainda está longe de festa de arquibancada de rivais sul-americanos” (O GLOBO, 29/06/2014, Copa 2014, p. 6).

Um jogo depois, agora diante dos colombianos, a imprensa afirma que os torcedores brasileiros se mostram ainda mais animados. A *Folha de São Paulo* publica matéria de página inteira na qual afirma que a torcida presente no “Castelão supera apatia e empurra seleção até o fim”. O texto elogia a substituição do “eu, sou brasileiro, com muito orgulho e muito amor” por uma grande variedade de cantos, como versões de músicas populares brasileiras e canções importadas de outras torcidas (FOLHA DE SÃO PAULO, 05/07/2014, Copa, p. D8).

Chega então a derrota de 7 a 1 para a Alemanha, e com ela uma perspectiva diferente assume o protagonismo nas narrativas da imprensa sobre o comportamento da torcida, a de que as crianças que estavam presentes ao jogo disputado no estádio do Mineirão poderiam sofrer um trauma na infância.

Reportagem da *Folha de São Paulo*, ilustrada com várias imagens de

pequenos torcedores chorando no decorrer do jogo do Brasil, pergunta em seu título: “Trauma de infância?”, e afirma: “Crianças sofrem com a derrota da Copa das suas vidas, e psicólogos dizem que passar pela tristeza pode ser bom” (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, Copa, p. D14).

Neste momento, as narrativas sobre a frustração da torcida com o fracasso da seleção e suas consequências tomam o lugar que era ocupado pelos relatos sobre a animação dos brasileiros na competição. Esta frustração fica bem sintetizada na fala do menino Lucas Braga, de 11 anos, destacada pelo jornal paulista: “Quando vamos ter outra Copa no Brasil? Nunca! Era a minha chance de ver o Brasil campeão de perto” (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, Copa, p. D14).

O capítulo final das narrativas sobre a torcida brasileira se dá após o 7 a 1, quando a seleção retorna à Granja Comary. Após um revés que foi descrito com adjetivos como traumático, vergonha e humilhação, surpreende a atitude de alguns torcedores dois dias antes do jogo contra a Holanda, válido pela disputa do terceiro lugar da competição: “Centenas de torcedores enfrentam chuva e frio em Teresópolis para apoiar jogadores da seleção e incentivá-los a disputar o terceiro lugar com dignidade” (O GLOBO, 11/07/2014, Copa 2014, p. 4).

Entre as demonstrações de apoio realizadas na Granja Comary descritas pelo diário carioca está a exibição de cartazes com dizeres de apoio à seleção, como “a derrota faz parte do caminho dos vencedores” e “os verdadeiros vencedores não se deixam abater por um tropeço” (O GLOBO, 11/07/2014, Copa 2014, p. 4). Estas mensagens evidenciam, em um primeiro momento, uma certa continuidade do apoio de torcedores aos jogadores mesmo após o revés brasileiro, dando a entender que uma circunstância negativa não prejudicaria esta relação, que foi se formando no decorrer dos jogos da seleção na Copa.

3.8 **Brasil em campo, da Croácia à Alemanha**

O futebol apresentado pela seleção brasileira, sua performance na Copa de 2014, foi assunto de grande quantidade de narrativas da imprensa brasileira sobre a competição. Enquanto o Brasil teve a chance de lutar pelo título do Mundial, estas foram as narrativas que dominaram o noticiário sobra a equipe, independente do

favoritismo, ou não, do time comandado pelo técnico Luz Felipe Scolari.

Nas análises sobre a seleção uma afirmação feita com frequência é a de que a equipe dependeria demais de Neymar, considerado o principal jogador do time. Esta ideia aparece em texto do ex-jogador e colunista Tostão publicada alguns dias antes do início do Mundial: “Escuto com frequência, que o time depende demais do Neymar. Ainda bem. Imagine sem ele. Se o Brasil for campeão, é quase impossível que Neymar não seja a estrela da equipe e da Copa. Mas ele não vai ganhar os jogos sozinhos”. Segundo o articulista, para que o Brasil consiga o título, também é necessário que toda a equipe atue bem, pois “se Neymar e o time se dissociarem, termina o encanto dos dois” (FOLHA DE SÃO PAULO, 07/06/2014, Copa, p. D7).

Esta ideia aparece novamente um dia após a estreia do Brasil na Copa, em texto do jornalista Fernando Calazans. Ao avaliar a apresentação da seleção diante da Croácia, Calazans diz que nesta oportunidade foi confirmado, “acima de tudo”, “como nossa seleção depende” do seu camisa 10 (O GLOBO, 13/06/2014, Copa 2014, p. 2). No prosseguimento da primeira fase do Mundial, o time de Felipão empata sem gols com o México.

Depois chega o jogo com Camarões, cujo resultado seria fundamental para definir o futuro do Brasil na competição. Neste momento da competição a imprensa afirma que a maior força da equipe não está no ataque, ou em Neymar, mas na defesa, “uma das maiorais nos desarmes, nas roubadas de bola”. Além disso, a equipe do Brasil “é uma das que mais erram passes”. Desta forma, o time apresentaria um padrão de jogo totalmente diferente do que se esperaria de uma seleção do Brasil, com jogadores “melhores na marcação, piores na criação”. Diante deste diagnóstico o jornalista Fernando Calazans conclui: “Quando a criação vai mal, não há time que jogue bem, que jogue bonito de se ver – por mais que acerte na marcação” (O GLOBO, 23/06/2014, Copa 2014, p. 2).

Neste momento, em que a performance da seleção na Copa é questionada, aparece também a discussão sobre qual deve ser a prioridade da equipe, jogar bonito ou conseguir vencer. Este questionamento já estava sendo feito a jogadores brasileiros, e o capitão da equipe, o zagueiro Thiago Silva, afirma que o objetivo não é dar espetáculo, mas conseguir a vitória diante de Camarões: “A gente pensa em entrar para vencer. Se vai dar espetáculo é outra coisa. Uma possível goleada vai ser bom para todo mundo. Mas pensamos em vencer” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/06/2014, Copa, p. D4).

O Brasil enfrenta então Camarões e vence por 4 a 1. O resultado classifica a seleção como a primeira colocada de seu grupo. Contudo, apesar de afirmar perceber uma evolução, Fernando Calazans diz que o time brasileiro “ainda precisa melhorar muito”. O destaque, para o colunista de *O Globo*, são Neymar e o meio-campo Fernandinho. Ante este panorama ele diz que a seleção está crescendo na competição, “mas ainda não mostrou o futebol que se espera da seleção brasileira em uma Copa do Mundo em seu país” (O GLOBO, 24/06/2014, Copa 2014, p. 2).

Quem também destaca a atuação do camisa 10 da seleção brasileira no jogo é Tostão. Para o colunista da *Folha de São Paulo*: “No primeiro tempo, o Brasil teve duas ótimas jogadas. A primeira, dar a bola para Neymar. A segunda, dar a bola para Neymar. (...) No segundo tempo, além do show de Neymar, um espetáculo, entrou Fernandinho” (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/06/2014, Copa, p. D5). A partir destes relatos é possível perceber que, mesmo com a boa participação de Fernandinho, o protagonista do Brasil nesta partida é o atacante do Barcelona.

Fernando Calazans chega a afirmar que, ao final da primeira fase, “a seleção brasileira ainda não está armada”. O articulista apresenta então uma avaliação de cada jogador da seleção, e, como não poderia ser diferente, Neymar é apontado como o ponto mais forte do time (O GLOBO, 25/06/2014, Copa 2014, p. 2).

Em meio a estas críticas, o Brasil passa então pelo seu primeiro confronto da fase eliminatória da competição, diante do Chile, e as avaliações continuam a ser negativas. Na *Folha de São Paulo*, Paulo Vinícius Coelho, o PVC, afirma que “o Brasil dos velhos tempos, da técnica e da troca de passes, ontem foi só o time da força e das ligações diretas. Nem de longe era a representação do que se imagina do futebol brasileiro” (FOLHA DE SÃO PAULO, 29/06/2014, Copa, p. D15).

Quem também chama a atenção para a dificuldade de articulação de jogadas do Brasil diante da equipe chilena é Fernando Calazans, que aponta como causa disto a má atuação dos jogadores de meio-campo: “O meio de campo do Brasil é desabitado no setor de armação, e a consequência é a que vimos no 1 a 1 com o Chile: ligação direta da defesa para o ataque com chutões (...). É pouco para seleção brasileira e é pouco para ganhar a Copa” (O GLOBO, 29/06/2014, Copa 2014, p. 2).

O futebol apresentado teria sido tão fraco que nem mesmo Neymar escapa das críticas. Para Renato Maurício Prado, “a seleção voltou a jogar muito mal e, desta vez, nem Neymar (...) se salvou. Haja sorte para chegar ao hexa jogando esse

futebolzinho medíocre” (O GLOBO, 29/06/2014, Copa 2014, p. 4).

E nas narrativas da imprensa as críticas a Neymar começam a não se limitar apenas ao futebol apresentado por ele, mas também aos posicionamentos do jogador em entrevistas coletivas. Um dia antes do jogo contra a Colômbia, pelas quartas de final, Fernando Calazans publica um texto no qual critica uma afirmação de Neymar de que não desejava dar show no decorrer da Copa, mas ficar com o título. O jornalista não recebe bem este posicionamento e afirma: “Pode-se ganhar um jogo de várias maneiras, inclusive sem jogar bem (...), mas, quanto melhor for a exibição, mais fácil e mais provável será a vitória. É lógico”. E a crítica do colunista é ainda maior por entender que, “se há jogador na seleção brasileira capaz de dar espetáculo é ele mesmo Neymar” (O GLOBO, 03/07/2014, Copa 2014, p. 2).

Em um momento em que o esquema tático da seleção está em pauta, a *Folha de São Paulo* faz menção ao esquema usado pelo Brasil no Mundial de 1950. Segundo reportagem publicada no quadro “Como foi em 50”, a seleção brasileira daquela época “usou esquema do ‘losango’ no Mundial”. Esta seria uma inovação tática do técnico Flávio Costa, que “’inclinou’ em 45^0 o quadrado dos quatro jogadores do meio-campo, deixando um jogador à frente (Ademir), um recuado (Bauer) e dois armadores pelos lados (Zizinho e Jair). O ataque usava pontas velozes (Chico e Friaça)” e a defesa era formada por 4 jogadores, dois nas laterais com menos obrigações ofensivas e dois zagueiros (FOLHA DE SÃO PAULO, 03/07/2014, Copa, p. D3).

Chega então a partida contra a Colômbia, a vitória vem, mas de forma apertada, com sofrimento, o que faz com que a imprensa continue a questionar algumas das escolhas de Scolari, mas com uma dose de otimismo quanto à possibilidade de o Brasil conquistar o título. Segundo Tostão, a vitória brasileira nesta partida foi “graças, principalmente, às excepcionais atuações dos dois zagueiros e ao envolvimento emocional dos jogadores, guerreiros, apoiados pela torcida. Jogar em casa tem sido decisivo”. Segundo o ex-jogador, além do apoio da torcida, os triunfos têm sido resultado da qualidade das jogadas executadas pela equipe do Brasil: “As vitórias do time brasileiro, (...) mostram que o resultado das partidas, com frequência, ocorre mais pela qualidade dos jogadores, por lances isolados, por bolas paradas, por jogadas aéreas, do que pela atuação coletiva” (FOLHA DE SÃO PAULO, 05/07/2014, Copa, p. D5).

Quem também avalia de forma positiva a atuação da seleção brasileira nesta

oportunidade é Paulo Vinícius Coelho, que chega a dizer que esta foi “a melhor atuação da seleção na Copa”. Porém, ele afirma que ainda é necessário jogar com mais paciência para evitar o sufoco do adversário. Mas ele mesmo afirma ao final que “com Felipão, não existe título sem sofrimento”, sofrimento este que, segundo ele, “não deve tirar a certeza da evolução” da equipe (FOLHA DE SÃO PAULO, 05/07/2014, Copa, p. D10).

Já em sua análise Fernando Calazans destaca o fato de “o Brasil perder o seu melhor jogador na hora da decisão” em razão “da entrada desleal e impune do colombiano Zúñiga”. Além disso, o jornalista destaca uma evolução do setor de meio-campo do Brasil, que passa a controlar mais a bola, “graças sobretudo a Fernandinho e a Paulinho”. Mas é na zaga que estão os grandes destaques do jogo, Thiago Silva e David Luiz fazem os gols da vitória, sendo que o segundo “bateu uma falta de forma magistral, e desta vez nem Ospina[70] viu a cor da bola” (O GLOBO, 05/07/2014, Copa 2014, p. 2). Com a vitória sobre a Colômbia, e com a Alemanha tendo vencido a França em outro jogo de quarta de final, estava decidida a próxima partida do Brasil, contra os alemães pela semifinal no estádio do Mineirão. E são as narrativas sobre a expectativa para este confronto que serão o foco agora.

3.9 **Expectativa para o jogo com a Alemanha**

Um movimento realizado pela imprensa brasileira antes de toda partida do Brasil pela Copa de 2014 é a concessão de maior espaço na cobertura ao próximo adversário da equipe comandada por Felipão. Nestas matérias são relembrados retrospectos de jogos entre a seleção e estes times, são avaliados aspectos técnicos e táticos deles, os craques da equipe, é descrito o comportamento do time adversário, entre outras abordagens.

No caso específico da Alemanha não foi diferente. Como ela é um dos maiores adversários do Brasil em Copas do Mundo (inclusive tendo protagonizado uma final de Mundial com os brasileiros em 2002) e era tida como um dos favoritos para conquistar o título, a imprensa brasileira dá atenção especial à equipe europeia.

[70] Ospina é o goleiro titular da Colômbia, que no lance narrado não conseguiu defender a falta cobrada por David Luiz.

Um dia após o jogo do Brasil com a Colômbia Fernando Calazans abre espaço para comentar a performance do próximo adversário brasileiro em sua coluna. Nesta oportunidade ele avalia a atuação da Alemanha diante da França, pelas quartas de final, e diz: “A Alemanha tem uma boa equipe, mas está jogando mais no papel do que no campo” (O GLOBO, 05/07/2014, Copa 2014, p. 2).

Nas narrativas da imprensa brasileira sobre a expectativa para esta partida um jogador ganha protagonismo, Dante, zagueiro titular da equipe alemã Bayern de Munique[71]. Diante dos alemães na semifinal Dante substitui o capitão Thiago Silva, suspenso por dois cartões amarelos. Ele passa a ser visto como uma espécie de informante da seleção brasileira: “Conheço bem os jogadores, o que pensam. Conheço bem o futebol alemão. Eles jogam juntos há bastante tempo e têm muita experiência. Basta ver que esta é a quarta semifinal seguida em Copas da Alemanha” (O GLOBO, 05/07/2014, Copa 2014, p. 8).

No mesmo dia, mas na *Folha de São Paulo*, Juca Kfouri também revela sua expectativa para o jogo contra a Alemanha, mas ele expressa sua esperança de sucesso brasileiro mesmo com a ausência de Neymar: “Sem ele já deu para vencer ontem[72], dará para ganhar no Mineirão contra os alemães? Já deu até sem Pelé, por que não sem o menino?” (FOLHA DE SÃO PAULO, 05/07/2014, Copa, p. D9).

O pensamento positivo e a esperança de uma vitória frente à Alemanha mesmo com a ausência de Neymar e do capitão Thiago Silva estão presentes nas narrativas da imprensa brasileira naquele momento. Isto fica evidente em outra coluna de Juca Kfouri, na qual ele propõe uma comparação entre a seleção brasileira (desfalcada dos jogadores citados anteriormente) com as seleções de Gana (que empatou com o time alemão na primeira fase da competição) e da Argélia (que jogou de igual para igual com a Alemanha em partida das oitavas de final só definida no tempo extra).

Contudo, este otimismo está misturado a um certo temor de que o Brasil possa não chegar ao tão sonhado título jogando em casa, justamente pela ausência

[71] O Bayern de Munique é uma equipe de futebol da Baviera que ostenta o maior número de títulos do Campeonato Alemão, além de ser o terceiro clube com o maior número de conquistas na Liga dos Campeões. Na atualidade é tida como uma das grandes forças do futebol mundial, além de ser a base da atual seleção da Alemanha pelo grande número de jogadores cedidos para a equipe que conquistou a última edição da Copa do Mundo. Até a última temporada europeia, o Bayern era comandado pelo técnico espanhol Pep Guardiola, considerado um dos melhores treinadores na contemporaneidade. Por todas estas razões o Bayern de Munique se torna uma referência muito importante no futebol alemão.

[72] Kfouri faz referência ao jogo contra a Colômbia, disputado um dia antes.

dos dois jogadores no confronto decisivo: “Se, para muitos, era impensável perder uma segunda Copa no Brasil, agora não é mais. Ao contrário, conquistar o hexa passou a ser um objetivo quase sobre-humano, uma façanha épica, dessas para nunca mais esquecer”. Além disso, Kfouri espera que a seleção não sofra “uma derrota acachapante para os poderosos alemães” (FOLHA DE SÃO PAULO, 06/07/2014, Copa, p. D6).

No mesmo dia, *O Globo* publica uma matéria na qual avalia o estilo de jogo da equipe alemã, afirmando que ele se baseia no jogo praticado pela então campeã do mundo Espanha: “A seleção alemã não perdeu antigos traços como a velocidade, o pragmatismo e a bola aérea, mas a marca do time é a troca de passes e o controle do jogo com a posse de bola. Traços similares à Espanha”. E por parecer a Espanha o autor do texto usa um artifício adotado por Juca Kfouri, o de comparar resultados alcançados pelas duas equipes: Se o Brasil venceu o time espanhol na final da Copa das Confederações de 2013, teria então possibilidades de triunfar diante da equipe alemã (O GLOBO, 06/07/2014, Copa 2014, p. 13).

Quem também recorre a retrospectos de partidas para manter uma atitude positiva ante o jogo com a Alemanha é Renato Maurício Prado, em texto publicado um dia antes do confronto pela semifinal, ele afirma que, “após a impressionante goleada de 4 a 1 sobre Portugal, a verdade é que a Alemanha penou para bater todos os seus rivais, inclusive a Argélia, outra equipe que, na teoria, era muito inferior”. Diante deste panorama, o jornalista afirma que o Brasil não deve se acovardar diante do rival: “Que honremos a nossa história e o nosso futebol pentacampeão mundial, jogando de igual para igual contra qualquer um” (O GLOBO, 07/07/2014, Copa 2014, p. 4).

Contudo, neste momento o que recebe maior destaque nas narrativas da imprensa brasileira são as falas de jogadores da Alemanha sobre a expectativa para a partida contra os donos da casa. Um dos principais jogadores da equipe germânica, o meio-campo Bastian Schweinsteiger diz que este será “um jogo fantástico. Não apenas por jogar contra o anfitrião da Copa, mas por enfrentar o Brasil”. O jogador também expressou sua ansiedade por enfrentar um grande adversário e lamenta por este jogo não ser a partida final da competição: “É um grande desafio, mas seria mais bonito jogar contra o Brasil numa final. Precisaremos de concentração total para vencer” (O GLOBO, 07/07/2014, Copa 2014, p. 7).

Por fim Schweinsteiger coloca em prática toda a sua diplomacia ao dizer que

lamenta a ausência do principal jogador brasileiro na partida e ao expressar seu respeito pelo Brasil: “Inicialmente, deixe-me dizer que todos estamos muito tristes por Neymar não poder jogar. Devemos nos lamentar se os melhores não estarão em campo, que é onde devem estar. Após perdê-lo, imagino que o Brasil vá unir ainda mais as suas forças” (O GLOBO, 07/07/2014, Copa 2014, p. 7).

Chega então o dia da partida, e com ela a esperança de que o Brasil possa fazer um bom papel dentro de campo, de forma que consiga garantir a classificação para a tão sonhada final da Copa. Em sua crônica, Tostão trata logo de deixar claro que para ele “não há favoritos” no confronto. Ele expressa a esperança “de que a ausência de Neymar ilumine e provoque, em todos os outros, sentimentos de superação, de orgulho, de ambição, de mostrar (...) que podem também ser protagonistas e que a seleção não depende tanto de Neymar” (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2014, Copa, p. D4).

Para reforçar a sua opinião de que não há favoritos no confronto entre Brasil e Alemanha, o ex-jogador faz uma comparação entre o estilo de jogo apresentado pelas duas equipes:

> No coletivo, a Alemanha é superior. É um time mais coeso, mais harmônico, com um princípio e um fim. Já o Brasil é mais passional. Vive de sobressaltos, de espasmos individuais e coletivos. Se fosse um torneio de pontos corridos, a Alemanha, certamente, chegaria à frente. Já em uma partida de mata-mata, é frequente predominarem o imponderável, os lances isolados, aéreos (os três últimos gols do Brasil), o envolvimento emocional maior de quem atua em casa e, parafraseando Chico Buarque, o que não tem explicação nem nunca terá (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2014, Copa, p. D4).

Já Paulo Vinícius Coelho, na *Folha de São Paulo*, e Renato Maurício Prado, em *O Globo*, escrevem textos nos quais tentam explicar ao leitor as inúmeras possibilidades de armar a equipe brasileira para o jogo, e quais as consequências que estas escolhas teriam dentro de campo. Segundo Renato Maurício Prado, Felipão realizou um treino no qual “trocou a escalação várias vezes” (O GLOBO, 08/07/2014, Copa 2014, p. 4). Contudo, a opção do treinador parece ser a de colocar três volantes na equipe para controlar as ações no meio-campo (setor mais forte da seleção alemã), opinião que também é a de PVC: “Fernandinho vai fechar um pouco mais o lado direito, e Paulinho e Luiz Gustavo vão jogar perto um do outro, para marcar Toni Kross e esperar a subida de Thomas Müller toda vez que sair da área” (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2014, Copa, p. D7).

Outro colunista de *O Globo*, Luis Fernando Verissimo deixa de lado aspectos táticos e técnicos para se lançar a uma crônica na qual imagina dois caminhos através dos quais o Brasil pode alcançar a vitória. O primeiro seria por meio da emoção, com o time entrando “em campo emocionado”, com a torcida cantando “a segunda parte do Hino (...) à capela”, com todos os membros do time brasileiro jogando “pelo Neymar”[73]. Já a hipótese de número dois é o time alemão jogar com um sentimento de constrangimento, pois “não tem culpa pelo que aconteceu a Neymar, mas quer evitar que algo parecido aconteça de novo. Em respeito à dor brasileira, jogam não como os alemães grandes, duros e impiedosos que são, mas como moças, simpáticas e solícitas” (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2014, Copa, p. D12).

Como podemos ver, o otimismo e a esperança da imprensa brasileira estão em alta antes do confronto com a Alemanha. A possibilidade de vitória é levada a sério, e a possibilidade de uma derrota vexatória só é considerada de forma secundária e rápida.

[73] Antes da partida entre Brasil e Alemanha, no momento da execução dos hinos nacionais, os jogadores da seleção brasileira exibiram uma camisa de Neymar, que desfalcava a equipe após sofrer uma lesão nas costas. A intenção dos atletas parecia ser a de homenagear o atacante, por quem afirmavam estar jogando naquela oportunidade. Mais informações sobre este episódio podem ser encontradas em: *Seleção faz homenagem a Neymar ao entrar em campo contra Alemanha*. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/esportes/copa/2014/07/selecao-faz-homenagem-a-neymar-ao-entrar-em-campo-contra-alemanha>. Acesso em: 11 mai. 2016.

4 **NARRATIVAS EM TORNO DO 7 A 1**

O objetivo aqui é analisar as narrativas elaboradas pela imprensa após a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa de 2014[74], dando especial destaque para as memórias acionadas nesta oportunidade. O primeiro passo é destacar as narrativas da imprensa brasileira que de certa forma localizam este revés na história da seleção brasileira[75]. Em sua capa na edição de 9 de julho, um dia após o jogo, *O Globo* qualifica este episódio na sua manchete como "vergonha[76], vexame, humilhação" (O GLOBO, 09/07/2014, p. 1). Já no subtítulo desta manchete a publicação localiza este evento da seguinte forma: "Seleção sofre em casa a maior derrota de sua história".

Na mesma publicação, já na sua chamada de capa, o jornal faz as seguintes considerações sobre este evento: "A seleção brasileira viveu ontem o pior vexame de seus cem anos de história. A derrota para a Alemanha por 7 a 1, no Mineirão, foi a mais humilhante desde 21 de julho de 1914, quando jogou pela primeira vez".

Na capa do caderno especial da Copa de 2014 *O Globo* mantém o mesmo tom. Os editores da publicação afirmam, de forma irônica, que a equipe brasileira "fez história", pois sofreu: "A pior derrota em 100 anos; O mais duro revés de um anfitrião de Mundial; A maior goleada em uma semifinal; O fracasso mais contundente de uma campeã" (O GLOBO, 09/07/2014, Copa 2014, p. 1).

A edição de a *Folha de São Paulo* de 9 de julho tem narrativas que seguem na mesma direção[77]. A manchete de capa define o evento da seguinte forma:

---

[74] Brinati (2015, p, 105) afirma que após a derrota do Brasil na Copa de 1950 é possível identificar três sentidos nas narrativas da imprensa brasileira: "1) o de buscar explicações para a derrota; 2) atribuir à seleção a imagem de 'melhores do mundo', mesmo sem o título; 3) e o de criticar/ressaltar um estilo brasileira de se jogar futebol". É curioso perceber que alguns destes sentidos também aparecem após a derrota na Copa de 2014.

[75] Um trabalho muito interessante sobre as narrativas da imprensa sobre o 7 a 1 é desenvolvido pelo pesquisador Elcio Loureiro Cornelsen. CORNELSEN (2015) é uma análise das narrativas da imprensa alemã sobre o episódio.

[76] Segundo Costa (2008), a ideia de que "o insucesso da seleção passou a ser compreendido como sinônimo de vergonha" começa a circular após a derrota de 50. A pesquisadora diz que "a partir de 1950, as derrotas serão investidas de um imenso poder desagregador e narrá-las quase sempre implicará em trazer à tona uma série de aspectos conflituosos como, por exemplo, brigas internas, desordem administrativa, incompetência técnica ou tática" (COSTA, 2008, p. 35).

[77] Nesta edição o jornal paulista publica a informação de que na Copa de 1950 o "Brasil fez 7 a 1 na Suécia na 1º final". Uma informação curiosa e com um teor irônico após o revés de 7 a 1 para os

“Seleção sofre a pior derrota da história” (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, p. 1). Ainda na capa, mas na chamada, esta publicação afirma que o Brasil perde novamente a chance de ser campeão em casa: “Pela segunda vez, o Brasil perdeu a chance de tornar-se campeão mundial de futebol em seu país. Se em 1950 o 2 a 1 para o Uruguai teve contornos trágicos, a eliminação de 2014 foi marcada pela humilhação”. Além disso, define esta como a pior derrota da seleção brasileira: “A seleção conheceu a maior derrota de sua trajetória centenária e o pior revés de um anfitrião de Mundiais”.

A partir destas leituras é possível perceber que as duas publicações desejam imobilizar a goleada de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil como a maior derrota da seleção brasileira em sua história. Para defender esta versão os jornalistas fazem uso de lembranças, pois mencionam a marca de 100 anos de história da seleção brasileira, alcançada no dia 21 de julho, para apontarem este revés como o principal da trajetória do time brasileira.

Uma expressão usada de forma irônica por *O Globo* e que deve ser avaliada com atenção é a de que o Brasil “fez história”. Esta expressão comumente usada em matérias jornalísticas quando se deseja destacar que um atleta alcançou um feito notável aparece aqui como a indicação de que este episódio se tornará uma lembrança recorrente quando se falar da participação da seleção brasileira na Copa de 2014.

Por fim também é importante salientar que, ao tentar localizar este episódio na história da seleção, a imprensa esportiva se vale de vários indicadores da equipe, como a de que este foi o pior revés de um anfitrião de Copa, que foi a maior goleada de uma semifinal de Mundial e que esta foi a derrotada mais contundente de uma campeã que já conquistou um título mundial.

4.1 **Um novo Maracanazo[78]?**

Uma das lembranças mais ativadas após a derrota do Brasil para a Alemanha

---

alemães (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, p. D7).

[78] Maracanazo é um termo usado em referência à derrota de 2 a 1 do Brasil para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950, partida que definiu o campeão da competição, a seleção uruguaia. O jogo aconteceu no estádio do Maracanã em 16 de julho de 1950.

foi a da derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950[79]. Durante as narrativas da imprensa brasileira após a derrota na Copa de 2014 vários foram os usos de memórias relacionadas ao revés da seleção brasileira no primeiro Mundial realizado em sua casa.

Na *Folha de São Paulo* esta lembrança aparece logo na capa da edição do dia 9 de julho. Segundo o periódico, a derrota para a Alemanha fez o Brasil reviver o "trauma de 1950 como anfitrião" (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, p. 1). Segundo o jornal, já em texto do caderno especial sobre a Copa do Mundo, com este revés o Brasil perdeu a chance de superar o que chamou de "vexame de 1950".

Porém é em *O Globo* que esta ideia aparece com maior força. Na capa do caderno especial sobre a Copa, no subtítulo, aparece, após inúmeras afirmações que tentavam definir a derrota para a Alemanha, a seguinte sentença: "Os jogadores de 1950 estão redimidos" (O GLOBO, 09/07/2014, Copa 2014, p. 1).

Com esta declaração, o jornal estabelece um caminho narrativo no qual se propõe a dar um novo significado à derrota de 1950, como fica evidente no texto, carregado de um tom emocional, sobre o jogo de 2014:

> O barulho do silêncio, que ecoou no Maracanã depois da derrota de 1950, soava inexplicável para quem não testemunhou aquela jornada, até que a explosão de gols da Alemanha trouxe um vazio apaziguador no Mineirão. Depois de quase sete décadas condenadas ao limbo, as almas dos vice-campeões se libertaram. Ao longo dos 90 minutos em que as ilusões do hexa se espatifaram contra o muro da realidade, a tragédia de 1950 se transformou definitivamente numa derrota honrosa (O GLOBO, 09/07/2014, Copa 2014, p. 4).

Em outra matéria, que deveria ser apenas de caráter informativo, aparece outra afirmação que sinaliza que a derrota de 2014 estaria mudando o status da derrota de 1950 e dos jogadores que participaram dela: "Barbosa[80], afinal, pode descansar em paz. O futebol brasileiro tem vexame maior para velar" (O GLOBO, 09/07/2014, Copa 2014, p. 6).

Essa ideia também marca presença em uma das colunas esportivas de *O*

---

[79] Segundo Leda Costa, somente após o revés do Brasil para o Uruguai na Copa de 1950 as derrotas da seleção alcançaram outro patamar. Até este mundial, "o fato de não sermos campeões parecia não nos incomodar tanto", mas após 50 as derrotas adquirem uma "força devastadora", e o Maracanazo se torna uma referência constantemente acionada pela imprensa (COSTA, 2008, p. 17).

[80] Este comentário faz menção ao goleiro da seleção brasileira na Copa de 1950, Barbosa, que é apontado como um dos principais responsáveis pela derrota do Brasil para o Uruguai na final da competição ao ter cometido falhas.

Globo, a que é assinada por Fernando Calazans. Segundo Calazans, o Brasil assistia no Mundial de 2014 à maior tragédia da história da seleção brasileira:

> O futebol brasileiro pentacampeão do mundo, os donos dos cinco títulos – jogadores, técnicos, torcedores de todas as épocas – não mereciam isso. Não mereciam saber disso, muito menos ver isso, presenciar isso, assistir a isso. Não mereciam passar por essa vergonha, essa tragédia – e, vou dizendo logo, uma tragédia maior, muito maior, do que a vivida no Maracanã, na Copa de 1950, quando perdemos o título para o Uruguai, por 2 a 1 (O GLOBO, 09/07/2014, Copa 2014, p. 2).

No entanto, esta chave interpretativa sobre a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa de 2014 como uma tragédia maior do que a derrota da seleção brasileira na final do Mundial de 1950 diante do Uruguai não é uma unanimidade em *O Globo*. No dia 10 de julho Renato Maurício Prado usa o espaço de sua coluna esportiva no jornal carioca para afirmar que não concorda com aqueles que afirmam que uma derrota pode “corrigir” outra:

> Eu queria entender o porquê de muita gente achar que a seleção de 50 foi redimida pelo vexame maior de agora. Por acaso, após o 7 a 1, viramos o jogo daquela Copa contra o Uruguai e levamos o caneco em casa? Desde quando um erro, por mais colossal que seja, corrige o outro, anterior? Acho isso uma tolice rematada e demagógica (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 4).

Contudo, as narrativas dos profissionais da imprensa esportiva não se limitaram a apenas noticiar o episódio. Nos textos é possível perceber que os jornalistas buscam oferecer ao público narrativas através das quais se possa buscar explicações para esta derrota.

4.2 **Buscando explicações para a derrota**

Diante de uma derrota tão dramática, foram inúmeras as tentativas feitas pela imprensa para buscar uma explicação para este episódio. É necessário salientar que estas explicações, de certa forma, pautam o discurso da imprensa sobre a seleção brasileira.

Nas edições dos jornais no dia posterior à derrota as tentativas de explicação

para a derrota não apareceram com muita força[81]. Contudo, dois dias após a goleada, a imprensa iniciou uma busca por explicações para o revés[82].

O primeiro diagnóstico feito nos textos dos jornalistas observados foi o de que o futebol brasileiro vive um momento de atraso frente ao futebol desenvolvido em outros países. Esta ideia aparece, por exemplo, na coluna de Fernando Calazans na edição de *O Globo* do dia 10 de julho: “O Brasil pode voltar a brilhar no futebol, pode retomar o lugar de ponta que já ocupou há anos (...). Só que (...) é preciso reconhecer como caiu nesse século, reconhecer como está atrasado, equivocado, em relação às forças atuais” (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 2).

Também em *O Globo* o ex-jogador Paulo Cezar Caju[83], que na Copa passou a fazer parte do time de articulistas da publicação carioca, afirma que o futebol brasileiro precisa mudar o rumo para voltar ao protagonismo no âmbito mundial: “Precisamos começar do zero (...), investir na base, manter nossos talentos, afastar os cartolas oportunistas e contratar pilotos que não desapareçam nos momentos críticos, (...) e façam as outras seleções engolirem nossa fumaça” (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 11).

---

[81] Uma possibilidade de explicação deste fenômeno é o fato de o jogo ter acontecido no final da tarde, início da noite, horário no qual os jornais impressos já estão no processo de fechamento. Diante de um fato tão inesperado, como a derrota de goleada do Brasil para a Alemanha, os primeiros textos publicados acabaram se concentrando em relatar este evento, tentando compreender o lugar do mesmo na história da seleção brasileira.

[82] Um evento que parece ter fomentado estas avaliações foi a coletiva que o técnico da seleção brasileira, Luiz Felipe Scolari, concedeu, junto com outros membros da comissão técnica da equipe brasileira, um dia após a derrota. Nesta oportunidade o treinador e seus companheiros adotaram uma postura combativa em relação a seus críticos. Para justificar seu posicionamento na entrevista, que consistiu basicamente em defender o seu trabalho e o de seus companheiros de comissão técnica, Scolari apresentou uma série de dados sobre a preparação do Brasil para a disputa da Copa. O objetivo era defender a tese de que a causa da derrota do Brasil para a Alemanha foram “seis minutos de pane geral”, e não uma preparação inadequada. Matéria sobre a entrevista: *Felipão diz que não mudaria nada na seleção e valoriza fato de ter chegado à semifinal - ‘O trabalho não foi de todo ruim, foram seis minutos de pane geral’, argumenta*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/felipao-diz-que-nao-mudaria-nada-na-selecao-valoriza-fato-de-ter-chegado-semifinal-13195738>. Acesso em: 2 dez. 2014.

[83] Paulo Cézar Lima é um ex-jogador mais conhecido como Paulo Cézar Caju. Pela seleção brasileira ele conquistou a Copa de 1970. Durante a Copa de 2014 ele foi convidado por *O Globo* para escrever uma coluna. Em seus textos ele assume uma posição crítica diante da atual seleção brasileira. Desta forma ele simboliza uma postura adotada por alguns ex-jogadores da seleção brasileira, o de críticos ferrenhos do atual time do Brasil. Esta crítica parece se basear no fato de estes ex-jogadores se colocarem na posição de guardiões, ou detentores, de um capital que os atuais jogadores brasileiros não possuiriam, o futebol arte. Mostaro (2014) relata o mesmo fenômeno em declaração de outro integrante do time de 1970, o ex-zagueiro Brito, em narrativas da imprensa brasileira sobre a seleção brasileira de 1994: “Surgem vozes que comparam este time com o de 70, ressaltando a superioridade do time tricampeão. Tal fato destaca nossa argumentação de que esta seleção se tornou referência na imprensa quando se pretende definir o que seria o verdadeiro futebol nacional” (MOSTARO, 2014, p. 161).

Outra explicação para a derrota que aparece nas narrativas da imprensa brasileira é a de que a seleção brasileira teria deixado de lado o seu suposto estilo de jogo tradicional, estilo este que seria a chave para a vitória em edições anteriores da Copa do Mundo.

Esta ideia aparece, por exemplo, em artigo publicado no dia 10 de julho em *O Globo* pelo ex-jogador Zico. Segundo o ex-jogador, "a seleção brasileira não fez nenhuma atuação à altura do que se espera do Brasil" (O GLOBO, 10/07/2014, Copa 2014, p. 6). Para Zico, "futebol é espetáculo, é se deliciar com a beleza do jogo, claro que sem perder a seriedade e o profissionalismo".

Na edição da *Folha de São Paulo* de 11 de julho outro ex-jogador com passagem pela seleção segue a argumentação de Zico. Em sua coluna, Tostão afirma que o técnico "Felipão é o responsável pela seleção, mas não é o criador do nosso atual e medíocre estilo de jogar" (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, Copa 2014, p. D7). O ex-jogador diz também que "desaprendemos a jogar coletivamente[84]. Para Felipão (...), trocar passes no meio-campo é frescura, um jogo bonitinho, improdutivo. O futebol brasileiro vive de correria, de estocadas e de jogadas aéreas (...) Queremos mais que isso".

Quem também levanta a bandeira de que é necessário o resgate do estilo de jogo da seleção brasileira é o colunista Fernando Calazans, em texto publicado no jornal *O Globo* de 11 de julho no qual afirma que as "divisões de base romperam com as caraterísticas mais importantes do futebol brasileiro: O passe, a troca de passes, o jogo coletivo, a habilidade com a bola, a criatividade – a arte" (O GLOBO, 11/07/2014, Copa 2014, p. 2).

Outra explicação para a goleada de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil, e que já aparece na última narrativa apresentada, é a de que existe uma falha no trabalho nas divisões de base brasileiras. Segundo o colunista Renato Maurício Prado, na

[84] É curioso perceber que não há uma uniformidade de opiniões na imprensa esportiva quando se fala do melhor estilo de jogo a ser adotado pela seleção. Enquanto alguns defendem o estilo chamado de futebol arte - que teria elementos como a ginga, a beleza e o drible -, outros jornalistas afirmam que o melhor caminho é o do jogo coletivo. Em pesquisa sobre a relação do futebol e da identidade nacional em textos de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, Fátima Antunes afirma que esta falta de uniformidade de opiniões sobre o melhor estilo de jogo para a seleção brasileira é debate antigo. Segundo ela, após a derrota de 1950 o jornalista Mário Filho afirma que o "pecado original do futebol brasileiro (...) era o individualismo excessivo dos jogadores e técnicos". A solução estaria "na valorização da equipe (...) em vez de jogar para o público, o jogador deveria colocar a sua habilidade e genialidade a serviço do time. O cronista é categórico: para alcançar esse estágio, o brasileiro teria que contrariar a tendência ao individualismo e ao brilho pessoal" (ANTUNES, 2004, p. 173).

edição de *O Globo* de 11 de julho, “quem quiser entender onde nascem os problemas do nosso futebol deve prestar atenção nos jogos das divisões de base (...), muitos dos defeitos e mazelas que ajudam a acabar com o genuíno futebol brasileiro começam na infância” (O GLOBO, 11/07/2014, Copa 2014, p. 4).

Além disso, há o argumento de que esta derrota foi ocasionada pela falta de renovação dos técnicos brasileiros, o que tornaria necessário um maior intercâmbio com técnicos estrangeiros, e quem sabe a presença de um deles no comando da equipe do Brasil. Paulo Vinícius Coelho apresenta esta possibilidade, em sua coluna publicada na edição de 10 de julho da *Folha de São Paulo*, ao comentar a explicação dada pelo técnico Luiz Felipe Scolari para a goleada sofrida pelo Brasil, um apagão[85]:

> É preciso criar um fato novo! Ir à procura de Pep Guardiola ou de alguém com experiência na Europa. Alguma coisa precisa acontecer (...) Felipão e Parreira voltaram a falar em pane nos seis minutos com quatro gols sofridos. Ah, se não fosse o apagão! Talvez a derrota fosse menos cruel: 3x1 para a Alemanha, quem sabe... Eliminação do mesmo jeito. O apagão teve causas táticas, sumiço da posse de bola, e emocionais, ausência das referências (FOLHA DE SÃO PAULO, 10/07/2014, Copa 2014, p. D5).

Em *O Globo* de 11 de julho o colunista Fernando Calazans também chega a comentar a possibilidade da contratação de um técnico pela seleção brasileira: “É claro que voltou à tona a discussão sobre a chegada de um técnico estrangeiro para a nossa seleção, medida até então inconcebível e indesejável para os cartolas de nossas entidades” (O GLOBO, 11/07/2014, Copa 2014, p. 2). Porém, ele afirma que esta é apenas uma parte da explicação do problema enfrentado pela equipe brasileira, o que demandaria uma solução mais ampla: “Não sou contrário à importação de treinadores. Mas, para mim, não é a solução, talvez pudesse fazer parte dela”.

[85] Souto (2002) afirma que uma das primeiras explicações dadas pela imprensa para a derrota para o Uruguai em 1950 também era de natureza coletiva, como o apagão de 2014. Segundo o pesquisador, “a primeira reação dos jornais, antes mesmo de individualizar culpas”, foi atribuir a derrota “à suposta ‘falta de fibra’ do time” (SOUTO, 2002, p. 104).

4.3 **Modelo Alemanha**

Na busca de respostas para o revés brasileiro, além da sugestão da contratação de um treinador estrangeiro, um fenômeno no mínimo interessante pode ser encontrado nas narrativas da imprensa: A Alemanha começa a ser apontada como modelo a ser seguido pelo futebol brasileiro caso queira voltar a trilhar o caminho das vitórias. Modelo tanto de organização de seleção, de campeonato nacional e de estilo de jogo.

Esta ideia já aparece no dia da partida entre Brasil e Alemanha. Com o título, “eu sou você amanhã”, *O Globo* publica reportagem na qual descreve o desenvolvimento experimentado pelo futebol alemão após a disputa da Copa de 2006, que foi disputada no país europeu.

O autor da matéria afirma que a Alemanha, mesmo sendo adversária do Brasil naquela oportunidade, deveria ser “referência de que a organização de uma Copa não deve ser encarada como um fim em si mesmo”. Segundo o texto, o terceiro lugar alcançado pelo time europeu no Mundial de 2006 “consolidou o processo de renovação do futebol alemão que amadureceu com a geração em busca de seu primeiro título” (O GLOBO, 08/07/2014, Copa 2014, p. 8).

Entre as ações realizadas neste processo de renovação estava o “investimento em recursos humanos”, o que modificou o processo de “formação dos jogadores, nos métodos de treinamento e no estilo de jogo, que não depende mais dos passes longos e da força dos atacantes de área”, desta forma, segundo a reportagem, a seleção alemã colhia os frutos de um trabalho de longo prazo (O GLOBO, 08/07/2014, Copa 2014, p. 8).

Um dia depois, já após a goleada de 7 a 1, a publicação carioca volta a ter uma reportagem que segue o mesmo caminho da do dia anterior. O mote volta a ser a ideia de que o Brasil pode aprender com a Alemanha para “dar a volta por cima e reestruturar seu futebol”. Nesta oportunidade, além da organização, do trabalho de formação de novos talentos e da mudança do estilo de jogo, a reportagem fala do benefício de a seleção alemã contar com o entrosamento trazido pelos jogadores que atuam no futebol alemão – sendo seis dos titulares na goleada sobre a seleção brasileira oriundos do Bayern de Munique –, do fortalecimento do campeonato local e a abertura da equipe europeia para imigrantes e seus filhos, como “o volante

Khedira, filho de um tunisiano, e o zagueiro Boateng, cujo pai é ganês" (O GLOBO, 09/07/2014, Copa 2014, p. 14). Em anos anteriores, seria impensável um jornalista brasileiro sugerir que o Brasil deveria ter como inspiração um país que tomou estas iniciativas.

Em coluna publicada na *Folha de São Paulo* o jornalista Paulo Vinícius Coelho segue a mesma trilha. Contudo, ele propõe a realização de um trabalho para fortalecer o Campeonato Brasileiro tendo como inspiração o Campeonato Alemão: "Há dez anos, o Campeonato Alemão tinha 33 mil pessoas de média de público. Hoje, são 45 mil por jogo, festa em todos os estádios e trabalho estruturado para a seleção ser forte. Só três dos 23 convocados jogam no exterior" (FOLHA DE SÃO PAULO, 11/07/2014, Copa 2014, p. D5).

A publicação paulista continua investindo no Modelo Alemanha. Em matéria publicada um dia antes da final da Copa entre os europeus com a Argentina, o destaque vai para o "Programa de Desenvolvimento de Talentos" promovido pela Federação Alemã de Futebol. O texto relata como se deu o estabelecimento deste programa, que foi implantado em 2002, e "por meio do qual foram revelados craques da atual seleção principal, como o atacante Müller, o goleiro Neuer e o volante Schweinsteiger" (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/07/2014, Copa 2014, p. D9).

No dia da decisão do Mundial, *O Globo* volta ao assunto com uma reportagem com um título que indica que está em curso uma mudança nas relações de identidade no universo do futebol: "Identidade forjada pelo esporte. País do futebol. Lembrado como 'lenda de verão', Mundial de 2006 transformou os alemães num povo mais alegre e menos formal, além de dar um novo sentido ao patriotismo, dissociado do nazismo". Com esta afirmação, o diário carioca vai além da apresentação dos motivos que levaram a seleção alemã ao sucesso, e diz que o futebol passa a ser um elemento de identidade para o povo da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, citando até o filósofo Gunter Gebauer, da Universidade Livre de Berlim, para corroborar esta ideia: "Com esse novo futebol, que é mais resultado do preparo e da inteligência do treinador do que da pura força física, a seleção tornou-se parte da consciência coletiva do povo" (O GLOBO, 13/07/2014, Copa 2014, p. 9).

Essa mudança de percepção sobre o futebol alemão também aparece em matéria da *Folha de São Paulo* publicada no dia da decisão. O título do texto já evidencia que o jogo entre Alemanha e Argentina é um confronto de estilos: "Garra x

Arte. Alemanha tenta seu quarto título com futebol ofensivo contra uma Argentina na defesa". Ao contrário de Copas anteriores, nas quais os europeus seriam vinculados a um futebol de força e eficiência defensiva, são os sul-americanos que ocupam esta posição, enquanto seus adversários "buscam algo inédito: Uma taça com futebol bonito e sendo favoritos". Neste novo arranjo de identidades no universo do futebol, o texto diz que "a Alemanha chegou para ganhar o mundo com o toque de bola entre Kroos, Müller e Khedira" (FOLHA DE SÃO PAULO, 13/07/2014, Copa 2014, p. D7).

Chega então a decisão da Copa, com vitória do time alemão por 1 a 0 em partida realizada no Maracanã. Diante deste resultado, a imprensa se rende finalmente ao que chamamos de Modelo Alemanha, que se contrapõe ao futebol defensivo da finalista Argentina e à frustrante seleção brasileira, que novamente fracassou em um Mundial disputado em casa.

Em sua coluna, Tostão relembra a história do time alemão, "que começou a se formar em 2006", mas que esperou a Copa para ser campeão, enquanto "no Brasil, por causa do marketing espetaculoso, da indústria do entretenimento e da prepotência as coisas aconteceram antes dos fatos", a seleção conquistou a Copa das Confederações em 2013, mas ficou sem a tão desejada Copa do Mundo em 2014: "A turma do oba-oba, por desconhecimento e/ou por otimismo exacerbado e/ou para aumentar a audiência, foi cúmplice dessa mentira" (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/07/2014, Copa 2014, p. D4).

Já Juca Kfouri prefere elogiar o que ele chama de "exemplo de racionalidade em busca da excelência" da Alemanha, que também é um exemplo com um futebol que sustenta a si mesmo fora de campo "com clubes que vivem dentro de seus orçamentos e investem nas categorias de base e com média de público de mais de 45 mil torcedores por jogo". Além disso, "com coragem para apostar num técnico jovem que batalha por um futebol não só vencedor como bem jogado" (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/07/2014, Copa 2014, p. D8).

Para coroar esta defesa do que chamamos aqui de Modelo Alemanha, a Folha de São Paulo publica um texto do ex-jogador Franz Beckenbauer[86], no qual

[86] Franz Beckenbauer é considerado o maior nome do futebol alemão. Pela seleção de seu país conquistou uma Copa do Mundo como jogador, em 1974, e outra como treinador, em 1990. Além disso, foi figura importante no processo de transformação do Bayern de Munique em uma das maiores equipes do futebol mundial, ajudando na conquista de títulos nacionais e internacionais. Tinha como principais características o futebol refinado e a liderança que o levou a ficar conhecido como Kaiser (imperador, em alemão). Mais informações sobre Beckenbauer podem ser encontradas na reportagem: *Ídolo na Alemanha, Franz Beckenbauer completa 70 anos*. Disponível em:

ele afirma que o sucesso da seleção de seu país não é fruto da atuação de “um único superastro”, dinâmica tão presente no Brasil, mas “é um grande exemplo de como uma grande equipe se desenvolve”. Ele então narra que “depois de terminar as Copas do Mundo de 2006 e 2010 em terceiro lugar, a equipe passou por constante sintonia fina e foi melhorando passo a passo. E agora, com um jogo de equipe perfeito, os alemães conquistaram o título tão esperado” (FOLHA DE SÃO PAULO, 07/07/2014, Copa 2014, p. D7).

4.4 **Orgulho da organização da Copa e crise na seleção**

Como já visto anteriormente, a derrota do Brasil para a Alemanha por 7 a 1 levou a uma série de mudanças nas narrativas da imprensa sobre a Copa de 2014[87]. Porém, a mudança mais evidente após o revés brasileiro parece ser a que trata da percepção da imprensa sobre a organização da Copa. Se antes havia críticas e temor em relação à organização da competição, após o decorrer de alguns jogos acontece uma mudança das narrativas da imprensa sobre o Mundial.

Apesar de esta mudança ser mais evidente após a derrota brasileira para os alemães, e o consequente aumento das críticas à equipe, à medida que a competição avança é possível perceber narrativas da imprensa elogiando alguns aspectos do Mundial.

Por exemplo, um dia antes do fatídico jogo entre brasileiros e alemães, *O Globo* publica uma matéria na qual afirma que a Copa de 2014 alcança a segunda melhor média de público da história dos mundiais: “Copa-2014 já supera a da Alemanha e só ficará atrás da de 1994, nos EUA, que permanece na liderança histórica” (O GLOBO, 07/07/2014, Copa 2014, p. 8). Apesar de esta não ser uma matéria que aborde diretamente o quesito organização, mostra que em termos de presença de público, um indicador muito importante para se avaliar o sucesso de um

---

<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,idolo-da-alemanha--franz-beckenbauer-completa-70-anos,1760465>. Acesso em: 11 mai. 2016.

[87] Essa hipótese de que há uma mudança nos rumos da narrativa da imprensa sobre a seleção também é defendida por Mostaro (2014). Em pesquisa na qual analisa as narrativas da imprensa brasileira na Copa de 2014, ele afirma que “enquanto a seleção vencia seus adversários, os supostos erros não surgem, ao passo que quando a vitória não acontece, chama-se a atenção para as deficiências” (MOSTARO, 2014, p. 159).

Mundial, a competição está sendo bem sucedida.

No mesmo dia, a Folha de São Paulo publica um texto de um de seus colunistas convidados no qual a ideia de que a organização da Copa de 2014 é um sucesso aparece. O empresário Abílio Diniz[88] afirma que, faltando apenas quatro jogos para o final do evento, a Copa é um sucesso que mostra a capacidade do brasileiro:

> O Mundial mostrou ao mundo todo e a nós mesmos que este é o Brasil e este é o brasileiro. Muitos duvidavam da nossa capacidade de promover um espetáculo tão vibrante e emocionante, que acabou se transformando num atestado ao mundo e a nós mesmos da nossa capacidade de organização e realização. Mais importante ainda, esta Copa deixa a lição de que o Brasil é maior do que seus próprios problemas (FOLHA DE SÃO PAULO, 07/07/2014, Copa 2014, p. D7).

No entanto, ao mesmo tempo em que elogia a organização da Copa, ele também afirma que as coisas estão um pouco mais complicadas quando se considera o futebol da seleção. Complicação esta que é fruto da insistência do técnico Luiz Felipe Scolari em não mudar o time brasileiro: “Vimos os mais variados esquemas de jogo (...) e temos que ter a humildade para observar e aprender. Espero que o Felipão ponha os jogadores certos nas posições certas e que, mesmo sem tempo para treinar, mude a forma de jogar” (FOLHA DE SÃO PAULO, 07/07/2014, Copa 2014, p. D7).

Contudo, como falado anteriormente, é após a derrota do Brasil para a Alemanha que esta ideia aparece com maior destaque, inclusive fora do espaço destinado ao noticiário esportivo. Em editorial[89] publicado um dia após o revés diante

---

[88] Em artigo sobre a presença de escritores na cobertura de jornais impressos durante o período de Mundiais de futebol, o professor José Carlos Marques propõe uma espécie de classificação de pessoas convidadas por jornais para escrever textos assinados no período de Copas do Mundo: Grupo I, formado por “repórteres, redatores e editores”; Grupo II, composto por “jornalistas esportivos que já assinam suas colunas nos cadernos esportivos mesmo em épocas que não englobam as Copas”; Grupo III, com “cronistas dos cadernos de Cultura e pelos escritores, todos conhecidos do grande público”; Grupo IV, formado por “jornalistas que não trabalham nos cadernos de esporte”; Grupo V, composto por “colunistas sociais”; Grupo VI, “formado pelos chargistas e colunistas de humor”; Grupo VII, “não engloba jornalistas nem profissionais da mídia impressa, mas personalidades da política, do esporte (...) ou do mundo artístico”; Grupo VIII, composto por “intelectuais, articulistas e escritores estrangeiros que escrevem artigos sobre futebol” (MARQUES, 2005, p. 61). Segundo esta classificação, Abílio Diniz estaria no Grupo VII.

[89] O editorial pode ser entendido como o espaço no qual uma publicação expõe seu posicionamento sobre um determinado assunto. Segundo o "Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo", o editorial é o "texto que expressa a opinião de um jornal". A versão eletrônica do "Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo" pode ser encontrado em: *Círculo Folha*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm>. Acesso em: 12 mai. 2016.

dos alemães, a *Folha de São Paulo* afirma que a “derrota brutal da seleção brasileira diante da Alemanha talvez possa representar o fim de uma era dentro e fora do futebol”, o final da relação de identidade entre seleção e nação brasileira, “o encerramento de uma época em que país e estádio, povo e torcida, governantes e técnicos, nação e seleção tendem a ser vistos como a mesma coisa”. A partir deste diagnóstico, a publicação conclui: “Talvez se possa dizer, a partir de agora, que o Brasil é maior que seu futebol – e que tem desafios mais importantes, e maiores, a vencer” (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/07/2014, Copa 2014, p. A2).

Chega então o dia do final da competição, e com ele a oportunidade de as publicações fazerem uma avaliação do Mundial. Em seu editorial *O Globo* diz que a seleção “não chegou ao hexa, e assim não pôde exorcizar 1950 no mesmo Maracanã da derrota histórica de há 64 anos”. Porém, a realização da Copa acabou superando as previsões negativas realizadas no início dela e “foi um sucesso naquilo que dependeu do futebol e do povo brasileiro, alegre, hospitaleiro, acostumado com a diversidade, fatores que cativaram os estrangeiros” (O GLOBO, 13/07/2014, Opinião, p. 12).

Mas, apesar de admitir o sucesso da competição, a publicação carioca prevê que as benesses provenientes da realização do evento são passageiras: “Criou-se, durante um mês, uma espécie de Brasil de fantasia: Segurança extrema, feriados, menos dias de trabalho. A Copa, indiscutivelmente foi um sucesso. Mas, a partir de amanhã, volta a dura realidade do cotidiano” (O GLOBO, 13/07/2014, Opinião, p. 12).

Também a Folha de São Paulo abre espaço em seu editorial para este assunto no dia da final da Copa. A percepção da publicação paulista é semelhante à do jornal carioca, a seleção fracassou, mas a Copa foi um sucesso:

> Com os reparos que sempre se podem fazer, não há dúvida de que a Copa foi bem-sucedida; ficará nos anais da história como uma das mais emocionantes e surpreendentes já realizadas. Embora tenha ficado entre os quatro melhores, a campanha da seleção brasileira deixou muito a desejar. Como admitiu o craque Neymar, em nenhum momento o Brasil teve em campo um desempenho à altura de suas glórias futebolísticas (FOLHA DE SÃO PAULO, 13/07/2014, Copa 2014, p. A2).

Além disso, o jornal paulista publica um artigo de um correspondente indiano que vive e trabalha no Brasil para publicações estrangeiras. Já no título de seu texto o jornalista Shobhan Saxena confirma a percepção positiva sobre o Mundial: “Quem

veio temendo ser assaltado, vai voltar levando boas recordações". Ele oferece ao leitor o ponto de vista do estrangeiro, que antes do início do evento temia pela realização da Copa, mas que, após o início da competição, ficou encantado com o que ele chama de "máquina bem lubrificada em que cada engrenagem estava funcionando à perfeição" (FOLHA DE SÃO PAULO, 13/07/2014, Copa 2014, p. A9).

Seguindo a mesma perspectiva, mas expressando uma percepção muito presente antes do início da Copa, Juca Kfouri publica um artigo um dia após o final da competição no qual faz um balanço da competição e diz que "acabou a Copa que se imaginava um vexame fora dos estádios e uma apoteose brasileira dentro, com a consagração do hexacampeonato". No entanto, aconteceu o contrário: "A seleção brasileira registrou seu maior fiasco em cem anos de história e (...) o Brasil, graças à simpatia popular e às suas belezas que encantam e cegam os estrangeiros, também ganhou". Desta forma, ele defende o sucesso do Mundial, mas com ressalvas, como o superfaturamento de obras, as novas arenas que então tinham grande potencial de se tornarem elefantes brancos e "prisões arbitrárias para evitar manifestações" (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/07/2014, Copa 2014, p. D8).

A última reportagem da *Folha de São Paulo* com uma narrativa de que a Copa de 2014 foi um sucesso recebe o maior destaque na capa da publicação dois dias após o final do evento. A matéria é elaborada a partir de uma pesquisa do instituto Datafolha feita com turistas estrangeiros de 60 países. Segundo a sondagem, 83% dos entrevistados aprovaram o Mundial, 82% sentira-se seguros e 95% gostaram da hospitalidade. Com estes números, o jornal tenta materializar, tornar palpável e mensurável, uma percepção que já circula pela imprensa brasileira, a de que a Copa foi um sucesso (FOLHA DE SÃO PAULO, 15/07/2014, Copa 2014, p. A1).

4.5 **Uma lembrança duradoura**

Retornando às narrativas sobre o 7 a 1, além de relatos sobre a derrota do Brasil para a Alemanha e de tentativas de explicação deste episódio, os jornalistas brasileiros expressaram a expectativa de que este revés seja uma lembrança que perdurará na história da seleção brasileira quando se falar da Copa de 2014.

No jornal *O Globo* de 9 de julho, Fernando Calazans afirma que “esse jogo, essa derrota, essa goleada histórica tem que ser guardada na memória, para marcar o início de uma era de total reformulação” (O GLOBO, 09/07/2014, Copa 2014, p. 2). O colunista retorna ao assunto um dia após o final da Copa do Mundo, 14 de julho, e faz a seguinte previsão: “Os 7 a 1 existiram e, pior, continuarão existindo por muito tempo” (O GLOBO, 14/07/2014, Copa 2014, p. 2).

Quem também expressa uma opinião neste sentido é outro colunista de *O Globo*, Luis Fernando Verissimo em coluna de 11 de julho: “No futuro, quando mentes mais frescas do que as nossas tentarem racionalizar o que houve, só conseguirão repetir nossa perplexidade, e assim será por todos os tempos. Alemanha 7, Brasil 1 não foi um jogo (...) é um pesadelo” (O GLOBO, 11/07/2014, Copa 2014, p. 12). Já em coluna de 13 de julho Verissimo vaticina: “Nunca houve um resultado tão esdrúxulo na história das Copas. E nós jamais o esqueceremos (...) sempre que pensarmos nessa Copa pensaremos no 7 a 1” (O GLOBO, 13/07/2014, Copa 2014, p. 12).

Um olhar sobre as narrativas da imprensa esportiva brasileira a partir do final da Copa de 2014 parece indicar que a partir de então o acionamento das memórias do 7 a 1 pode vir a se tornar uma constante nos textos sobre a seleção brasileira.

Um exemplo são os textos de alguns articulistas após a vitória de 4 a 0 do Brasil sobre o Japão em partida amistosa disputada em Cingapura no dia 14 de outubro. Fernando Calazans, em coluna publicada em *O Globo* em 15 de outubro, afirma:

> A depressão depois da derrota de 7 a 1 para a Alemanha, na Copa do Mundo, é absolutamente compreensível. A euforia depois da vitória de 4 a 0 no amistoso de ontem com o Japão, como já li e ouvi, é irresponsabilidade. Já temos gente considerando que a seleção brasileira está redimida da vergonha na Copa. Mas é assim o espírito do futebol brasileiro: Ou oito ou oitenta. Ou é uma maravilha ou é um horror (O GLOBO, 15/07/2014, Esportes, p. 31).

No mesmo dia, mas em a *Folha de São Paulo*, o colunista Tostão segue uma argumentação semelhante, criticando aqueles que tentam usar a vitória do Brasil sobre o Japão para apagar o mais rápido possível as memórias do 7 a 1:

> O 7 a 1 foi tão catastrófico que deveria ter também um período de luto. Poderia não ter jogos da seleção por uns 6 meses, as partidas do Brasileirão terem um minuto de silêncio, e as pessoas se vestiriam de luto,

> nos congressos, para estudar a tragédia, não por masoquismo ou gozação, mas para lembrar da importância do fato e da importância de se fazer algo. Acontece o inverso. Tentam, rapidamente, apagar o 7 a 1. Para isso, trouxeram Dunga, que já teve a mesma experiência, após o Mundial de 2006 (...) Evidentemente que o 7 a 1 foi um placar atípico, exagerado, e que a Alemanha não era o máximo dos máximos nem o Brasil o péssimo dos péssimos. Mas o resultado deixou uma grande mensagem simbólica, um grito de horror, um pedido desesperado de ajuda, que não deveria ser atendido por soluções dunguistas imediatas nem por grosserias. Merecia um luto, uma longa reflexão e discussão (FOLHA DE SÃO PAULO, 15/10/2014, Esporte, p. D3).

Estas falas são apenas um exemplo das narrativas encontradas nas matérias que têm sido publicadas sobre a seleção brasileira após o Mundial de 2014, sinalizando o desejo de mudanças de rumo, como também sinaliza matéria publicada em *O Globo* em 16 de outubro, dia em que se alcançou a marca de 100 dias após o 7 a 1. O título da reportagem em questão sinaliza o tipo de memória que tem perdurado na imprensa esportiva sobre este evento até então: “Alemanha 7 a 1 - Memória do Luto - Cem dias depois, futebol brasileiro tenta retomar a vida sem saber para onde vai o espírito de outrora” (O GLOBO, 16/10/2014, Esportes, p. 35).

4.6 **Um ano após o Mineiratzen**

Para se começar a avaliar as narrativas da imprensa brasileira sobre a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha que foram publicadas no primeiro “aniversário” do revés é necessário, em primeiro lugar, contextualizar o momento do futebol brasileiro no dia 8 de julho de 2015.

O primeiro passo é salientar que o selecionado brasileiro vivia naquele momento uma fase negativa, pois havia acabado de falhar na edição de 2015 da Copa América[90]. Outro fato importante, que se deu um dia antes do primeiro aniversário do Mineiratzen, foi a aprovação pela Câmara dos Deputados do texto da Medida Provisória do Futebol, que, entre outros pontos, refinancia as dívidas fiscais dos clubes de futebol com a União e que é vista então, por parte da crítica esportiva, como instrumento fundamental para a recuperação do futebol brasileiro.

[90] Na competição realizada no Chile, o Brasil cumpriu uma campanha abaixo da média, sendo eliminado nas quartas de final pelo Paraguai em jogo disputado no dia 27 de junho de 2015. O fato que parece mais ter chamado a atenção do público na campanha brasileira foi a expulsão do atacante Neymar em jogo contra a Colômbia na fase inicial do torneio.

Também merece ser mencionada a realização, no dia 6 de julho, do primeiro encontro do Conselho Estratégico de Desenvolvimento do Futebol Brasileiro, grupo formado pela CBF com o intuito de buscar caminhos para a recuperação do futebol brasileiro. Por fim, deve ser considerada a entrevista concedida pelo lateral Daniel Alves, um dos principais jogadores da seleção brasileira atual, na qual ele afirma que, um pouco antes da Copa de 2014, o técnico espanhol Pep Guardiola[91] havia se oferecido para treinar a seleção brasileira[92].

Com estes elementos postos, o olhar se volta agora para o jornal *Folha de São Paulo* de 8 de julho. Nesta edição, a publicação paulista apresenta em seu caderno de esportes uma série de reportagens sobre o 7 a 1. A primeira delas afirma ter o intuito de apresentar "os bastidores de uma tragédia" (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2014, Esporte, p. B7), para isto apresenta relatos de fontes que teriam acesso ao vestiário da equipe brasileira. Entre estes relatos se destaca um: "Relatos de quem frequentava o vestiário da seleção brasileira há mais de uma década dizem que nunca se viu um clima tão ruim e um silêncio mais latente do que o daquele dia", após a derrota para a Alemanha. Este relato serve para reforçar (enquadrar) a memória de que a derrota para a Alemanha foi uma tragédia.

Porém, são nos espaços destinados aos colunistas esportivos do jornal que se encontram as representações mais ricas sobre a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha.

Em texto de título "Um ano depois do vexame, está 10 a 1 para a Alemanha" (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2014, Esporte, p. B7) Juca Kfouri afirma que "parece que foi ontem" que a derrota para a Alemanha aconteceu, fato este, que, segundo ele, "jamais será esquecido", declaração que mostra a força desta memória. Com o intuito de dimensionar, localizar, enquadrar a memória desta derrota dentro da história do futebol brasileiro, o jornalista cita a derrota de 2 a 1 do Brasil para o Uruguai no Mundial de 50: "Não como o luto de 1950, mas como o vexame de 2014".

---

[91] O espanhol Pep Guardiola é considerado pela crítica esportiva como um dos principais técnicos do futebol atual. Mas, além disso, é um admirador declarado do futebol brasileiro, e visto, por parte da imprensa brasileira, como alguém capaz de levar a seleção do Brasil a seus melhores momentos novamente. Após o final da Copa de 2014, com a demissão do técnico Luiz Felipe Scolari, vários jornalistas pediram a contratação de Guardiola para o posto de técnico da seleção brasileira.

[92] Matéria sobre a entrevista: *Daniel Alves diz que Guardiola quis treinar a Seleção, mas não foi aceito - "Falaram que não sabiam se o Brasil iria aceitar", revela o lateral-direito, em entrevista*. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/07/daniel-alves-diz-que-guardiola-quis-treinar-selecao-mas-nao-foi-aceito.html>. Acesso em: 14 jul. 2015.

Contudo, um ano após este episódio, Kfouri faz um diagnóstico: “O que mudou de lá para cá? Nada!”. Na verdade os problemas do universo do futebol continuam os mesmos, e ele descreve um panorama que não é muito animador: “Aqui na terra estão jogando futebol (mal), exportando pé de obra a preços vis, os cuidados com a base são insignificantes, a presença de público nos estádios segue abaixo da liga dos EUA e o Paraguai segue eliminando o Brasil da Copa América”.

E, por conta de um panorama tão desanimador, é que o jornalista conclui, de forma irônica: Por enquanto, está 10 a 1 para a Alemanha.

A memória do 7 a 1 leva outro cronista esportivo da Folha a fazer uma avaliação crítica, Tostão. No texto de título “Um ano perdido” (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2015, Esporte, p. B10) ele conclui: “Passado um ano do vexame, o futebol brasileiro está no mesmo lugar, sem identidade, perdido”. Contudo, antes desta conclusão, ele critica os dirigentes do futebol brasileiro por não darem a importância devida a uma tragédia que ainda ecoa:

> Para assimilar, conviver bem e renascer após uma tragédia, sem esquecê-la, é necessário, durante um tempo variável, refletir, vivenciar, com tristeza, a perda, o luto. A CBF, com a maioria dos treinadores brasileiros, fez o contrário, ao negar, ao não dar importância ao 7 a 1, como se fosse apenas um apagão.

Quem opta por um caminho diferente é o jornalista Paulo Vinícius Coelho, o PVC (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/07/2015, Esporte, p. B8). Ele se propõe a apresentar a “autópsia de um vexame”[93]. O argumento central do texto é o de que é necessário fazer o diagnóstico exato de um mal para que se encontre a cura dele. No caso, o autor deseja apresentar o diagnóstico para o “maior vexame” da história do Brasil, e para o qual até hoje se busca a explicação.

O primeiro sintoma apresentado pelo jornalista é o de que, no decorrer da Copa, “era visível o abalo emocional da seleção, que jogava em casa 64 anos depois do Maracanazo. Ninguém queria ser vilão”. Segundo esta perspectiva, a memória do fracasso de 50 parecia se fazer presente e influenciar a performance da seleção de 2014, é o que afirmava PVC ao citar a seguinte declaração do ex-jogador Márcio Santos proferida após “o Brasil passar raspando pelo Chile, nas oitavas de

[93] Este título, “Autópsia de um vexame”, lembra muito o título do livro “Anatomia de uma derrota”, de autoria de Paulo Perdigão e que tem a intenção de realizar uma investigação para encontrar explicações para a derrota de 2 a 1 do Brasil para o Uruguai em partida válida pela Copa do Mundo de 1950.

final” da competição: “Está todo mundo com medo de ser Barbosa”.

O segundo sintoma apresentado no texto é “a incrível incapacidade de o futebol brasileiro fazer trabalhos de médio e longo prazo”. Enquanto a seleção brasileira que disputou a Copa de 2014 começou a ser montada apenas em janeiro de 2013, com a chegada de Felipão à equipe, o técnico da Alemanha campeã do mundo, Joachim Löw, começou seu trabalho oito anos antes.

Em terceiro lugar, PVC aponta como um das possíveis causas para a derrota brasileira para a Alemanha o fato de o Brasil ter “protagonistas jovens demais” na Copa de 2014 após o “fim precoce da geração de Kaká, Robinho, Ronaldinho Gaúcho e Adriano”, o que “criou um hiato entre os nascidos em 1982 e a geração de Neymar, de 1992”.

O quarto sintoma é o de que o Brasil desperdiça os talentos que revela. Um exemplo, segundo o jornalista, é que dos 43 jogadores que disputaram as três das últimas quatro finais de Mundiais sub-20 apenas 3 disputaram a última edição da Copa América pela seleção principal. Assim, o articulista diz: “Não é totalmente verdadeiro o argumento de que o Brasil não revela mais jogadores e por isso levou 7x1. É mais justo dizer que desperdiça”.

Após apresentar estes sintomas, PVC conclui com uma crítica a aqueles que buscam respostas fáceis: “O cardápio do vexame é composto por muitos detalhes, embora hoje seja muito mais simples dizer que os alemães eram os melhores do mundo e o Brasil um bando desorganizado”.

No mesmo dia, o jornal *O Globo* separa uma página inteira no seu caderno de esportes para recordar a derrota de 7 a 1 para a Alemanha na Copa de 2014. Porém, as publicações sobre esta partida não se limitaram a esta edição. Entre os dias 5 e 9 de julho este episódio foi alvo da atenção da publicação carioca, que, inclusive, criou uma retranca especial para estas matérias: “Alemanha 7 x 1 Brasil, um ano depois”[94].

Contudo, o presente trabalho vai se ater à matéria publicada no dia 8 de julho

[94] A primeira matéria da série, publicada no dia 5 de julho, se propõe a apresentar um perfil dos sete culpados (entre jogadores e membros da comissão técnica) pela derrota do Brasil para a Alemanha. A segunda matéria, publicada em 6 de julho, é uma entrevista com o coordenador técnico da seleção brasileira na Copa de 2014, Carlos Alberto Parreira. No dia 7 de julho, o jornal publica as memórias do técnico da seleção da Alemanha, Joachim Löw, sobre o jogo em questão. Por fim, no dia 9 de julho, *O Globo* publica uma matéria na qual expressa o temor de que, após constatar que a seleção não melhorou nada um ano após o 7 a 1, ela venha a enfrentar dificuldades nas Eliminatórias para a Copa de 2018, inclusive correndo o risco de ficar, pela primeira vez, fora de uma edição do Mundial.

com o sugestivo título: “7 pecados capitais, a cada gol da Alemanha, uma explicação para o maior vexame da história do futebol brasileiro” (O GLOBO, 08/07/2015, Esportes, p. 28).

Na introdução do texto, o autor diz que ouviu “ex-jogadores, técnicos, dirigentes, comentaristas esportivos, psicólogos e acadêmicos” com a intenção de apresentar formas de resgatar o futebol brasileiro dos sete pecados capitais:

> Transformar a gula, em fome de bola; a preguiça, na garra de correr em campo; a inveja, que sentimos de alemães, argentinos, chilenos e até paraguaios, em trabalho; a ira, no jogo limpo; a luxúria das festas mesmo após as derrotas, em comemorações por taças erguidas; a ganância por salários estratosféricos, na ambição de vencer em campo; a soberba de achar que somos os melhores do mundo, na humildade de que temos muito que aprender e evoluir (O GLOBO, 08/07/2015, Esportes, p. 28).

O primeiro dos sete pecados que devem ser tratados para que os brasileiros passem de “humilhados para novamente exaltados” no universo do futebol é a “carência nas divisões de base com exportação dos talentos”. Segundo o autor do texto, o jornalista Lauro Neto, no 7 a 1 o Brasil entrou em campo com apenas um titular que atuava em equipes brasileiras, o atacante Fred, enquanto, “do outro lado, a Alemanha tinha seis titulares do Bayern de Munique e apenas três de times de outros países”. Para referendar este ponto, o jornalista conta com uma declaração do ex-jogador Pepe, bicampeão mundial pelo Santos e que acompanhou o surgimento de Neymar. Pepe defende que a formação dos jovens jogadores da seleção deve acontecer no Brasil: “Jogar no exterior desde cedo influencia porque a mentalidade é outra. Antigamente vestíamos a camisa do Brasil e vibrávamos pensando em ganhar título. Hoje, se der azar na seleção, eles ficam marcados por 15 dias e depois voltam ao normal” (O GLOBO, 08/07/2015, Esportes, p. 28).

O segundo pecado apontado é a “falta de investimento em infraestrutura”, que se manifestaria na falta de centros de treinamento, em gramados péssimos, em estádios acanhados ou em arenas transformadas em elefantes brancos. Desta forma seria possível se afirmar que o Brasil não consegue ainda usufruir da “herança da Copa. Mesmo tendo sido gastos bilhões em estádios (...) o Brasil é apenas o 39º país de ocupação de estádios (...) enquanto isso, na Alemanha, o público subiu de 33 mil na temporada 2001/2002 para 45 mil na 2011/2012” (O GLOBO, 08/07/2015, Esportes, p. 28).

Em terceiro lugar é destacada a “corrupção e má gestão por parte dos

dirigentes". Para isto Lauro Neto cita os "escândalos envolvendo (ex-)dirigentes da CBF, que vieram à tona com as investigações do FBI sobre a Fifa". Segundo o jornalista, a "Lei de Gérson é aplicada dentro e fora das quatro linhas" no futebol brasileiro[95] (O GLOBO, 08/07/2015, Esportes, p. 28).

O quarto pecado indicado no texto é a "falta de renovação técnica e de treinadores". Esta falta de renovação pode ser atestada pela falta de "evolução do padrão tático e técnico", o que faz com que o Brasil fique "refém de talentos individuais como a 'Neymardependência'". Outro indício deste pecado, segundo o autor do texto, seria a "insistência na manutenção de treinadores como Dunga, com sua filosofia inspirada na força física", o que leva "à repetição constante dos mesmos erros". Aqui Lauro Neto aponta o técnico espanhol Pep Guardiola como um contraponto aos técnicos brasileiros, em especial a Dunga[96]. Para isto ele cita uma declaração do ex-jogador Pepe sobre o treinador:

> O Guardiola era um jogador sempre de cabeça em pé. Ele tinha uma admiração pelo futebol brasileiro. Certa vez, ele me disse que nunca tinha cabeceado uma bola porque a cabeça é pra pensar. É um técnico muito estudioso. Ele saía para outros países para observar os futuros adversários (O GLOBO, 08/07/2015, Esportes, p. 28).

Em quinto lugar, o texto afirma que o "calendário apertado e mal formulado" pode ser considerado outro male que aflige o futebol brasileiro: "Com partidas espremidas no meio e no fim da semana, a maratona afeta o desempenho não apenas dos clubes como da própria seleção brasileira" (O GLOBO, 08/07/2015, Esportes, p. 28).

O sexto pecado capital apresentado por Lauro Neto é o "despreparo para lidar com a fama e fortunas repentinas". Segundo ele, este descontrole e despreparo psicológico ficaram evidenciados "no choro e na possível fuga da responsabilidade do capitão Thiago Silva na Copa do Mundo e no destempero de Neymar na Copa América". A causa deste male seria o fato de que alguns jogadores "oriundos de

---

[95] Antunes (2004) afirma que esta é uma explicação antiga para os insucessos do futebol brasileiro. Segundo a pesquisadora, pouco antes da disputa da Copa de 1958, Nelson Rodrigues, Mário Filho e José Lins do Rego "identificavam a origem do insucesso do futebol brasileiro na falta de organização de suas instituições e dirigentes" (ANTUNES, 2004, p. 282).

[96] Aqui é importante evidenciar que Dunga ficou no imaginário da imprensa esportiva brasileira como um representante de um futebol baseado na força e na disciplina tática, elementos que não estão dentro do universo da escola brasileira, o futebol arte. A descrição de Pepe de Guardiola feita na reportagem faz com que o espanhol, mesmo sendo estrangeiro, esteja bem mais próximo do imaginário da escola brasileira do que Dunga.

classes baixas e desacostumados com todos os mimos da fama e das fortunas (...) têm comportamento muitas vezes de estrelas (de)cadentes” (O GLOBO, 08/07/2015, Esportes, p. 28).

O sétimo e último pecado capital apontado na matéria é a “baixa qualidade de educação e formação”. Para sustentar sua argumentação, Lauro Neto apresenta os seguintes dados, usando novamente a Alemanha como parâmetro:

> Enquanto a Alemanha investiu US$ 10.904,00 em média anual por aluno dos ensinos fundamental, médio e superior, de acordo com o relatório Panorama da Educação de 2014 da OCDE, o Brasil gastou apenas US$ 3.066,00, ficando na penúltima posição do ranking do estudo, à frente apenas da Indonésia (US$ 625,00) (O GLOBO, 08/07/2015, Esportes, p. 28).

Além disso, é citada uma declaração do sociólogo Ronaldo Helal, que afirma que a “escolaridade bastante deficitária” dos jogadores brasileiros deixa eles em desvantagem diante dos alemães: “Se compararmos o nível intelectual da seleção alemã, eles sempre vão ganhar de 7 a 1. O Brasil usava o futebol como meio de escape para acreditar que o primeiro mundo éramos nós. Não somos mais absolutos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final desse trabalho com a clara percepção de que a derrota do Brasil sobre a Alemanha por 7 a 1 pela semifinal da Copa de 2014 influencia de forma decisiva as narrativas da imprensa brasileira sobre a competição. É bem verdade que com o decorrer da competição as inúmeras micronarrativas que compõem a grande narrativa do evento sofrem pequenas variações com o decorrer do tempo. Contudo, percebe-se que para que aconteçam mudanças mais acentuadas nestes relatos é necessária a presença de fatos mais dramáticos, como é o caso do revés dos brasileiros para os alemães.

Exemplos desta mudança não faltam. A organização da competição, que era vista com desconfiança e recebia inúmeras críticas antes do início evento por causa de questões como atrasos de obras e a falta de segurança, chega ao final recebendo elogios, o que faz com que a Copa seja considerada um grande sucesso, seja pelos brasileiros ou por estrangeiros que ficam encantados com o país, com a alegria da população e com o desenvolvimento do Mundial.

Enquanto isso, a seleção brasileira, que chegava à Copa na condição de equipe favorita ao título, vê a avaliação sobre ela mudar completamente. Após as derrotas para Alemanha e Holanda, o Brasil passa a ser visto como um time em crise, que, segundo a imprensa, deveria buscar no exterior inspiração e caminhos para trilhar melhores caminhos no futuro. Desta forma, a confiança em uma seleção que conseguiu vencer a Copa das Confederações de 2013 derrotando na decisão a então campeã mundial Espanha se transforma em frustração e vergonha.

Já Neymar, que começa a Copa como candidato a herói da seleção, aquele que poderia levar o time à conquista do primeiro Mundial do Brasil em casa, vê a sua trajetória interrompida por um desafio que não consegue superar, a lesão nas costas. A partir daí já acontece uma mudança nas narrativas sobre o jogador. Se até então prevalecia o caráter positivo e de esperança, a partir de então o que predomina é a revolta, a frustração e a tristeza.

Ainda sobre o camisa dez da seleção brasileira é possível afirmar que acontece uma outra mudança nas narrativas sobre ele. Esta segunda mudança envolve a percepção sobre a maturidade do atacante. No início da competição Neymar era descrito como jovem e um pouco imaturo. Contudo, ao final da Copa,

após a derrota de 7 a 1 ele concede uma entrevista coletiva em que, segundo a imprensa, assume que a seleção foi culpada pela derrota para a Alemanha, jogo do qual não participou. A partir deste episódio, o entendimento de parte da imprensa é de que ele é um jogador corajoso, maduro e lúcido.

Outra grande mudança de trajetória também pôde ser observada nas narrativas sobre o técnico Felipão. Como visto anteriormente, antes da competição, por exemplo, a *Folha de São Paulo* chega a publicar o resultado de uma pesquisa indicando que ele contava com percentual altíssimo de confiança da torcida. Além disso, é elogiado por membros da crônica esportiva, especialmente após comandar o Brasil na campanha do título da Copa das Confederações de 2013. Porém, após a derrota de 7 a 1 ele começa a ter seu trabalho muito questionado. Com o final da Copa ele deixa o comando da seleção, e a percepção que prevalece na imprensa é de que é um técnico ultrapassado, que não serve mais para dirigir grandes times como a seleção brasileira.

Entre as mudanças vistas nas narrativas da imprensa brasileira após o revés para a Alemanha está a percepção sobre o estado emocional dos jogadores brasileiros. Se até o início da Copa a imprensa afirmava que a seleção tinha de lidar com emoções vistas como normais em qualquer Mundial, como a ansiedade da estreia, ou a irritação de um ou outro jogador, ao final do evento a equipe era vista como um time à beira de um ataque de nervos por não conseguir lidar com a pressão de lutar por um título tão desejado no Brasil. A impressão final foi a de que os jogadores brasileiros perderam para o seu próprio medo de falhar.

Outra mudança interessante nas narrativas se dá na percepção sobre a Alemanha. Se antes do jogo da semifinal ela era vista como um adversário que poderia, inclusive, ser batido pelo Brasil. Passa, após a goleada, a ser um modelo que deve ser copiado pelo futebol brasileiro, tanto fora como dentro de campo. Este tipo de posicionamento permite que se identifique uma espécie de crise de identidade no campo das narrativas da imprensa sobre o futebol brasileiro. Enquanto alguns jornalistas defendem um retorno a um estilo visto como “naturalmente brasileiro”, o futebol arte, outros passam a defender a busca por um estilo de jogo mais voltado para a esfera coletiva, além de novas alternativas na área da organização e gestão, mas tendo sempre o futebol europeu como referência.

A análise das narrativas da imprensa brasileira também permite que sejam observados os diversos usos de memórias da seleção brasileira em outras Copas.

Estas lembranças servem a vários propósitos. Podem ser lembranças que ajudam a definir a importância de um jogador (como no caso da citação de Zizinho, que é usada para mostrar a importância de Neymar para a atual seleção, e para posicioná-lo no rol de grandes nomes do futebol brasileiro), a criticar alguma atitude (como o atraso das obras da Arena de Itaquera, obras estas que são comparadas ao do Maracanã para a Copa de 1950) ou a ilustrar alguma situação vivida pela atual seleção (como o uso da citação do esquema tático adotado na Copa de 1950 para ajudar a pensar na armação da equipe que representou o Brasil na Copa de 2014).

Contudo, a memória mais acionada no decorrer da Copa de 2014 é a derrota para o Uruguai na decisão da Copa de 1950. E entre os usos desta lembrança o principal ocorre após o revés brasileiro diante da Alemanha, momento no qual o *Maracanazo* é acionado para reforçar a percepção de que a goleada para a Alemanha é a maior derrota e vexame da história da seleção brasileira.

Por fim, a observação destas narrativas permitiu que se testasse outra hipótese do trabalho no futuro, quando se fizer referência ao Mundial realizado no Brasil, a imprensa brasileira vai acionar preferencialmente uma das inúmeras versões usadas para tentar explicar a derrota de 7 a 1 para a Alemanha.

É bem verdade que em uma pesquisa desta natureza não cabem exercícios de futurologia. Contudo, a observação e análise das narrativas um ano após a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha permite que se afirme que a imprensa brasileira ainda insiste a citar este episódio em suas narrativas sobre o Mundial de 2014. Segundo estas narrativas, esta derrota é um dos sintomas de uma crise que afligiria o futebol brasileiro dentro e fora de campo. Uma crise que envolve elementos como a falta de organização do campeonato nacional, a gestão equivocada do futebol brasileiro, o estilo de jogo adotado pela seleção nacional e o processo de formação de novos jogadores. Nos textos publicados um ano após o 7 a 1 é possível perceber que, por mais que busque respostas, a imprensa afirma que solução desta crise ainda parece distante de chegar ao final.

No momento em que este texto é escrito, 4 de junho de 2016, dia da estreia do Brasil da Copa América Centenário, quase dois anos após o 7 a 1, as menções à este fatídico jogo continuam a aparecer nas narrativas da imprensa brasileira em matérias na qual a imprensa brasileira afirma que o Brasil não conta neste jogo com

nenhum jogador titular que participou do 7 a 1[97]. Mais uma demonstração da força desta memória.

Uma explicação para a insistência no acionamento desta memória pela imprensa pode estar no fato de ela ser ainda muito recente, e ter um caráter coletivo, pois o jogo entre Brasil e Alemanha foi fartamente veiculado pelos meios de comunicação, e ainda hoje são muitas as reportagens relembrando a partida. Assim, em momentos quando esta memória pode estar para entrar em uma dinâmica de esmaecimento, a simples citação realizada por um jornalista ou a veiculação de uma reportagem sobre a partida pode dar início a um movimento de reavivamento desta memória.

Outra possibilidade de explicação da insistência no acionamento desta memória pelos jornalistas pode estar na longa fase negativa protagonizada pela seleção brasileira após a Copa de 2014. Assim, o 7 a 1 fica sendo constantemente apontado como o sinal mais visível de uma crise que atingiria o futebol do Brasil.

Contudo, também é possível que o acionamento das memórias do 7 a 1 nas narrativas da imprensa brasileira sobre a seleção possam diminuir com o decorrer do tempo. Para que isto ocorra parece ser necessário que aconteçam novas conquistas de títulos pela seleção brasileira.

No entanto, como afirmou o professor Ronaldo Helal em encontros de orientação para a elaboração deste trabalho, parece que, para que haja uma superação definitiva deste episódio, seja necessário que o Brasil derrote a Alemanha por um placar tão elástico em uma nova semifinal, ou final, de Copa do Mundo disputada em solo brasileiro. Mas isto é história para outra pesquisa.

---

[97] Matéria sobre este episódio: *Em estreia na Copa América, seleção não terá nenhum titular do 7 a 1*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/06/1778174-em-estreia-na-copa-america-selecao-nao-tera-nenhum-titular-do-7-a-1.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2016.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria*: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

ARAÚJO, Bruno Bernardo. *A Narrativa Jornalística e a Construção do Real: Como as revistas Veja e Isto É trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo (USP)*. Coimbra, 2011. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>. Acesso em: 18 de mai. 2016.

BARROS, José D'Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço, *Mouseion*. Canoas, v. 3, n.5, p. 35-67, Janeiro/Julho 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECKER, Howard S. *Truques da escrita*. Zahar, 2015.

BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora, ou o Historiador da Memória (entrevista). *História Social*. Campinas, 1999, p. 13-33.

BRINATI, Francisco Ângelo. *Maracanazo e Mineiratzen: Imprensa e representação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014*. 2015. 247 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de janeiro, 2015.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da estória*: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CABO, Álvaro Vicente do. Memória e representações coletivas nas Copas do Mundo: um panorama teórico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA INTERCOM, 34., 2011, Recife. *Anais do 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Recife: Unicap, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br

/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1826-1.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2016.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.

Círculo Folha. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>. Acessado em 17/05/2016

COELHO, Frederico. *A semana sem fim: celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Anatomia de uma derrota avassaladora: O “Mineirazo” visto a partir da mídia alemã. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da INTERCOM3, 28., 2015, Rio de Janeiro. *Anais do 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1532-1.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2016.

COSTA, Leda Maria da. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*. 2008. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol, *Revista USP*. São Paulo, v. 22, p. 10-17, 1994.

_____. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA MATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

_____. (Org.). *Universo do futebol*: futebol e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 19-63, 2013, Julho/Dezembro 2013.

DA SILVA, Ana Paula. *Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2014.

DA SILVA, Marcelino Rodrigues. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/>. Acessado em 17/05/2016

ECO, Umberto. *Como escrever uma tese*. Lisboa: Presença, 1977.

ESTADÃO ESPORTES. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/>. Acessado em 17/05/2016

FARIAS, Airton de. *Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade*. Fortaleza: Armazém da Cultura, Volume II, 2014

FEATHERSTONE, Mike. Localismo, globalismo e identidade cultural. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 9-42, Janeiro/Junho 1996.

FLORÈS, César. *La memóire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972 apud LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Lisboa: Edições 70, 1982.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 7 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 8 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 10 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 11 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 12 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 13 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 22 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 24 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 28 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 29 de junho de 2014.
_____. São Paulo, 1 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 2 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 3 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 4 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 5 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 6 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 7 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 8 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 9 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 10 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 11 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 12 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 13 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 14 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 15 de julho de 2014.
_____. São Paulo, 15 de outubro de 2014.
_____. São Paulo, 16 de outubro de 2014.
_____. São Paulo, 8 de julho de 2015.

FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses*: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, Mary; DE MELO, Victor Andrade (Org.). *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 107-131.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 junho de 1938, p. 4.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. São Paulo: Vozes, 1972. p. 255 - 274.

GIL, Gilson. O drama do futebol-arte: o debate sobre a seleção nos anos 70. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 25, p. 100-109, Junho 1994.

Globoesporte.com. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com>. Acessado em 17/05/2016

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; DE MELO, Victor Andrade (Org.). *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 453 - 480.

GUEDES, Simoni Lahud; GASTALDO, Édison. *Nações em campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*. 2006.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Alceu – Revista de Comunicação, Cultura e Política*, PUC-RIO, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. Copas do Mundo: o que elas nos ensinam sobre o Brasil. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; (Org.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 7-12.

_____. Futebol: Mitos e Verdades (que nos ajudam a entender quem somos). I*nsight Inteligência*, Rio de Janeiro, v. 52, p. 68-81, 2011.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; SILVA, Carmelo. Pra frente Brasil! Comunicação

e identidade brasileira em Copas do Mundo. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. p. 189-210.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; SILVA, Carmelo. Salve a seleção! Mídia, identidade nacional e Copa das Confederações 2013. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; (Org.). *Copas do Mundo*: comunicação e identidade cultural no país do futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 275-303.

HELAL, Ronaldo et al. A construção de um ídolo futebolístico na imprensa: estudo de caso. *Revista Organicom*, v. 8, n. 15, 2012.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001 (2ª reimpressão, 2007).

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. Echoes of the tragedy: the sport memoir and the representation of the 1950 World Cup. *The International Journal of the History of Sport,* London, v. 31, n. 10, p. 1287-1302, 2014.

_____. Football, memory and heritage: the story of Djalma Santos. *Oral history journal of South Africa,* South Africa, v. 1, n. 1, p. 116-124, 2014.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Org.). *O esporte na imprensa: e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Org.). *Hooliganismo e Copa de 2014*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; SANTOS, João Manuel C. Malaia; DE TOLEDO, Luiz Henrique; DE MELO, Victor Andrade (Org.). *Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

HUYSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

JENNINGS, Andrew. *Brasil em jogo*: o que fica da Copa e das Olimpíadas? São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

LÉMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva. *Livro da XIV COMPÓS 2005: narrativas midiáticas contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Lisboa: Edições 70, 1982.

LISBOA, Fábio Aguiar. *Reflexões sobre o compromisso público da imprensa a partir de uma coletiva de Neymar no período da Copa do Mundo*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA INTERCOM, 37., 2014, Foz do Iguaçu. Anais do 37º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Foz do Iguaçu: UDC, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1955-1.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2016.

MARANHÃO, Tiago. “Apolíneos e dionisíacos” - o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”. *Análise Social*, Lisboa, n. 179, p. 435-450, 2006.

MARQUES, José Carlos. A literatura invade a grande área (a crônica durante as copas do mundo de futebol). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 2, p. 55-71, jan. 2005.

_____. Entre a ficção e a objetividade. Breve estudo sobre a crônica no jornalismo brasileiro durante a Copa do Mundo de Futebol de 2002. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 22, n. 2, p. 121-135, mai.-ago. 2012.

MASCARENHAS, Gilmar. Do campinho ao grande estádio: Lugares e expressões na cultura do futebol. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, v. 4, n. 1, 2007.

_____. *Entradas e bandeiras*: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MAUSS, M. 1974 [1923-24]. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *Sociologia e Antropologia*, v. 2. São Paulo: EDUSP.

MÁXIMO, João; DE CASTRO, Marcos. *Gigantes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. *Futebol, identidade nacional e consruções midiáticas*: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde. 2014. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de janeiro, 2014.

MEIO & MENSAGEM. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/>. Acessado em 17/05/2016

MEMÓRIA O GLOBO. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/>. Acessado em 17/05/2016

MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998. E-book.

NASCIMENTO, Cristiano; BARRETO, Túlio Velho. “Habitus” dos torcedores brasileiros e adoção do “padrão Fifa” nos estádios da Copa do Mundo de futebol 2014. *Estudos de Sociologia*, v. 2, n. 19, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NORA, Pierre et al. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

O Globo. Disponível em: http://oglobo.globo.com/. Acessado em 17/05/2016

O GLOBO. Rio de Janeiro, 8 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 9 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 10 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 11 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 12 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 13 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 16 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 17 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 18 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 19 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 22 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 23 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 24 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 25 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 28 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 29 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 30 de junho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 1 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 2 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 3 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 5 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 6 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 7 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 8 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 9 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 10 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 11 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 13 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 14 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 15 de julho de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 15 de outubro de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 2014.
_____. Rio de Janeiro, 5 de julho de 2015.
_____. Rio de Janeiro, 6 de julho de 2015.
_____. Rio de Janeiro, 7 de julho de 2015.
_____. Rio de Janeiro, 8 de julho de 2015.
_____. Rio de Janeiro, 9 de julho de 2015.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L&PM, 2000. E-book.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTAL DA COPA. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/>. Acessado em 17/05/2016

PORTAL 2014. Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/>. Acessado em 17/05/2016

R7 Esportes. Disponível em: <http://esportes.r7.com/>. Acessado em 17/05/2016

RESENDE, Fernando. *O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista*. In: LÉMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva. Livro da XIV COMPÓS 2005: narrativas midiáticas contemporâneas. Por Alegre: Sulina, 2006. p. 160-180.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org.). *Mídia, memória & celebridades*. Rio de Janeiro: E-papers, 2003. p. 189 - 205.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BRASILIENSE, Danielle Ramos. *Memória e narrativa jornalística*. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). Mídia e memória: a produção dos sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 219 - 235.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 2. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ROMANCINI, Richard. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 23 - 47.

ROUSSO, Henry. *Vichy, le grand fossé*. Vingtième Siècle. v. 5, n. 5, p. 55-80, 1985.

SANTORO, Marco Antônio. *A memória da Copa de 1970: Esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. 2005. 222 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Irlan Simões. *O futuro da torcida: midiatização, mercantilização do futebol*

e resistência torcedora. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA INTERCOM, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais do 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1020-1.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2016.

SANTOS, Mariângela Ribeiro dos. *O futebol na agenda do governo Lula : um salto de modernização (conservadora) rumo a Copa do Mundo FIFA 2014*. 2011. 220 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A construção da Nação Canarinho*: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 25, n. 1, Setembro 2003.

SODRE, Muniz. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Vozes, 1981.

SOUTO, Sérgio Montero. Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na Copa de 2002. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). *Mídia e memória*: a produção dos sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 297 - 317.

_____. *Imprensa e memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa*. 2002. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

SPORTV. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/>. Acessado em 17/05/2016

TERCEIRO TEMPO. Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/>. Acessado em 17/05/2016

TRAQUINA, N. 2004. *Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005.

TV iG. Disponível em: <http://tvig.ig.com.br/>. Acessado em 17/05/2016

UOL Copa. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/>. Acessado em 17/05/2016

UOL Esporte. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br>. Acessado em 17/05/2016

VOGEL, Arno. *O momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional*. In: DA

MATTA, Roberto. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Edições Pinakotheke, 1982. p. 75-115.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acessado em 17/05/2016

ZERO HORA. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/>. Acessado em 17/05/2016